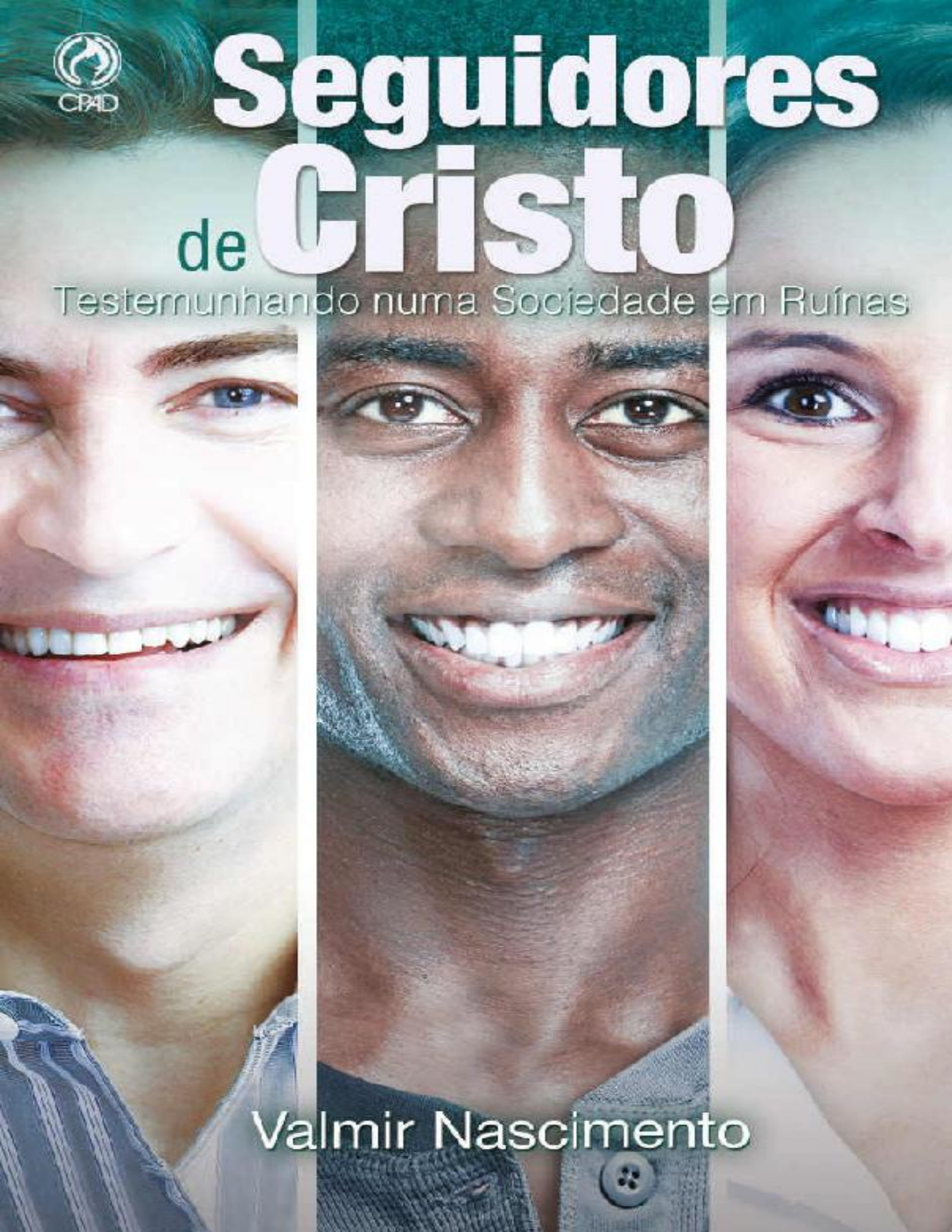

CPAD
Seguidores de Cristo
Testemunhando numa Sociedade em Ruínas
Valmir Nascimento

Seguidores de Cristo

Testemunhando numa Sociedade em Ruínas

Valmir Nascimento

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2017

Todos os direitos reservados. Copyright © 2017 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Cristiane Alves

Capa: Wagner de Almeida

Projeto gráfico e Editoração: Oséas F. Maciel

Produção de ePub: Cumbuca Studio

CDD: 230 – Cristianismo e Teologia Cristã

ISBN: 978-85-263-1472-6

ISBN digital: 978-85-263-1489-4

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site:http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2017

Dedicatória

Com amor, para minha esposa Carla Marcele e filhos Vinícius e Beatriz.

Com gratidão, aos meus pais João Pedro e Joventina, e meus irmãos Gerson, Wanderley, Vera, Valdineire, Vagner e Maiara.

A Relevância Pentecostal na Esfera Pública

O que foi dito até este ponto vale para o Cristianismo em geral e para o Pentecostalismo em particular. Falando a partir de uma perspectiva de quem acredita na atualidade dos dons, no Batismo com o Espírito Santo e na *glossolalia*, devo ressaltar que os pentecostais têm sido caracterizados como um povo de muito poder, mas pouco envolvimento com as questões de natureza pública. Gregory J. Miller afirmou que "acentuando a experiência de Deus na conversão e também uma dotação especial pelo Espírito Santo para o serviço e ministério cristãos (At 2.4; 1Co 12), os pentecostais trouxeram energia para o evangelismo e missões mundiais"[1]. Tal assertiva é verdadeira, mas por que essa energia não é percebida também na esfera pública, em todos os setores da sociedade?

Não deveria ser assim, pois um dos fatores que distingue o Pentecostalismo das demais vertentes do protestantismo é a sua crença na continuidade dos dons — e a consequente capacitação para o testemunho público, assim como o entendimento de que o livro de Atos fornece um modelo para a igreja contemporânea. Nas palavras de Robert Menzies: "A hermenêutica do crente pentecostal típico é direta e simples: as histórias em Atos são minhas histórias — histórias que foram escritas para servir de modelo para moldar a minha vida e experiência"[2]. Se as narrativas de Atos nos servem de modelo, como de fato acreditamos, deveríamos dar semelhante testemunho impactante que os irmãos da Igreja Primitiva deram, sem nos limitar ao âmbito eminentemente religioso.

Além disso, de maneira mais articulada, a teologia pentecostal também pode refletir sobre questões públicas a partir de seus próprios pressupostos teológicos, sem depender inteiramente de outras tradições religiosas (Foi-se o

tempo em que se achava que o Pentecostalismo era um movimento a procura de uma teologia). Dentro dessa perspectiva, o teólogo pentecostal Amos Yong afirma que, embora se suponha que o Pentecostalismo seja uma teologia baseada na experiência, espiritualidade ou piedade, é possível se extrair dela implicações normativas para a fé cristã em praça pública. Ele observa que uma reflexão teológica distintamente pentecostal não é apenas uma atividade eclesiástica, "mas tem potencial construtivo para iluminar a crença e a prática cristã no século XXI"[3].

Com base nessa premissa, Amos Yong recorda que as cinco afirmações teológicas do Pentecostalismo (Jesus salva, santifica, batiza com o Espírito Santo, cura e em breve voltará para reinar), que formam o Evangelho quíntuplo, serve de estrutura analítica para a autocompreensão distintiva e coerente do Pentecostalismo, honrando a sua natureza plural, ao mesmo tempo em que é útil para pensar teologicamente a participação social, política e econômica dos carismáticos.

De fato, embora as cinco máximas doutrinárias da teologia pentecostal possam ser consideradas simples por alguns, elas honram as Escrituras, exaltam a centralidade e soberania de Cristo, e fornecem diretrizes cardeais para o nosso envolvimento com a sociedade contemporânea, tendo o Evangelho de Atos como modelo.

Com efeito, *Jesus como salvador e libertador,* enfatiza o senhorio de Cristo e a majestade de Deus sobre toda a criação, revelando o poder de Jesus sobre a morte e o pecado.

Jesus como santificador aponta para restauração e santificação do povo de Deus e incluem não somente sua purificação, mas também sua consagração para testemunhar e contribuir com a redenção do mundo[4], implicando assim consequências políticas. Contudo, tendo como exemplo a Igreja Primitiva, ao mesmo tempo em que preserva certa separação cristã em relação ao mundo, uma política de santidade inspira compromisso cultural de engajamento e transformação, discernido pelo Espírito e conduzido para a glória de Deus. Além da erradicação dos efeitos do pecado no nível pessoal, a santidade conduz à busca da perfeição que trás efeitos sócio-políticos, impactando organizações e instituições locais.

Jesus como aquele que batiza no Espírito Santo — permite articular, segundo Yong, uma política profética na sociedade civil. Classicamente, a

teologia pentecostal compreende o batismo no Espírito Santo como um revestimento de poder divino, que capacita o cristão para o testemunho e evangelização do mundo. Além disso, o empoderamento do Espírito capacita o crente para testemunhar explicitamente na praça pública, instigando também para uma vida de comunidade, mutualidade e generosidade.

Amos sugere, em *Jesus como curador*, que as curas corporais não são eventos tão somente milagrosos, mas soteriológicos, como sinal do Reino de Deus. Inspirada pelo Espírito, a igreja é, então, a manifestação da cura, reconciliação, paz e justiça[5]. No plano econômico, em vez de ser dominada pela lógica do mercado de troca e suas transações de oferta e demanda, a igreja é guiada pneumatologicamente pela graça, perdão e solidariedade, servindo a Deus e não a Mamom.

Jesus como o rei que está voltando, o último elemento doutrinário desta lista, aponta para uma dimensão escatológica da teologia pentecostal. Enquanto Deus derrama o seu Espírito no tempo presente, ainda trabalha ativamente na esperança do Reino vindouro. Com efeito, a dimensão escatológica da teologia política de matriz pentecostal refere-se não meramente a crenças do porvir, mas orienta a prática cristã no presente. A esperança cristã engloba o dom do Espírito que nos atrai para a história de Jesus e evita uma mentalidade escapista, permitindo com isso um desempenho em praça pública,[6] como um povo de oração, adoração e louvor, testemunhando os poderes da cruz, como antecipação da restauração futura.

Assim, para que a igreja possa ser relevante em um mundo caído e corrompido, devemos nos lembrar destas verdades simples, mas poderosas: Jesus salva e liberta, santifica, cura, batiza no Espírito Santo e em breve voltará.

É exatamente a partir desta perspectiva que o presente livro foi escrito. Embora tenha sido produzido com o propósito de servir como apoio à lição bíblica de jovens de mesmo título, as reflexões e pesquisas aqui contidas são mais abrangentes, com o propósito de discutir sobre diversos temas que emergem na sociedade contemporânea, a respeito dos quais somos chamados a dar respostas contundentes à luz das Escrituras e das convicções cristãs. Mais que isso, é um convite ao testemunho no poder do Espírito!

---

1 PALMER, M. D. (Org.). *Panorama do Pensamento Cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. p. 143.

2 MENZIES, R. *Pentecostes:* Essa História É a nossa História. E-book Kindle. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 322.

3 YONG, A. *In the Days of the Caezar*: Pentecostalism and Political Theology (Sacra Doctrina: Christian Theology for a Postmodern Age). E-book Kindle. Grand Rapids, Michigan: The Cadbury lectures, 2009, p. 142.

4 YONG, 2009, p. 2237.

5 YONG, 2009, p. 3363.

6 YONG, 2009, p. 3947.

Sumário

Apresentação — A Relevância Pentecostal na Esfera Pública

1. Relevantes como o Sal, Resplandecentes como a Luz

2. A Cosmovisão Cristã em um Mundo de Vãs Ideologias

3. O Problema da Fome no Mundo Contemporâneo

4. O Cristão diante da Pobreza e da Desigualdade Social

5. Refugiados: Um Problema da Atualidade?

6. Lidando com o Preconceito e a Discriminação

7. Política e Corrupção na Perspectiva Cristã.

8. A Resposta Cristã para a Violência Urbana

9. Em Tempos de Violência Cibernética

10. Os Perigos e as Oportunidades das Redes Sociais

11. Sabedoria Divina para Interagir com os Meios de Comunicação

12. A Educação Secular em Tempos Trabalhosos

13. E agora, como Viveremos na Sociedade de Consumo?

14. A Importância do Ensino Cristão no Mundo Atual

Bibliografia

Capítulo 1

Relevantes como o Sal, Resplandecentes como a Luz

> "Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo"; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas, no velador, e dá luz a todos que estão na casa. — *Mateus 5.13-15*

A metáfora "sal da terra" e "luz do mundo" empregada por Jesus é das mais contundentes e significativas do Novo Testamento, fornecendo aos discípulos inspiração e responsabilidade para o cumprimento da *missio Dei*[7] no mundo. A ilustração empregada pelo Mestre foi decisiva para pavimentar o testemunho cristão no curso da história e ainda permanece igualmente válida para a igreja contemporânea, instigando-a ao cumprindo da missão que lhe foi confiada.

Para compreendermos a essência das palavras de Jesus, é importante destacar as palavras de Roy Zuck e Darrel Bock, a respeito do Evangelho de Mateus: "[...] o assunto das missões é um ponto de transição apropriado para mudar da discussão sobre Deus e sua obra para os discípulos e seu trabalho, já que o tópico diz respeito ao objeto, ao sujeito e à motivação que reúnem Deus, seu povo e os que precisam de salvação"[8]. Assim, as missões "são uma questão de suprema importância para Mateus, fato esse demonstrado pelo lugar que ocupam no ponto culminante de seu Evangelho"[9].

As palavras registradas em Mateus 28.19, "[...] ide, ensinai todas as nações" é uma ordem que assume lugar central à medida que o Evangelho de Mateus se aproxima do fim, cujo contexto "tem o efeito de transformar esse comissionamento em um decreto que se perpetua, já que Jesus estipula que o processo de fazer discípulos deve incluir ensiná-los 'a guardar todas as coisas

que eu vos tenho mandado (v.20)’”[10]. Dentro dessa perspectiva, “A principal ordem entre os mandados de Jesus que devem ser ensinados e obedecidos diz respeito às missões”[11]. Mais:

> Mateus não espera o fim do evangelho para enfatizar o tema das missões no ensinamento de Jesus. Na verdade, o primeiro chamado de Jesus para seus discípulos é uma convocação para que se juntem a Ele na obra de fazer mais discípulos: “Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens” (4.19). Dessa forma, as primeiras e as últimas palavras de Jesus para os discípulos se tornam uma ordem para ampliar e entender o grupo de comunhão[12].

De fato, ao passo que descortinamos as narrativas do evangelho, vislumbramos não somente a preocupação de Cristo com o ministério que apontava para a cruz, mas também o seu investimento no chamado e formação de discípulos, de maneira tal que pudessem pôr em prática a estratégia de Deus neste mundo. Nas palavras de Robert Coleman: “O objetivo inicial do plano de Jesus era o de arregimentar pessoas que fossem capazes de testemunhar a respeito de sua vida e manter sua obra em andamento depois que retornasse ao Pai”[13].

Não é de surpreender, portanto, que a eloquente e inconteste afirmação de Jesus para os seus discípulos sobre a qual estamos abordando, está situada logo após as bem-aventuranças, sugerindo com isso que para ser sal e luz neste mundo o discípulo deve primeiramente compreender as características e o comportamento que dele se espera. As beatitudes servem como *preâmbulo constitucional* da missão cristã na terra e estabelece valores que devem dirigir o encargo sociocultural dos crentes, sem os quais não temos condições de testemunhar efetivamente no presente tempo. Isso diz respeito a caráter e integridade, que devem fazer notar o sabor e a transparência da vida autenticamente cristã.

Noutras palavras, Jesus anuncia antecipadamente as qualidades daqueles que hão ser sal da terra e luz do mundo: os pobres de espírito, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os limpos de coração, os pacificadores e os que sofrem perseguição. Assim o é porque, enquanto a metáfora diz respeito à diferença que os cristãos devem fazer no

mundo, as bem-aventuranças destacam as diferenças que os cristãos devem ter em relação aos padrões do mundo. O expositor bíblico Warren Wirsbe disse com propriedade que as bem-aventuranças "[...] mostram uma perspectiva radicalmente diferente daquela do mundo ao nosso redor. O mundo estimula o orgulho e não a humildade. O mundo incentiva o pecado, especialmente se for possível escapar impunes. O mundo está em guerra com Deus, enquanto Deus deseja se reconciliar com seus inimigos e recebê-los como filhos"[14].

Portanto, a perícope de Mateus 5.13-15 tem como pano de fundo a missão de Deus para os seus discípulos, e compõe um encargo bem específico, um comissionamento dentro da Grande Comissão (Mt 28.10-20). Partilham desse entendimento Roy Zuck e Darrel Bock, para quem tal passagem é um "comissionamento em miniatura"[15], não por ser de menor importância, mas por estar associada ao mandato bíblico de proclamar a salvação e fazer discípulos.

A Relevância do Sal

Jesus inicia o seu discurso de maneira direta, sem rodeios ou meias palavras: "Vós sois o sal da terra" (v.13). Franz Zeinlinger refere que esta partícula é uma "determinação do ser"[16]. Não há margem aqui para conjecturas. O mestre diz de maneira explícita que os discípulos *são o sal da terra*, no sentido de obrigação, de *dever ser*. Por certo, tais palavras contrastam com uma cultura marcada pelas aparências e hipocrisias, presente até mesmo no campo religioso, em que as pessoas simulam comportamentos e virtudes para *parecer ser* alguma coisa. O comando divino não é para que o povo de Deus pareça ser sal, e sim que seja sal, de fato e de direito!

Mas o que significa ser sal da terra? Embora a alegoria não seja hoje prontamente compreensível para a maioria de nós, por considerarmos o cloreto de sódio um simples condimento —, às vezes, um vilão da saúde se usado em excesso, na época em que proferidas as palavras de Cristo tinham significado mais manifesto para os ouvintes. Em Israel, o sal era uma iguaria valiosa, usada para temperar os alimentos, fertilizar o solo e até mesmo como produto medicinal. No Império Romano, inclusive, os soldados eram retribuídos com sal, de onde advém a palavra salário (do latim *salarium*), o qual podia ser trocado por alimentos e outros produtos. O sal também possuía

simbologia religiosa e cultual (Lv 2.13). Provavelmente, a expressão "Concerto de Sal" (ou Pacto de Sal; Nm 18.19; Lv 2.13; 2 Cr 13,5) refere-se a um antigo costume de confirmar uma aliança por intermédio de uma refeição entre as partes[17]. James Shelton explica que o ensino rabínico associava a metáfora do sal à sabedoria. Por isso, diz Shelton, o propósito de Jesus era destacar que era loucura os discípulos perderem o caráter, já que assim são imprestáveis para o Reino[18].

O que Jesus estava dizendo, portanto, é que se os discípulos mantivessem as suas propriedades essenciais, o seu caráter, tal qual o sal, haveriam de preservar a terra contra a corrupção moral e temperar a sociedade com o seu sabor característico, mediante o testemunho e o anúncio das Boas-Novas transformadoras de Cristo (Mc 16.15). "Assim como Cristo revitalizou e deu gosto à vida do crente, cada discípulo, por sua vez, deve fazer o mesmo pela vida de outros", asseverou Ralph Earle[19]. De que maneira? Oferecendo vida abundante (Jo 10.10), graça (Tt 2.11), esperança (Rm 8.24), propósito (Ef 3.11), paz (Ef 2.17), fé genuína (Hb 11.1) e amor verdadeiro (Jo 3.16, 1 Co 13) àqueles que vivem na terra, de modo a transformar o mundo "numa oferta 'saboreável' para Deus"[20]. Com essa imagem, diz Zeilinger, "Mateus certamente quer dizer que os cristãos que expressam sua fé viva em seu anúncio, em seu comportamento e no sofrimento por causa de Jesus, são para o mundo o que o sal é para o alimento, isto é, 'elemento essencial, irrenunciável'"[21]. Assim, "para eles não deve haver nenhuma retirada do mundo por causa das perseguições e maledicências ligadas ao ser cristão, pois o mundo é a tarefa deles!"[22].

Tal perspectiva é interessante, pois nos mostra que a presença dos crentes neste mundo físico é imprescindível (cf. Jo 17.15), o que afasta a ideia de um cristianismo distante desta terra, ou seja, da sociedade em si. Nas fortes e acertadas palavras de Zeilinger:

> Se o movimento cristão não comparece ao mundo humano, a definição do cristão como sal da terra torna-se uma farsa. Tal cristianismo mostra-se impotente e, na melhor das hipóteses, atola-se na superficialidade. Portanto, não pode ser questão de que nos entendamos a nós mesmos como "sal da terra", mas sim de sê-lo para o mundo, pura e simplesmente, à medida que vivemos rumo àquilo a que o "núcleo" — a comunhão de vida com Cristo

— nos atrai e arrasta[23].

Isso porque o sal somente tem valor se entrar em contato com o alimento, ao tocar em outra substância para que tempere ou preserve[24]. Assim como o insulso, o sal dentro do saleiro e longe do alimento não tem serventia alguma. Sozinho, ele não produz efeito. Semelhantemente, os discípulos de Jesus somente mostram as propriedades decorrentes da transformação espiritual se estiverem em contato com este mundo carente e sem sabor, que anseia pelo ingrediente espiritual da fé cristã.

Com tal metáfora, Jesus evidencia a relevância sociocultural e ética dos cristãos. A comunidade cristã, logo, não foi chamada para viver ensimesmada em guetos religiosos, mas para espalhar o tempero da graça em todos os setores da sociedade. Certamente, tal relevância não tem a ver com uma agenda social ou com ativismo religioso. A importância cristã na esfera pública deve ocorrer de maneira natural, como consequência da vivência contínua e duradoura dos discípulos sob o senhorio de Cristo (2 Pe 1.11), o que nos leva ao enfretamento das injustiças, da violência, da opressão e das demais mazelas sociais decorrentes do pecado, como veremos ao longo desta obra.Também não devemos confundir relevância social da igreja com o seu crescimento numérico. Nem sempre quantidade representa qualidade espiritual. Se o aumento da população evangélica não for fruto de genuíno avivamento pela Palavra (Hb 3.2), não haverá testemunho público impactante. O sal, mesmo em pequena porção, possui efeitos notáveis. A Igreja Primitiva comprova tal verdade!

Todavia, ao final do verso 13, em Mateus 5, Jesus anuncia a consequência inescapável da perda do poder de salgar: “Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens”. Ao proferir estas palavras de advertência, Jesus tinha em mente a destinação que era dada ao sal recolhido da região do Mar Morto que havia perdido a sua propriedade de salgar. Ele era guardado no Templo de Jerusalém e quando as chuvas de inverno tornavam os pátios escorregadios, o sal era espalhado para servir de estrado, sendo pisado pelos homens. É a tragédia do cristianismo pisoteado, que desonra a Cristo e escandaliza o evangelho.

Como vimos há pouco, a expressão “sal insípido” tinha a conotação de um ato tolo[25], visto que o sal se tornara inútil. Análise semelhante é feita por A.

T. Robertson, ao explicar que a palavra “insipido” é derivada de “estúpido”, “indolente”, “lerdo”, “bobo”, “tolo” e significa “bancar o bobo”[26]. Parece uma assertiva dura, mas à luz desta interpretação, é de se concluir que os discípulos que perdem as marcas de Cristo fazem papel de “tolos” em meio aos homens. Afinal, crentes sem discernimento, sem a mente de Cristo (1 Co 2.16), desprovidos da sabedoria do alto (Tg 3.17), são inúteis para o Reino e, consequentemente, para a sociedade. Deus nos guarde de sermos crentes inúteis, indolentes e sensabores!

O Resplendor da Luz

Voltemo-nos agora para a segunda parte da metáfora em Mateus 5: “Vós sois a luz do mundo [...]”. Essa ilustração, tanto quanto a primeira, emerge do ensino que Jesus acabara de ministrar aos seus ouvintes, cujo propósito é reforçar o papel refulgente dos discípulos em um mundo tenebroso. A luz ilumina e aquece os ambientes, e no lugar em que as suas ondas chegam as trevas se dissipam. Ela simboliza a transparência da vida cristã, testemunhada na sociedade pela conduta reta e virtuosa, vista por todas as pessoas. Eis aí a verdade subjacente que sublinha a alegoria.

Não obstante, embora os discípulos sejam a “luz do mundo”, a verdadeira fonte desta luz é Cristo. Quando Jesus Cristo começou seu ministério, “o povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz; e aos que estavam assentados na região e sombra da morte a luz raiou” (Mt 4.16). Ele mesmo disse: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue, de modo nenhum andará nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida” (Jo 8.12). Como luzeiro deste mundo, portanto, o crente não reflete a si mesmo, a sua glória, mas a glória de Cristo, iluminando a sociedade em que vive, para que glorifiquem a Deus, pois, segundo o apóstolo Paulo, “não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor; e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus. Porque Deus, que disse: Das trevas brilhará a luz, é quem brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo (2 Co 4.5,6).De acordo com French Arrington, “A luz faz mais que iluminar o caminho; também revela o que está escondido e torna as coisas conhecidas como elas realmente são (v. 17). É assim que o evangelho trabalha. Na medida em que é proclamado, ele expõe os segredos dos corações humanos. A luz deve brilhar ao longe e amplamente, pois ela não só

ilumina os crentes, mas também mostra aos outros como eles são”[27].

Nesse aspecto, podemos melhor compreender os dois elementos simbólicos empregados pelo Senhor logo na sequência: a cidade edificada sobre o monte e a candeia. Enquanto a cidade representa a coletividade pública a lâmpada é um elemento importante na intimidade de um lar[28], mas ambas as figuras destacam a necessidade de claridade.

A Cidade sobre o Monte

Naqueles tempos, as cidades construídas sobre montes — muito comum naquela região — eram vistas de longe pelos viajantes e peregrinos, como um ponto de luz em meio à escuridão noturna. Tais cidades, por menor que fossem, não poderiam viver escondidas; suas lâmpadas e fogueiras acesas haveriam de ser notadas. Jesus está dizendo com isso que os seus discípulos não devem se ocultar do mundo em sociedade. A luz que portam não pode ser restrita ou de algum modo limitada. Segundo John Wesley, Jesus estava a afirmar: “Vós sois, cristãos, “a luz do mundo”, quanto ao vosso caráter e às vossas ações”. Assim, o teólogo inglês prossegue:

> Vossa santidade vos torna tão destacados como se destaca o sol em meio dos céus. Como não podeis sair do mundo, também não podeis estar em meio dele sem vos tornardes manifestos a toda a humanidade. Não podeis fugir dos homens: e, estando em meio deles, é impossível esconder vossa humildade e mansidão, e as demais disposições pelas quais tendes a aspiração de ser perfeito como vosso Pai celestial é perfeito. O amor não é menos susceptível de ocultar-se do que a luz; e muito menos ainda o é, se ele refulge através da ação, quando vos exercitais em trabalhos de caridade, em obras de beneficência de toda espécie. Tanto podem os homens pensar em esconder uma cidade como em esconder um cristão; realmente, se eles puderem ocultar uma cidade situada sobre um monte, poderão enclausurar o santo, zeloso e ativo amante de Deus e dos homens[29].

É justo também assentir com as palavras de Wesley quando ele prossegue para dizer que

> O certo é que uma religião secreta, imperceptível, não pode ser a religião de

Jesus Cristo. Se uma religião puder ocultar-se, esta não será, certamente, o cristianismo. Se o cristão puder esconder-se, não poderá ser comparado à "cidade situada sobre um monte", à "luz do mundo" ao sol refulgindo no alto e sendo contemplado cá de baixo por todas as criaturas. Nunca, pois, deve entrar no coração daquele a quem Deus houver renovado no espírito de sua mente, o pensamento de ocultar a luz, de guardar para si a própria religião, principalmente se se considerar que não só é impossível esconder o verdadeiro cristianismo, mas isto seria absolutamente contrário aos intuitos de seu grande Fundador[30].

> Cabe lembrar que Wesley não era somente um homem de palavras. Ele colocou isso em prática durante o decorrer de sua vida. Foi precursor do movimento metodista e um dos responsáveis pelo avivamento da Grã-Bretanha, com influência em todo o Ocidente. Em *A Divisão da Cristandade* o historiador Cristopher Dawson diz que: "Wesley e seus seguidores muito bem organizados afetaram poderosamente a história e a cultura norte-americana. Em grande parte, foi devido a sua influência e na de seu aliado, Whitefield, que os esforços secularizadores do período revolucionário foram derrotados"[31]. Dawson diz que "nenhum outro estrangeiro alcançou um resultado tão forte e duradouro nos Estados Unidos, e dificilmente é um exagero dizer que ele foi um dos Pais Fundadores da cultura norte-americana do século XIX"[32].

A candeia sobre o velador

Se a cidade não pode ser escondida, a candeia não deve ser colocada debaixo do alqueire, mas, no velador, para que toda a casa seja iluminada. Alqueire era uma vasilha feita de barro que servia para medir cereais e o velador, um móvel específico e alto que servia para colocar as lâmpadas, a fim de que todo o ambiente fosse alumiado.

Mais uma vez, a intenção é enfatizar o perigo de uma vida cristã paradoxal: não faz sentido ser transformado por Deus para brilhar e, ao mesmo tempo, não fazer uso desse brilho celestial. Zinlinger afirma que: "Como quer que se deva entender a função do alqueire, em todo caso exprime-se a ideia fundamental, já observada a propósito do sal, de que é um paradoxo ser "inflamado" por Cristo e, a seguir, não agir em prol do mundo e da

comunidade cristã, ou seja, não irradiar o que o Senhor acendeu”[33].

Em meio às trevas morais que empalidecem e ofuscam a vida contemporânea, a igreja faz raiar o brilho da esperança. Com efeito, nosso compromisso com Cristo há de nos levar a viver de uma maneira tal que sirva de modelo para as demais pessoas. O apóstolo Paulo expressou essa verdade ao dizer que devemos ser irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis, no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandecemos como astros no mundo (Fp. 2.15).

Para cumprir a sua finalidade, a lâmpada não pode ficar escondida. Ela precisa ser posta em local propício para que suas ondas se propaguem em todas as direções. Igualmente, os filhos de Deus são chamados a reluzir amplamente, fazendo-se notar em todos os segmentos da sociedade. Ao restringirmos a dimensão da nossa espiritualidade somente aos limites da igreja e do lar, estamos a esconder a luminosidade que resplandeceu em nossos corações (2 Co 4.6) e sobre a qual é nos exigido testificar (Jo 1.7,8). Se a nossa vida é completamente iluminada pelo Senhor, não tendo trevas em parte alguma (Lc 11.36), então o brilho da nossa fé é igualmente integral e abrangente, capaz de alumiar o mundo além da religião, incluindo as grandes áreas de influência do mundo: economia, comércio, direito, meios de comunicação, artes, educação, governo e política.

Resplandecentes para a Glória de Deus: testemunhando no Poder do Espírito

Jesus concluiu o ensino a respeito do sal e da luz enfatizando o propósito final do testemunho relevante dos discípulos diante dos homens: “[...] para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5.16). Faz-se evidente que a dupla simbologia empregada pelo Mestre diz respeito ao testemunho cristão no mundo. A expressão “diante dos homens” é importante e reforça uma vez mais a natureza social da missão confiada aos discípulos. As boas obras levam à glorificação, não dos discípulos, mas do Pai que está nos céus. Afinal, a igreja não foi chamada para estar em evidência ou para ser aplaudida, e sim para honrar e glorificar a Deus!

Se a essência da metáfora é o testemunho dos crentes, somos levados a conectá-la com a promessa de Jesus acerca da descida do Espírito Santo,

conforme registrada em Atos 1.8: “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra”. Para o Pentecostalismo, a promessa de Jesus cumpriu-se no dia de Pentecostes (At 2) e desde então o dom do Espírito, o Batismo no Espírito Santo e os dons espirituais estão disponíveis à igreja para testificar o Reino de Deus. Nas palavras de Byron Klaus, “No dia de Pentecostes, passou a existir uma comunidade carismática como a residência primária do governo de Deus. Os crentes podiam ir adiante na sua declaração do Reino, porque o Cristo chegara a todos eles mediante o Espírito”[34]. Agora, prossegue Klaus, “passariam a ser testemunhas do governo de Cristo, e ressaltariam com palavras e ações o caráter e o poder autorizados do Rei”[35]. Com efeito, “O Pentecostes é a chamada de Deus aos seus filhos para serem purificados interiormente, e para serem revestidos de poder para testemunhar”[36].

Dessa maneira, a eficiência e a amplitude do *ser-sal-e-luz* depende do revestimento de poder do Espírito Santo. Isso porque, o Pentecostalismo bíblico não corresponde a uma visão espiritualista da fé, que leva à fuga da realidade presente. Se considerarmos adequadamente o pentecostalismo à luz das Escrituras, notadamente a partir de Atos dos Apóstolos, veremos que a crença pentecostal implica também em uma reflexão sobre o *ser-no-mundo*. Byron Klaus expressou que: “A *koinõnia* criada pelo Espírito, a proclamação que Jesus é Senhor e Salvador, e o ministério compassivo de servo produzem, no seu conjunto, um testemunho poderoso ao ministério de Jesus Cristo”[37].

Por esse prisma, a relevância cristã na sociedade é o resultado direto do testemunho dos crentes no poder do Espírito Santo de Deus. Em acertadas palavras, Klaus disse: “O testemunho diante do mundo é a operação prática de nossa participação na missão de Deus: a reconciliação com o mundo. Proclamamos e demonstramos o caráter compassivo e o poder autoritativo de Cristo, que já irromperam nesta era”. Mais que isso, “[...] damos testemunho das Boas-Novas de que Jesus ama os pobres, os doentes, os famintos, os endemoninhados, os fisicamente torturados, os emocionalmente feridos, os destituídos de amor e até mesmo os autossuficientes”.[38]

Esse testemunho advém da dimensão experiencial e capacitadora da vida no Espírito. É a presença real, pessoal e efetiva de Deus no meio do seu povo que nos possibilita salgar a terra e iluminar o mundo. Eis aqui o distintivo

pentecostal em um mundo de pluralismo religioso: temos fome de Deus e da sua presença! Muito mais que o estudo especulativo e teórico da divindade, queremos uma experiência viva com o Senhor, que se expressa vitalmente no dia a dia. O teólogo pentecostal Gordon Fee asseverou com propriedade que o Espírito capacita a vida ética em todas as suas dimensões — individualmente, dentro da comunidade e no mundo. “Os crentes em Cristo, que mais, mais do que qualquer outra coisa, são o povo do Espírito, são descritos de variados modos como aqueles que vivem pelo Espírito, andam no Espírito, são guiados pelo Espírito, dão o fruto do Espírito e semeiam para o Espírito”[39].

N. T. Wright parece trilhar esse mesmo pensamento ao interpretar a passagem de João 16.8-11. Consoante Wright: “[...] quando o Espírito vier fazer o que Jesus descreve aqui, a igreja não ficará de braços cruzados, vendo tudo acontecer. Não, o modo como o Espírito provará que o mundo está errado será por meio de nós e de nosso testemunho. Esta é uma parte de nossa vocação celestial. Não fazê-lo é o mesmo que extinguir o Espírito”[40].

É significativo observar, por fim, que o símbolo do batismo com o Espírito Santo e do pentecostalismo é o fogo, em alusão a Atos 2.3. Além de aquecer, a chama irradia luz. Consequentemente, a espiritualidade pentecostal não se restringe a um gueto; ela é capaz de impactar o mundo no poder do Espírito Santo e fornecer uma visão distinta sobre a sociedade, iluminando-a.

---

7 Expressão latina que significa a missão de Deus.

8 ZUCK, R. B. (Ed). *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 43.

9 ZUCK, 2016, p. 43.

10 ZUCK, 2016, p. 43.

11 ZUCK, 2016, p. 43.

12 ZUCK, 2016, p. 44.

13 COLEMAN, R. E. *Plano Mestre de Evangelismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 16

14 WIRSBE, W. W. *Comentário Bíblico Expositivo*: Novo Testamento1. Santo André/SP: Editora Geográfica, 2007, p. 24.

15 ZUCK, 2016, p. 44.

16 ZEINLINGER, F. *Entre o Céu e Terra*:*Comentário ao Sermão da Montanha* (Mt 5 – 7). E-book Kindle. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 1405.

17 PFEIFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J. (Eds.). *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 1729.

18 ARRINGTON, F. L.; STRONSTAD, R. (Eds.). *Comentário Bíblico Pentecostal*. Rio de Janeiro: 2004, p. 43

19 CHILDERS, C. L.; EARLE, R.; SANNER, A. E. (Eds.). *Comentário Bíblico Beacon*: 6 – Mateus a Lucas. Rio de Janeiro, CPAD, 2016, p. 57.

20 ZEINLINGER, 2008, p. 1433.

21 ZEINLINGER, 2008, p. 1442.

22 ZEINLINGER, 2008, p. 1444.

23 ZEINLINGER, 2008, p. 1477-1480.

24 ARRINGTON; STRONSTAD, 2004, p. 541.

25 Tal constatação não contradiz a advertência de Jesus em Mt 5.22 - quando exorta sobre a utilização das palavras “raca” e “louco”, visto que ali o Mestre está censurando o ato de cólera, a violência contra outrem. Tolo aqui tem a mesma conotação de insensato (Mt 23.17) e néscio (Lc 24.25).

26 ROBERTSON, A. T. *Comentário Mateus e Marcos à luz do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 69.

27 ARRINGTON; STRONSTAD, 2004, p. 365.

28 ZEINLINGER, 2008, p. 1511.

29 WESLEY, J. *Sermão da Montanha* — Esboço do Sermão 24. Disponível em: http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/documentos-oficiais/SERMAO_24_SOBRE_O_SERMAO_DO_MONTE_DISCURSO_4.pdf. Acesso em 21 maio 2017.

30 Referência citada.

31 DAWSON, C. *A divisão da cristandade*: Da Reforma Protestante à Era do Iluminismo: São Paulo: É Realizações, 2010, p. 294.

32 DAWSON, 2010, p. 294.

33 ZEINLINGER, 2008, p. 1524

34 KLAUS, B. D. *A Missão da Igreja*. In: HORTON, S. M. T*eologia Sistemática:* Uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 587.

35 HORTON, 1996, p. 587.

36 HORTON, 1996, p. 587.

37 HORTON, 1996, p. 587.

38 HORTON, 1996, p. 606.

39 FEE, G. D. *Paulo, o Espírito e o Povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 224.

40 WRIGHT, N. T. *Surpreendido pelas Escrituras*. Viçosa/MG: Ultimato, 2015, p. 186.

Capítulo 2

A Cosmovisão Cristã em um Mundo de Vãs Ideologias

> E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. — *Romanos 12.2*

Em uma época carregada de ideologias, tanto antigas quanto novas, como o cristão pode escutar a serena voz de Deus e discernir a sua perfeita vontade quando tantas vozes humanas invadem o nosso espaço e tentam nos convencer de que são elas — e não o evangelho — a resposta para os problemas do mundo?

Sabendo que a sociedade atual é dominada por sistemas de pensamentos incompatíveis com a fé cristã, iremos refletir neste capítulo sobre o conceito de *ideologia* e como formar uma mentalidade essencialmente cristã, uma visão de mundo abrangente, pela qual possamos discernir as vozes do nosso tempo e refutar os sistemas de ideias incompatíveis com as Escrituras.

Um Mundo Movido Por Ideias e Ideais

Com o fim da Guerra Fria e o colapso do comunismo, muitos pensadores chegaram a declarar o fim das ideologias. O cientista político, nipo-americano, Francis Fukuyama foi um dos principais profetas dessa decadência ideológica. Fukuyama acreditava que o capitalismo e a democracia liberal representavam o último estágio da história humana e, após o esgotamento do comunismo e do fascismo, não haveria mais espaço para novas lutas ideológicas. Tal prognóstico, porém, não foi confirmado pela realidade. Embora todas as ideologias e promessas históricas que marcaram o século XX, baseadas na autonomia do indivíduo, tenham falido, caindo uma após a outra como soldadinhos de brinquedo[41], outras ideologias se

apresentaram para preencher o vácuo deixado[42], porquanto a mente caída do homem é habilidosa para inventar (Ec 7.19) sistemas sociais e políticos que visam dar sentido ao mundo e resolver os problemas decorrentes da queda no pecado. Porém, quando tal idealização se firma em fundamentos secularizados, que partem da premissa da inexistência de Deus, então o desmoronamento ideológico é inevitável.

Mas, afinal, que é uma ideologia? Em linhas gerais, os dicionários a definem como o conjunto de ideias, convicções e princípios filosóficos, sociais, políticos que caracterizam o pensamento de um indivíduo ou grupo social. Seu propósito básico é estabelecer um conjunto de premissas e pressupostos que sirvam como norte para a conduta pessoal ou coletiva.

A ideologia pode ser vista como uma falsa consciência, utilizada com o intuito de justificar uma determinada ordem social; uma suposta leitura verdadeira da realidade[43]. Nesse sentido, ideologia é um elemento básico em qualquer visão de mundo, pois fornece as crenças básicas e estabelece os ideais de vida de uma pessoa[44]. Pense por exemplo no socialismo. Aqueles que acreditam nessa ideologia vivem de acordo as suas declarações básicas, pois acreditam serem elas verdadeiras. A ideologia molda as opiniões e o comportamento das pessoas, instigando-as a agirem dessa ou daquela outra maneira.

Ideias e Consequências

Considerando que as ideologias não se tratam de simples modelos teóricos, elas têm repercussões. Afinal, ideias tem consequências! Thomas Sowell diz que “políticas baseadas em uma determinada visão de mundo têm consequências que se espalham pela sociedade e reverberam durante anos, ou mesmo por gerações, ou séculos”[45].

Para ilustrar o poder das “meras ideias”, Dallas Willard relembra o livro de 1889 do romancista francês Paul Bourget, intitulado *O discípulo*. O livro narra a história de um importante filósofo e psicólogo, que vivia basicamente absorto em coisas “meramente” acadêmicas. Ele morava em seu apartamento e a sua rotina consistia basicamente em refeições, passeios, cafés e aulas e, três vezes por semana recebia visitas de professores e aluno das quatro às seis, depois jantava, fazia uma curta caminhada. Depois, trabalhava um pouco mais e ia se deitar pontualmente às dez horas. Era a existência de um

erudito inofensivo que, nas palavras de sua empregada, “não machucaria uma mosca”. Um dia, entretanto, ele foi chamado a prestar depoimento num inquérito policial sobre um de seus ex-alunos, um rapaz brilhante que costumava ir à casa de seu mestre para aprender e embriagar-se em discussões iluminadoras e libertadoras. E, na prisão, enquanto aguardava o julgamento por homicídio, o jovem rapaz escreveu ao seu mestre falando sobre aquilo que havia feito e sobre como todas as teorias aprendidas e discutidas em sala de aula foram colocadas em prática por ele. Ao final, Willard diz que “só raramente as consequências envolvem assassinato, mas os acontecimentos do mundo e da vida das pessoas navegam sobre as águas de um mar ideológico. As matanças no Camboja procedem de discussões filosóficas em Paris”[46].

Outro exemplo marcante dos efeitos negativos de ideias distorcidas está em um dos maiores assassinos da história mundial: Adolf Hitler. Suas concepções sobre a superioridade da raça ariana e as suas teses racistas e antissemitas foram responsáveis pelo genocídio de milhares de pessoas, desencadeando a 2ª Guerra Mundial. Hitler simplesmente aplicou os conceitos teóricos de sua ideologia de seleção natural aos seres humanos. Prova disso foi Auschwitz, campo de concentração e símbolo do holocausto provocado pelo nazismo.

Jesus afirmou que uma árvore é conhecida pelos seus frutos (Mt 7.15-20). Assim como árvores ruins não podem dar bons frutos, ideologias maléficas, portadoras de visões distorcidas acerca da humanidade e da moralidade, não podem dar bons resultados; ao contrário, elas trazem prejuízos e levam ao caos social. Por esse motivo, devemos ter cautela e discernimento para não nos tornarmos presas de ideologias desvirtuadas, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo (Cl 2.8).

CARACTERÍSTICASDAS IDEOLOGIAS CONTRÁRIASAO EVANGELHO

Idolatram algo dentro da Criação

Conceitualmente, vimos que ideologia corresponde a um sistema específico de ideias, uma visão totalizante da vida. Enquanto tal, ela busca resolver os

problemas sociais, econômicos e políticos do mundo, apresentando-se como uma “tábua de salvação”. Em certo sentido, todos os sistemas de ideias possuem uma dimensão religiosa, ao prometer ao ser humano libertação de certos males que afligem a sociedade. O que distingue uma ideologia da outra é a ênfase dada a algum aspecto ou elemento presente no mundo. Com efeito, o ponto comum a todas as ideologias é a veneração excessiva a algum aspecto da criação, o que faz surgir um tipo de idolatria (Êx 20.3; Rm 1.25; 1 Co 10.7).

Geralmente, pensamos em idolatria exclusivamente como o culto de imagens e esculturas feitas por mãos humanas. Mas a idolatria envolve muito mais. É o pecado que tenta substituir o Deus verdadeiro por falsos deuses criados pelo homem, sejam eles físicos ou não, tanto em forma material quanto teórica (Sl 96.5). Em sentido mais amplo, portanto, “a idolatria em formas teóricas pode incluir as vãs filosofias dos homens, pois ela tira parte da glória de Deus (Rm 1.23) e confere honras divinas a outrem. Assim, o naturalismo, o humanismo e o racionalismo são tipos de idolatria”[47].

Não é sem razão que no Decálogo a proibição de ter outros deuses vem em primeiro lugar (Êx 20.3), pois o pecado de idolatria é a origem dos demais pecados. Ao cultuar falsos deuses e falsas ideias o homem perde os referenciais morais e espirituais estabelecidos por Deus, levando a outras práticas iníquas. Se no Antigo Testamento[48] a reverência a Moloque, Asera, Astarte e Baal acarretava matança de crianças, assassinatos, danos físicos, distorções sexuais e outras mazelas, hoje, a obediência cega e idolátrica a certas convicções filosóficas e políticas tem igualmente provocado danos pessoais e sociais catastróficos. A diferença é que os ídolos contemporâneos são sofisticados, e vem envoltos em uma roupagem pós-moderna.

> Os ídolos de hoje costumam usar as vestes da racionalidade, da radicalidade e da instrumentalidade das ideologias modernas. Além disso, ao contrário dos anteriores, esses deuses são poderosamente dinâmicos e estão sempre em movimento. O que permanece aplicável é a essência da idolatria em si. As pessoas colocam algo feito elas em uma posição exaltada na sociedade. Depois, oferecem, sacrifícios em seu nome, como se aquilo tivesse vida e poder próprios. Por fim, elas se sujeitam a esses ídolos, mesmo que seus desejos não tenham sido satisfeitos.[49]

Voltando ao ponto inicial, as ideologias elegem algo dentro da criação e a transformam em seu próprio deus. David Koyzis expressou que “a idolatria escolhe um elemento da criação de Deus e tenta colocar essa coisa acima da barreira que separa o Criador da criatura, transformando-a numa espécie de Deus”. Tal ocorre quando se valoriza mais a liberdade (individualismo), a nação (nacionalismo), o dinheiro (capitalismo), a propriedade comum (socialismo) ou o meio ambiente (ambientalismo), por exemplo, acima de Deus, crendo que tais elementos, por si sós, possam proporcionar prosperidade, segurança e salvação para o homem.

Em certo sentido, o processo de construção ideológica revela o desejo legítimo do ser humano em explicar o que ocorre a sua volta, manifesta a sua necessidade interna de satisfazer a angústia por segurança, liberdade ou organização. Naturalmente, o homem anseia por referenciais. No episódio do bezerro de ouro (Êx 32), por exemplo, o povo de Israel, vendo que Moisés tardava em descer do monte, construiu a sua própria divindade. Seria ela o guia, o ponto de referência visual para aquele povo rebelde. Entretanto, o desejo legítimo foi satisfeito por uma ação ilegítima: a tentativa de substituir Jeová. O problema mais básico das ideologias é que elas tentam substituir a soberania e a suficiência divina por algo aparentemente benéfico, mas canalizado para um fim equivocado. O ouro usado para a construção do bezerro era, afinal, elemento da natureza criada por Deus, mas uma vez fundido e feito em forma de animal para ser adorado, isso culminou na usurpação do propósito divino para o homem.

No mesmo sentido, a devoção demasiada a qualquer coisa fora do Criador se transforma em idolatria. Afinal, compreendemos que o pecado de idolatria se expressa não somente pela adoração aos deuses feitos de pedra ou madeira, mas também pela veneração a ideias e doutrinas humanas, que possam levar a um estilo de vida correspondente (Sl 115.8). A paixão ideológica produz mentes cativas, subservientes às suas proposições. Biblicamente, todavia, o pensamento do cristão deve ser levado cativo não pelas ideologias humanas, mas à obediência de Cristo (2 Co 10.5). Nesse aspecto, cabe o alerta paulino para fugir da idolatria (1 Co 10.14), não nos deixando enganar por ideias que têm aparência de piedade (2 Tm 3.5) e dizem defender o bem, mas no fundo estão cheias de mentiras (Jo 8.44).

Negam a Realidade do Pecado

Outra característica básica das ideologias mundanas é a negação dos efeitos do pecado sobre o homem. O filósofo francês, do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau dizia que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Essa afirmação aparentemente simples foi responsável por uma guinada no pensamento ocidental. Ao rejeitar a natureza humana pecaminosa, Rousseau ofereceu uma perspectiva de completa liberdade e autonomia do indivíduo, em contraposição às instituições. A filosofia de Rousseau, com isso, deu origem ao conceito moderno de revolução, o "qual envolve não somente rebelião política para destituir um governo em especial, mas também a destruição em bloco da sociedade existente, a fim de construir uma nova e ideal sociedade do nada"[50]. Isso levou ao *mito do progresso* e ao pensamento utópico, acreditando ser possível criar uma sociedade perfeita nesse mundo, bastando estabelecer as estruturas econômicas e sociais adequadas para o homem. A Era da Razão (1650-1789) alavancou ainda mais o pensamento de que o progresso pela ciência e tecnologia era algo inevitável. "Os líderes do Iluminismo acreditavam que a razão humana podia retirar o véu da ignorância e superstição e revelar um universo formosamente ordenado"[51].

Ocorre que essa perspectiva ideológica não encontra ressonância nas Escrituras em particular ou no pensamento cristão em geral. A utopia terrena e a ideia do progresso humano, afinal, negam a realidade do pecado decorrente da queda e a força do mal presente no coração do homem. O otimismo humanista desconsidera por completo que a força da maldade opera na sociedade, gerando corrupção, ganância e desonestidade. Com esses fatores, como é possível criar uma sociedade boa e justa pela força do braço do homem, sem a intervenção divina?

O teólogo anglicano N. T. Wrigth faz uma comparação pertinente. Aqueles que creem no mito do progresso são como pessoas remando num barco, tentando chegar à praia, enquanto a maré empurra-os para mais longe, em direção ao alto mar. Por estarem do lado errado, eles não conseguem enxergar que seus esforços são em vão, e pedem que outros barcos se unam a eles nessa esplêndida viagem em direção à praia[52]. Wrigth então afirma:

> O mito do progresso fracassa porque ele, na verdade, não funciona; porque ele é incapaz de resolver o mal cometido no passado; e, por fim, porque

> subestima a natureza e o poder do mal em sim mesmo, deixando de enxergar a importância vital da cruz — a rejeição de Deus e ao mal, que abre a porta para o seu ‘sim’ à criação. Só no cristianismo — e certamente não nas histórias seculares da modernidade — faz algum sentido afirmar que os problemas do mundo não se resolvem pelo nosso esforço para alcançar a luz, mas pelo Deus criador descendo às trevas para resgatar a humanidade e o mundo de sua triste condição.[53]

O utopismo não coaduna com as bases cristãs, pois sabemos que os problemas deste mundo, embora possam ser remediados, não serão solucionados completamente, diante da falibilidade humana (Rm 1.28). Não obstante, a crença na Queda e na natureza pecaminosa do homem não afasta o anseio cristão por mudança e melhoria social, visto que a crença no porvir tem implicações para o tempo presente, proporcionando esperança.

Gordon Fee explica essa correlação ao chamar a Igreja Primitiva de “comunidade escatológica”, visto que os primeiros crentes da era apostólica acreditavam que o futuro havia começado, precisamente por causa do derramamento do Espírito[54]. De acordo com o teólogo pentecostal inglês, “Embora as pessoas fossem incorporadas individualmente ao povo de Deus, o alvo não era simplesmente preparar indivíduos para o céu, mas formar um povo que, pelo poder do Espírito, vivesse a vida do futuro (a vida do próprio Deus) na era presente”[55].

Imbuídos na experiência do Espírito, portanto, os discípulos foram capacitados a viverem a dimensão do Reino em seus próprios dias, tanto no nível individual quanto comunitário. As Boas-Novas eram, antes de tudo, uma mensagem de esperança, que assinalava a vida, a morte e a ressurreição do Filho de Deus. Segundo Fee, a ressurreição de Cristo e a descida do Espírito mudaram completamente a perspectiva da Igreja Primitiva. A expectativa do tempo do fim totalmente vinculada ao futuro ainda por vir, própria das raízes judaicas, “traduzidas pela esperança de um Messias”, deu lugar à crença que o futuro já havia começado, e a ressurreição de Cristo “assinalou o início do fim, a virada das eras”. É essa plataforma escatológica, prossegue Fee, “que define tudo o que diz respeito a eles — como viviam, como pensavam e como interpretavam o papel que tinham no mundo presente, que segundo criam, estava na reta final da existência”.[56]

Como se percebe, a nossa esperança difere — e muito — da esperança humanista e secular. Enquanto a esperança secular firma sua confiança na autonomia e habilidade do homem, a esperança cristã ancora-se na suprema graça de Deus, na perspectiva de que o seu Reino já teve início nesse plano. Mais ainda, a nossa esperança se firma na ressurreição de Cristo: Segundo N. T. Wrigth: "Esta é a mensagem para — e por meio de — toda a igreja, todos nós juntos. Esta é a mensagem de Jesus. Que assim seja para nós, em nós e, principalmente, por meio de nós"[57].

Descreem no Mundo Espiritual

Com base no ponto de vista naturalista, as ideologias humanas não acreditam no mundo espiritual. Homens e mulheres são constituídos unicamente de matéria. O que existe é o aqui e agora, e nada mais. A forma mais básica desse tipo de naturalismo é o evolucionismo darwinista, para quem o homem é o resultado de forças aleatórias da natureza, sem qualquer intervenção divina. Tal concepção deu origem a várias outras visões de mundo ao longo da história, tais como o ateísmo, o marxismo, o humanismo, o existencialismo e mais recentemente o secularismo.

A descrença no mundo espiritual tem efeitos notáveis e perigosos para a vida humana. Se não existe nada além do que podemos enxergar, a vida não tem propósito e o ser humano não deve prestar contas de seus atos a ninguém. Fiódor Dostoiévski escreveu: "Se Deus não existe, tudo é permitido". Nessa mentira diabólica está a justificação para o hedonismo, o liberalismo moral, o antropocentrismo e todo tipo de "ismo" iníquo, destruidor da moral e os bons costumes. Por essa razão, Ravi Zacharias diz que quando alguém tenta viver sem Deus, as respostas à moralidade, à esperança e ao sentido da vida o enviam ao seu próprio mundo para moldar para si uma resposta individualizada. Ele escreve: "Fora do Cristo não há lei, não há esperança e não há sentido. Você, e só você, é aquele que vai determinar e definir estes elementos essenciais da vida; e você e só você, é o arquiteto da sua própria lei moral; você e só você, idealiza sentido para a sua vida; você, e só você, arrisca tudo o que tem baseado numa esperança que você imagina"[58].

Willian Lane Craig também expressou o absurdo da vida sem Deus da seguinte forma:

> Se Deus não existe, tanto o ser humano quanto o universo estão inevitavelmente condenados à morte. O ser humano, como todos os organismos biológicos, tem de morrer. Se esperança de imortalidade, sua vida apenas caminha para o túmulo. Sua vida não passa de uma faísca na escuridão infinita, uma fagulha que aparece, reluz e morre para sempre".
> [...] Sem Deus... o ser humano e o universo seriam simples acidentes do acaso, jogados na existência sem motivo. Sem Deus o universo é resultado de um acidente cósmico, uma explosão aleatória. Não há motivo pelo qual ele exista. Quanto ao ser humano ele é um capricho da natureza — um produto às cegas de matéria mais tempo mais acaso. O ser humano não passa de uma massa gosmenta que evoluiu até à racionalidade. Não há mais propósito na vida para a raça humana do que para uma espécie de inseto; ambos são resultado da interação cega de acaso e necessidade.
> É por esse motivo que o ateísmo não consegue explicar e atribuir sentido à vida de forma coerente.[59]
> Além disso, se Deus não existe, não há um padrão moral absoluto a que o homem deva se submeter. Esse tipo de ideia está na origem, por exemplo, na "ideologia de gênero", ideia que apregoa que os dois sexos — masculino e feminino — são construções culturais e sociais, razão pela qual cada pessoa tem o direito de fazer a sua opção sexual (gênero). É uma prova do poder devastador das ideologias defendidas pelos ímpios. Paulo vaticinou que "o fim deles é a perdição, o deus dele é o ventre, e a glória deles é para confusão deles mesmos, que só pensam nas coisas terrenas" (Fp 3.19).

Mentes Renovadas para um Mundo Cheio de Ideologias Vãs

Vivendo em um mundo cheio de ideologias nocivas à fé cristã, que tentam seduzir e subjugar o nosso pensamento, como o crente pode fazer para discernir a voz de Deus e viver de acordo com a sua vontade?

Certamente, o conselho de Paulo em Romanos 12.2 nos fornece princípios valiosos para o viver cristão em tempos de pluralidade ideológica: "E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus".

A primeira parte do verso diz para não nos conformarmos com este mundo.

Nesta passagem, a palavra conformar, no grego é *syschematizesthe*. Paulo está dizendo para não nos amoldarmos ao modelo mundano; para não sermos controlados pelo seu esquema, pela sua lógica. O aspecto chave na interpretação desta porção bíblica é a correta compreensão da palavra mundo. O expositor bíblico do início do Século XX, D. Martyn Lloyd-Jones, afirmou que ninguém teria a mínima possibilidade de entender o ensino neotestamentário sobre o comportamento e sobre a moralidade sem captar o ensino sobre o mundo[60]. Se você não compreender a distinção entre o Reino de Deus e o mundo dificilmente viverá de acordo com a vontade do Senhor.

No sentido empregado pelo apóstolo Paulo, a palavra "mundo" não se refere às pessoas ou ao universo físico, afinal tanto um quanto o outro são criação de Deus. O mundo físico não é inerentemente mal (1 Tm 4.4). Em sua injunção, Paulo alude ao sistema filosófico, ideológico e espiritual fomentado pelo deus deste século (2 Co 4.4) e pela carne (1 Jo 2.15-17), em oposição à vontade de Deus. Lloyd-Jones observou que o mundo está sendo governado por um poder maligno cujo chefe é o Diabo, ele e "seus poderes controlam a vida deste mundo, sua política, suas artes, seu prazer e seu conceito sobre tudo quanto acontece, enquanto os homens vivem a vida da alma neste mundo limitado pelo tempo"[61].

Com efeito, o cristão conforma-se com este mundo quando aceita seus valores e conceitos morais, os quais destoam das Escrituras. O crente adequa-se ao *ethos* deste século ao tentar introduzir no seio da igreja práticas mundanas com o propósito de atrair maior audiência para os cultos. Mas, a fé genuína jamais entrará em acordo com o sistema ardiloso da carne e de Satanás. A. W Tozer escreveu "A cruz ergue-se em ousada oposição ao homem natural. Sua filosofia é contrária aos processos da mente não regenerada".

Inconformismo Transformador

O inconformismo com o mundo não é suficiente para a formação de uma mentalidade cristã autêntica. Por isso o texto de Romanos 12.2 prossegue: "(...) mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento". Além de rejeitar o costume do mundo, o salvo em Cristo deve ser transformado (gr. *metamorphos*). Paulo não propõe um *inconformismo legalista*, mas o *inconformismo transformador*: enquanto o primeiro enfatiza as regras e as

proibições, o segundo exalta a transformação graciosa de Deus, capaz de levar o crente à rejeição consciente das coisas que se opõem à vontade do Senhor. Afinal, não podemos perder de vista que Romanos é uma carta cheia de graça!

Tal transformação ocorre primeiramente com a nova vida (Rm 6.4), mas deve prosseguir como uma prática constante (2 Co 3.18). É um processo contínuo, como explica o Comentário Beacon: "Transformai-vos tem a força de "continuem sendo transformados". Ao invés de nos entregarmos às influências que tendem a nos moldar à semelhança das coisas que estão ao nosso redor, devemos, dia após dia, empreender uma mudança na direção oposta".[62] Mas, o que deve ser transformado? Lawrence Richards responde: "O que deve ser transformado é a maneira como olhamos para a vida: os valores, os pensamentos, os motivos, o ponto de vista que avalia escolhas. Tratando o assunto de uma forma simples, precisamos enxergar tudo do mesmo ponto de vista de Deus"[63]. Em suma, tudo em nós deve ser transformado, conduzindo-nos a uma maneira nova de ver a vida e o mundo.

Formando uma Visão de Mundo essencialmente Cristã

O que faz o ser humano ser transformado não é a força do hábito ou o acúmulo de conhecimento. Em termos bíblicos, a transformação ocorre por meio da renovação da nossa mente, em Cristo. Quando isso ocorre, passamos a compreender todas as coisas pelas lentes das Escrituras. Entendemos o ser humano e a sociedade em sintonia com a perspectiva de Deus. A isso damos o nome de cosmovisão cristã!

A cosmovisão cristã não é somente a lente pela qual vemos o mundo. É algo mais profundo. É a mentalidade regenerada pelo Senhor. Em uma sociedade cada vez mais secularizada, renovar a mente, moldando-a aos valores do Reino, é algo crucial. O apóstolo Paulo expressou isso da seguinte forma: "Porque, quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo" (1 Co 2.16). No original grego, a palavra mente (gr. *nous*) significa o lugar da consciência reflexiva, compreendendo as faculdades de percepção e entendimento, e do sentimento, julgamento e determinação.

Na magistral obra *A Mente Cristã*, Harry Blamires alerta para a tragédia da perda da consciência cristã sobre a arena pública. De acordo com Blamires,

os cristãos escolheram o caminho da acomodação, retirando o pensamento da esfera da vida pública, comercial e social. Em virtude disso, os crentes não têm nada a dizer em relação à situação contemporânea, porque não temos pensado obre ela de forma cristã:

> Paramos de pensar de forma cristã fora do escopo da moralidade pessoal e da espiritualidade pessoal. Criamos o hábito de tirar as nossas vestes cristãs sempre que entramos na esfera da vida social e política. Como se trata de assunto social ou político, nós deixamos para trás todos os nossos conceitos cristãos bem-experimentados e bem-fundamentados e adotamos o vocabulário secular. Pusemos de lado a conversa sobre a vocação, ou a providência de Deus, ou o destino espiritual do homem, em vez disso, discutimos sobre produtividade, psicologia de linha de montagem e distribuição de pessoal no trabalho. O mais irônico de tudo é que pensamos que realmente estávamos sendo cristãos realistas e práticos quando adotamos esse tipo de atitude. Tiramos dos ombros nossa teologia, mergulhamos nas fábricas e solenemente anunciamos que finalmente trazíamos a igreja até às pessoas.[64]

De acordo com Blamires, uma das tarefas cruciais para a "reconstituição da mente cristã é a de restabelecer o *status* da verdade objetiva como distinta de opiniões pessoais; reabilitar conhecimento e sabedoria em contraposição e predileção e capricho"[65]. Pensar de forma cristã, de acordo com o autor, "é aceitar, com a mente, todas as coisas como relacionadas, direta ou indiretamente, com o destino eterno do homem como filho remido e escolhido de Deus"[66].

De modo geral, a teologia cristã utiliza três conjuntos de doutrinas bíblicas para refletir sobre uma variedade de tópicos: Criação, Queda e Redenção. A perspectiva da Criação explica que Deus criou todas as coisas em perfeição, inclusive o ser humano (Gn 1.26). Ele é a fonte exclusiva de toda a ordem criada, tanto das leis da natureza quanto da natureza humana. A Queda explica o que deu errado com o mundo, a fonte do mal e do sofrimento. Em virtude da desobediência do pecado original, o homem afastou-se de Deus; ser humano e natureza foram afetados pela Queda, provocando o mal e a desordem. Por fim, a Redenção enfatiza o plano redentor de Deus para o

mundo caído. Quando Deus nos redime, Ele nos liberta da culpa e do poder do pecado, e restaura nossa plena humanidade, de forma que possamos cumprir as tarefas para as quais fomos criados. Além do aspecto salvífico, a redenção atinge a vida humana como um todo.

Uma Cosmovisão Distintamente Pentecostal

De modo mais específico, em sintonia com o tom desta obra, devo realçar o que vem sendo chamado de "cosmovisão pentecostal", uma perspectiva que, sem menosprezar a tradição protestante maior, enfatiza as características que assinalam a diferença do movimento pentecostal em relação às demais vertentes da Cristandade; uma forma distintiva de encarar a vida e a sociedade tendo como pressuposto o mover do Espírito e a atualidade dos dons espirituais. Nesse sentido, segundo Byron Klaus, "a cosmovisão pentecostal reflete um modo de entender que abrange a realidade de todos os aspectos da vida — naturais e sobrenaturais"[67]. Assim, "A profecia, a orientação divina, as visões, as curas e os demais milagres, não são considerados exemplos estáticos daquilo que Cristo fazia. São realidades que continuamos a esperar nos dias de hoje; realidades estas que permitem que sejam demonstradas a grandeza e glória de Deus"[68].

> O fato de que o Espírito Santo quer estar operando poderosamente em, e através da vida de cada crente, pode tornar novo e emocionante cada dia. Esse revestimento de poder abre a porta para que o Espírito dê ao cristão um senso daquilo que precisa ser feito, e a capacidade de fazê-lo. Os pentecostais não somente afirmam que os cristãos têm o direito de experimentar o envolvimento sobrenatural do Espírito de Deus, mas também esperam que o poder de Deus permeie a vida de cada seguidor de Cristo.[69]

Tal cosmovisão pentecostal não é um mero amontoado de crenças teóricas, é uma forma dinâmica de entender a vida em toda a sua abrangência. Se, conforme os estudiosos têm assinalado, uma cosmovisão é antes de tudo um compromisso pré-teórico, "uma orientação espiritual mais do que uma questão de mente apenas"[70], segue-se que o Pentecostalismo tem melhores condições de prover uma visão de mundo mais adequada e consentânea com

a natureza humana, tendo em vista sua ênfase na experiência e no relacionamento direto com Deus. Parafraseando Bernardo Campos, o Pentecostalismo não é só um ato noético (relativo ao intelecto) e explicativo, é também prático. Em outras palavras, diz Campos: “Não é uma mera questão intelectual, e sim um ato vivencial, experiencial, existencial e prático, teológico e espiritual”[71]. A espiritualidade pentecostal leva ao viver, mover e existir em Deus (At. 17.28).

Em perspectiva similar, James Smith sustenta que o Pentecostalismo se alicerça em “compromissos fundamentais pentecostais”, que formam de maneira articulada uma cosmovisão pentecostal[72] ou um “imaginário social”, para usar o termo de Charles Taylor. Para Smith os cinco aspectos fundamentais de uma cosmovisão distintamente pentecostal são: 1) uma posição de radical abertura para Deus e, em particular, Deus fazendo algo diferente ou novo, uma abertura para as operações contínuas (e, às vezes, surpreendentes) do Espírito na igreja e no mundo, particularmente o ministério continuado do Espírito, incluindo a revelação contínua, a profecia e a centralidade dos dons carismáticos na comunidade eclesial; 2) uma teologia “encantada” da criação e da cultura que percebe a criação material como “carregada” com a presença do Espírito, mas também com outros espíritos (incluindo demônios e “principados e poderes”), com expectativas envolvidas tanto com os milagres como com a guerra espiritual; 3) uma afirmação não dualística de encarnação e materialidade expressa em ênfase na cura física; 4) devido sua ênfase na experiência e, em contraste com a teologia evangélica racionalista[73], a teologia pentecostal está enraizada em uma epistemologia afetiva e narrativa e; 5) uma orientação escatológica à missão e à justiça.

Outra maneira de interpretar a realidade por meio de pressupostos pentecostais é utilizar as cinco afirmações teológicas mencionadas por Amos Yong na introdução deste livro, quais sejam: Jesus salva, santifica, batiza com o Espírito Santo, cura e em breve voltará para reinar. Esse Evangelho quíntuplo, como comumente é chamado, honra a centralidade de Cristo e fornece uma estrutura analítica importante para compreendermos o mundo e interpretarmos as ideologias contemporâneas, indo além da tríade Criação-Queda-Redenção, para destacar o sobrenatural, o batismo no Espírito Santo, as curas e o por vir.

Seja quais forem os pressupostos utilizados, que façam jus às doutrinas que são caras ao movimento pentecostal, devemos utilizá-los para discernir as ideias que moldam a cultura contemporânea e rejeitar as ideologias que contrapõem a fé cristã, promovem o mal e a injustiça. Tal discernimento não é somente o resultado da nossa capacidade intelectiva ou filosófica, mas principalmente uma demonstração do dom espiritual de discernir espíritos, visto que o Espírito da verdade (Jo 14.17) é o nosso referencial e guia para nos afastar de toda falsidade, incluindo sistemas de ideias políticas, econômicas e sociais que criam seus próprios ídolos, sistemas totalitários e, consequente, seus demônios. Segundo Amos Yong, Jesus é o Cristo que derrota os poderes do demoníaco e expõe todos os absolutos falsos/demoníacos da história e aponta para a defesa do absoluto transcendental e escatológico da justiça divina. “Jesus é o salvador e libertador, aquEle que liberta a humanidade pelo poder do Espírito Santo das perversões demoníacas e redime os poderes para os bons propósitos de Deus”[74].

Não se trata de encarar as ideologias terrenas de modo simplório e espiritualista, mas de maneira bíblica, tendo como premissa a realidade do mundo espiritual: “Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6.12).

---

41 COLSON, C.; PEARCEY, N. *E Agora, como Viveremos*? Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 360.

42 KOYZIS, D. T. *Visões e Ilusões Políticas*: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 17.

43 RAMOS, L. *Os ídolos do nosso tempo*: a cosmovisão cristã em um mundo de esquerdas e direitas. In: RAMOS, L; CAMARGO, M; AMORIM, R. Fé cristã e cultura contemporânea: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral. Viçosa/MG: Ultimato, 2009, p. 138.

44 PALMER, 2001, p. 26.

45 SOWELL, T. *Conflito de Visões*: origens ideológicas das lutas políticas. São Paulo: É Realização, 2011, p. 20, 21.

46 WILLARD, 2001, p. 27.

47 PFEIFER; VOS; REA, 2000, p. 946.

48 Ver: BENTHO, E. C. *A Família no Antigo Testamento*: História e sociologia. 2ª. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

49 RAMOS, 2009, p. 143.

50 COLSON; PEARCEY, 2000, p. 210.

51 PALMER, 2001, p. 129.
52 WRIGHT, 2009, p. 97.
53 WRIGHT, 2009, p. 103.
54 FEE, 2015, p. 11.
55 FEE, 2015, p. 11.
56 FEE, 2015, p. 77.
57 WRIGTH, 2015, p. 210.
58 ZACHARIAS, R. *Poder o homem viver sem Deus?* São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 95-96.
59 CRAIG, W. L. *Apologética contemporânea*: a veracidade da fé cristã. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 28.
60 LLOYD-JONES, D. M. Romanos: Exposição sobre o capítulo 12 – o comportamento cristão. São Paulo: Editora PES, 2003, p. 99.
61 LLOYD-JONES, 2003, p. 101.
62 GREATHOUSE, W. M.; METZ, D. S.; CARVER, F. G. (Eds.). *Comentário Bíblico Beacon*: 8 – Romanos a 1 e 2 Coríntios. Rio de Janeiro, CPAD, 2016, p. 161.
63 RICHARDS, L. O. *Comentário Devocional da Bíblia. Rio de Janeiro*: CPAD, 2012, p. 786.
64 BLAMIRES, H. *A mente cristã*: como um cristão deve pensar. São Paulo: Shedd Publicações, 2006, p. 44,45.
65 BLAMIRES, 2006, p. 47.
66 BLAMIRES, 2006, p. 51.
67 HORTON, 1996, 592.
68 HORTON, 1996, 592.
69 HORTON, 1996, 592.
70 SIRE, J. O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão. 4.ed. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 16.
71 CAMPOS, B. *El Princípio Pentecostalidad*: La unidad em El Espíritu, Fundamento de la paz. Lima: Kerigma Publicações, 2016, p. 127.
72 SMITH, J. Thinking in Tongues: *Pentecostal Contributions to Christian Philosophy*. E-book Kindle. Grand Rapids, Michigan: Eerdman Publishing, 2010, p. 11.
73 Para aprofundar este tema, sugiro: CARVALHO, C. M. *Pentecostalismo e Pós-modernidade*: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
74 YONG, 2009, p. 1854.

Capítulo 3

O Problema da Fome no Mundo Contemporâneo

E, perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração. — *Atos 2.46*

A falta de acesso a alimentação básica ainda é um problema crônico nesse início de Século XXI. Uma em cada sete pessoas passa fome no mundo, apontam as pesquisas mais otimistas. Não se trata de fome eventual, ocasionada pela ausência temporária de recursos financeiros. É a falta constante de comida em quantidade suficiente para saciar adequadamente as necessidades de indivíduos e famílias inteiras ao redor do planeta, especialmente no Sul Global, onde está alojada a maior parte da pobreza mundial.

Mas como é possível explicar a insegurança alimentar no tempo presente? Por que as inovações tecnológicas e os novos meios de produção e distribuição de alimentos não foram capazes de solucionar até agora esse problema social que perdura por centenas de anos? Para responder esses questionamentos devemos nos voltar para as Escrituras, a fim de compreender a origem da escassez de alimentos e o que os cristãos podem fazer a respeito.

A Fome nas Escrituras Sagradas

A terra original criada por Deus era farta, com mantimento suficiente para a subsistência dos primeiros humanos. O Criador disponibilizou ao primeiro casal comida em abundância, conforme extraímos de Gênesis 1.29-30: “E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda erva que dá semente e que está sobre a face de toda a terra e toda árvore em que há fruto de árvore que dá semente; ser-vos-ão para mantimento. E a todo animal da terra, e a toda ave dos céus, e a todo réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde lhes será para

mantimento” (Gn 1.29-30).

O cuidado de Deus com a alimentação do homem é igualmente percebido no Éden. Deus disse que poderia comer livremente de toda árvore do jardim, menos da árvore da ciência do bem do mal (Gn 2.15-17). Antes da Queda, havia fartura e abundância de alimentos, pois os recursos da terra atendiam as necessidades básicas da espécie humana. Além da suficiência de mantimento, havia cooperação entre homem e mulher. Até então, eles desfrutavam de uma relação pacífica de mutualidade, vivendo de acordo com vontade de Deus.

Isso nos leva a compreender que, anteriormente ao pecado original, as condições externas (existência de alimentos) e internas (cooperação humana) viviam em perfeito equilíbrio: “Escuridão e luz, terra e água, planta e animais, seres humanos e animais, homem e mulher. Esse jardim, criado com maestria pelo maravilhoso Pai, era um modelo de ordem e, neste sentido, apto para a existência infinita (Gn 3.22)”.[75] Esse belo quadro foi destruído com a desobediência humana. Ao quebrarem o mandamento divino para não comerem do fruto da árvore da ciência do bem do mal o equilíbrio caiu por terra, assim como a abundância e a cooperação (Gn 3). A consequência da condenação encontra-se registrada nos versículos 17 a 19:

> E a Adão disse: Porquanto destes ouvidos à voz de tua mulher e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e cardos também te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás (Gn 3.17-19).

Tal passagem deixa entrever que o Criador lançou verdadeira maldição sobre a terra e a raça humana, com implicações econômicas. Segundo Aaron Armstrong, o solo é amaldiçoado por causa de Adão, de modo que

> [...] satisfazer as necessidades materiais será difícil. A fertilidade exigirá trabalho pesado. O tempo todo forças externas se oporão à nossa busca por progresso material. A prosperidade sempre será difícil e ilusória. Os próprios materiais e processos com os quais trabalhamos para tentar gerar prosperidade resistirão a nós. E continuará assim até o dia em que

morrermos.[76]

É interessante notar que a Queda não inaugurou o trabalho humano, simplesmente tornou-o mais difícil. O serviço que antes era feito com facilidade, agora passou a ser realizado com suor e canseira. Herbert Hotchkiss expressou da seguinte maneira: “a queda moveu a humanidade da segurança e conforto para a insegurança e hostilidade; portanto, a humanidade passaria o restante de seus dias procurando comida e uma casa”.[77]

A Fome e o Pecado

Como percebemos, a narrativa de Gênesis deixa transparecer que a fome é o resultado direto do pecado do ser humano. Além das dificuldades naturais, a iniquidade acarretou também consequências danosas na natureza humana, gerando competição e instabilidade. R. W. Mackey explica que “essas condições de escassez, competição e instabilidade se ativaram quando o pecado entrou no mundo, fazendo da economia uma realidade. Fontes de fornecimento de produtos de necessidade básica para a vida se tornaram difíceis de adquirir e difíceis de manter”[78].

A natureza pecaminosa do homem é responsável por várias condutas que provocam as situações sociais da fome, a exemplo das guerras (Ez 6.11; 2 Rs 25.2,3), governos injustos, egoísmo, ociosidade (Pv 19.15), corrupção e consumo descontrolado (Lc 15.14). Por isso, as Escrituras relatam vários casos de fome durante os dias de Abraão (Gn 12.10), Isaque (Gn 26.1), José (Gn 41.56,57), Elimeleque e Noemi (Rt 1.1), Davi (2 Sm 21.1), Elias (1 Rs 18.2; Lc 4.25), Eliseu (2 Rs 6.25; 8.1) e do cerco final de Jerusalém (2 Rs 25.3). Ao mesmo tempo, muitas vezes a falta de alimento é retratada nas Escrituras como o juízo de Deus pelo pecado (2 Sm 21.1; 24.13; 1 Rs 8.32; 2 Rs 8.1; Is 51.19; Jr 14.12-18; Ez 5.12)[79].

Segue-se que os problemas sociais, incluindo a falta de comida, têm início quando os homens desobedecem a Deus. Ao encararmos o problema da fome, portanto, não podemos negligenciar a sua natureza espiritual.

A Fome como um Sinal da Vinda de Jesus

Em seu sermão profético (Mt 24), Jesus predisse que a fome seria um dos

sinais do tempo da sua volta: “E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas todas essas coisas são o princípio das dores” (vv. 4-8).

Como vemos, todos os fatores característicos dos dias que hão de anteceder a vinda de Jesus — guerras, pestes e terremotos — formarão um contexto de grave crise alimentar. Aliado a isso, esses dias serão marcados pelo aumento da iniquidade (Mt 24.12), o colapso dos padrões morais (2 Tm 3.1-5) e a operação da injustiça (2 Ts 2.7), responsável pela proliferação da miséria em todo o mundo. Isso explica porque a fome insiste em existir em nossos dias, mesmo que os recursos naturais produzidos pela terra sejam suficientes para atender as necessidades alimentares das populações em todo o mundo. Nesse sentido, relatório “Estado de Segurança Alimentar no Mundo 2015”[80] elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), apontou, à época, a existência de 795 milhões de pessoas em situação de fome. O relatório indicou que fenômenos ambientais extremos, desastres naturais, instabilidade política e conflitos civis dificultam o combate à fome. O documento destacou ainda que uma em cada cinco pessoas desnutridas no mundo vive em contextos de crise caracterizados por uma governança fraca e alto risco a doenças e morte[81].

Portanto, os avanços na produção de alimentos e desenvolvimento econômico de muitas regiões não foram suficientes para erradicar a fome no planeta, pois o problema está alojado no coração caído do homem. Há alimento suficiente para todos, porém, a injustiça, a má distribuição da riqueza, a supressão das liberdades e outros efeitos nefastos do pecado fazem com que nem todos tenham acesso. Tal quadro é agravado pelo esfriamento do amor nos tempos do fim (Mt 24.12). Afinal, não havendo compaixão e sentimento de solidariedade, o contingente de pessoas sem acesso à alimentação básica, em situação de miséria, continuará a persistir.

O Cristão e o Problema da Fome

Ante tal realidade, o crente deve ter discernimento bíblico para encarar o problema da fome, compreendendo toda a sua dimensão. Para tanto, deve rejeitar as explicações humanistas que centralizam a causa da escassez de

alimentos na estrutura política das nações e desprezam os efeitos da Queda. Embora a adoção de políticas públicas adequadas seja importante para reduzir a crise alimentar, a opção política por si só não explica a problemática alimentar.

Além disso, ainda que a fome seja uma característica dos tempos do fim, o discípulo de Jesus não deve se conformar com essa situação, mas envidar esforços para prover comida aos que necessitam, tanto quanto possível.

Dando de Comer aos Famintos

Certamente, uma das maiores atitudes do crente em relação a fome é dar alimento aos famintos, pois isso é fazer a vontade de Deus (Mt 25.40). Jesus deu mostras da sua preocupação com a fome das pessoas ao realizar os milagres de multiplicação de pães (Mt 14.13-21; Mc 6.30-44; Mc 8.1-14; Lc 9.12-17).

No relato do Evangelho de Mateus (14.13-21) é interessante notar que a multidão havia acompanhado o Mestre até uma região desértica e afastada. Ao fim da tarde, os discípulos, vendo que não possuíam comida para toda a multidão, pediram para Jesus despedir o povo para que fosse comprar comida. Jesus, porém, lhes disse: Não é mister que vão, dai-lhes vós de comer (v.16). Até então, os discípulos não haviam entendido que o Mestre se interessava pelo ser humano na sua forma integral, e não somente pelo aspecto espiritual e religioso. Eles pensaram que Jesus já havia feito a sua parte, por intermédio das curas e dos ensinamentos proferidos durante o decorrer do dia, e, agora, era hora do povo sair a procurar comida. Tal pensamento encontra-se presente em muitas de nossas igrejas, para quem a responsabilidade estaria adstrita somente à primeira parte do dia, nos momentos de devoção, ensino e curas.

Mas Jesus ensina que também se importa com o cair da tarde, quando a fome bate e o estômago reclama por comida. Lawrence Richards capta o sentido da multiplicação dos pães ao dizer que Jesus não estava preocupado somente com a condição espiritual do povo. Ele também foi movido pela compaixão pela fome física. Sendo assim, “não poderemos representar adequadamente a Jesus se formos levados apenas pela necessidade de resgatar almas perdidas. Para representar Jesus adequadamente devemos no preocupar com os famintos, com aqueles que não têm onde morar, e com os

oprimidos, da mesma maneira que Jesus preocupou-se com as multidões famintas”[82].

Obviamente, os discípulos não queriam despedir a multidão por maldade ou sentimento de egoísmo. Na concepção deles, aquela era a solução mais plausível, pois não dispunham de refeição suficiente para todo o povo. Talvez seja esse o pensamento dos crentes que agem com indiferença diante da fome alheia. Aos seus olhos, é impossível prover comida para o contingente de esfomeados que existe por aí, de sorte que a saída mais natural seria deixar cada qual resolver o problema por si mesmo.

Ocorre que a fome não espera. E Jesus, sabendo disso, ordena aos discípulos para darem de comer à multidão. Mas, como fazer isso, se eles não tinham comida suficiente para todos? Afinal, só tinham ali senão cinco pães e dois peixes. Jesus então pega em suas mãos esses poucos peixes e pães e, depois de abençoá-los, reparte-os e os entrega aos discípulos, que por sua vez entrega-os à multidão. E com isso, comeram todos e se saciaram, sobrando ainda 12 cestos cheios. Como explica o Comentário Beacon: “Um aspecto digno de nota é que os discípulos executaram a ordem de Cristo. Eles realmente alimentaram a multidão quando se associaram a Jesus nesse ato. O que cada cristão pode aprender é que, não importa o quanto a sua tarefa pareça impossível, com a ajuda divina tudo por ser feito. Porque para Deus nada é impossível (Lc 1.37)”[83].

É claro que os cristãos não resolverão o problema da fome por meio da multiplicação sobrenatural de alimentos. Não é esse o sentido da narrativa bíblica. Os milagres são eventos específicos e esporádicos, realizados por Deus quando é impossível ao homem. O que se extrai desse relato é a compaixão demonstrada por Jesus pelas pessoas em situação de fome. Esse é o ponto central. Jesus multiplicou os pães por causa de seu amor e piedade por aquelas pessoas. Hoje, podemos cumprir a ordem de Cristo de “dar de comer” às pessoas de muitas maneiras, com ou sem os milagres.

Pentecostalismo Solidário

Os discípulos parecem ter aprendido a lição do Mestre, pois ao olharmos para Atos dos Apóstolos vemos o cuidado da Igreja Primitiva com os necessitados. Após o recebimento da virtude do Espírito (At 2), os discípulos saíram a influenciar a sociedade, pois em todos eles havia abundante graça

(At 4.33). Ao anunciarem com ousadia a Palavra de Deus (At. 4.31), não olvidaram de ajudar os necessitados (At 4.34). A Bíblia retrata isso com fidelidade ao dizer que eles “perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações (At 2.42). A partilha do alimento, portanto, não foi algo ignorado pelo pentecostalismo primitivo, especialmente com os domésticos da fé (Gl 6.10).

O pentecostalismo da Igreja Primitiva não consistia, portanto, basicamente em falar em línguas, curar os enfermos e outras demonstrações de poder; envolvia também as esferas da comunidade, por meio de um pentecostalismo solidário de cuidado e apoio aos necessitados, órfãos e viúvas. Ao perceberem que não poderiam atender a demanda que crescia, os apóstolos resolveram separar diáconos para servirem às mesas, enquanto eles se dedicariam à oração e ao ministério da palavra (At 6.1-4). Isso porque o episódio do Pentecostes acarretou consequências éticas comunitárias. Conforme escreveu o teólogo pentecostal Bernardo Campos “a ética que se deriva do Pentecostes nos leva a uma moral e prática de solidariedade”[84].

As duas palavras que caracterizam a igreja de Atos dos Apóstolos são: *Koinonia* e *Diakonia*. Enquanto a *Koinonia* refere-se à comunhão, ao convívio fraternal entre os crentes, a *Diakonia* alude ao serviço cristão, que leva, nas palavras de Byron Klaus, “a participar do desejo de Deus que é alcançar de modo prático os marginalizados da sociedade”[85]. Justo Gonzalez nos faz saber que além de comunhão fraterna, no sentido de boa vontade, a *Koinonia* significava parceria, compartilhamento, tanto em relação aos bens quanto em outros contextos[86]. Em Atos 2.42, diz Gonzalez, *Koinonia* é mais do que um compartilhar espiritual, é um compartilhamento total da vida.

Tal comunhão de bens, todavia, não significava a prática de algum tipo de comunismo ou socialismo cristão, como defendem alguns. Primeiro porque, enquanto tais regimes são obrigatórios, a prática de Atos foi algo voluntário e não compulsório. Em segundo lugar, enquanto a prática de Atos revela a permanência do direito à propriedade privada (cf. At. 2.1; 5-13), no comunismo tal direito não existe, sendo tudo do Estado.

Em todo caso, o princípio de comunhão voluntário encontra-se ali estabelecido. O livro de Atos dos Apóstolos, afinal, nos oferece a chave hermenêutica para a exata compreensão do sentido do pentecostalismo. Robert Menzies explica que as históricas contidas neste livro bíblico são o

paradigma do pentecostal contemporâneo:

> As histórias de Atos são as nossas histórias: histórias de pescadores chamados para dar testemunho de Jesus com ousadia em face de grande oposição; histórias de camponeses perseverantes em meio a grande sofrimento; histórias de adversários poderosos e demoníacos no empenho de desencorajar e destruir. Os pentecostais do mundo todo se identificam com essas histórias, sobretudo tendo em vista que muitos enfrentam desafios semelhantes. Este senso de ligação com o texto anima-nos a permitir que a narrativa molde nossa vida, nossa esperança e sonhos, nossa imaginação. As histórias de Atos são as nossas histórias, e as lemos com expectativa e ânsia. Histórias de poder do Espírito Santos, que capacita os discípulos comuns a fazer coisas extraordinárias para Deus[87].

Se as histórias de Atos são as também as nossas histórias, logo, as demonstrações de solidariedade e partir do pão pelos irmãos da Igreja Primitiva servem igualmente como narrativas modelos para o testemunho cristão na atualidade.

Estratégia Divina para o Combate à Fome

Evidentemente, a compaixão pelos famintos deve ser convertida em ação real, pela aplicação de estratégias eficazes de combate à fome. Temos em Deus uma fonte inesgotável de inteligência que pode instruir o seu povo para enfrentar esse grave problema social.

Vejamos o exemplo de José em Gênesis 41. Diante da crise que se abateu sobre o Egito naquele tempo, Deus levantou este moço para solucionar o problema da carência de alimentos que haveria de sobrevir sobre terra. Divinamente inspirado, José interpretou os sonhos de Faraó, prenunciando que a terra teria sete anos de grande fartura, seguidos de sete anos de terrível fome. Posto por governador do Egito e na direção divina, José determinou a estocagem de mantimento durante o período de bonança para uso no tempo das “vacas magras”.

Deus forneceu a José um plano de conservação das colheitas com o propósito de resolver o problema estrutural da economia. Isso nos leva a compreender que a Bíblia contém um conjunto de princípios capazes de

contribuir com a discussão econômica, a fim de afastar a escassez e evitar a fome. Nas Escrituras, encontramos uma verdadeira economia da redenção, que vai além da contribuição caridosa. Afinal, além de doar comida, é preciso criar condições econômicas para que ela esteja disponível às pessoas.

Nesse sentido, à medida que lemos o relato da atividade empreendida por José, seguindo a orientação de Deus, descobrimos os princípios básicos para uma economia sustentável, que são: Trabalhar, economizar, vender e partilhar.

Trabalhar. O primeiro aspecto da estratégia divina para o combate à escassez é o trabalho. O plano de Deus para enfrentar a fome envolvia trabalho sério e inteligente. Eles tiveram de plantar, colher e estocar todo o alimento da terra do Egito durante sete anos. Mackey afirma que a "norma bíblica para superar a escassez, a fim de sobreviver e dar aos mais necessitados é o trabalho honesto e consistente"[88]. Além disso, "em condições normais, a escassez é o problema e o trabalho honesto é a solução"[89].

Economizar. Em segundo lugar, a estratégia divina para o combate à fome envolve a economia, ou seja, o uso moderado dos recursos disponíveis. De nada adiantaria ao povo trabalhar arduamente durante sete anos, se não houvesse também rígida disciplina de guarda dos alimentos produzidos durante o período de bonança. O texto bíblico revela que José ajuntou muitíssimo trigo, como a areia do mar, até que cessou de contar, porquanto não havia numeração (Gn 41.49). A economia é importante porque ela nos prepara para o tempo de crise e de carência. As Escrituras ensinam, por isso, a importância desse hábito, dando o exemplo da formiga, que no verão faz a provisão do seu mantimento, e ajunta o seu alimento no tempo da ceifa (Pv 6.6-8).

Vender. Chegado o período das "vacas magras", e havendo fome (Gn 41.56,57). Alguém pode pensar que José foi oportunista ao comercializar a comida para as pessoas. Mas isso não ocorreu. Não há qualquer evidência bíblica de que o mantimento tenha sido vendido a preços exorbitantes, extorquindo as pessoas. Ao contrário, o fato dos irmãos de José terem levado dinheiro suficiente para comprar alimento prova que o valor cobrado não era algo absurdo. Ao que tudo indica, José enriqueceu de maneira legítima, em decorrência do trabalho e da bênção de Deus. Sua atividade comercial era

crucial para a manutenção da vida naquele momento. Havia ali, o verdadeiro livre comércio — algo essencial em uma sociedade justa e democrática. A fome é mais comum, afinal, em países em que a produção e distribuição de alimentos fica centralizada na mão do governo. Wayne Grudem e Barry Asmus lembram que "o crescimento econômico ocorre em uma nação quando os indivíduos são livres para comprar e vender bens e serviços em um mercado livre"[90]. Assim, prosseguem os autores, "Se normas governamentais ditam que somente determinadas elites privilegiadas podem comprar certos bens, ou se as leis colocam barreiras impossíveis no caminho de quem deseja vender seus bens, então o crescimento econômico é impedido. Se não houver um mercado para os produtos, não haverá produção e, desse modo, não haverá crescimento econômico"[91].

Partilhar. Obviamente, nem todos têm condições de comprar alimento para satisfazer suas necessidades. Nesse caso, partilhar alimento com aqueles que experimentam a escassez é algo essencial. Jesus disse: "Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando vos darão; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo" (Lc 6.38).

A caridade sempre permeou a história do cristianismo na face da terra. Várias ações evidenciam o modo como os discípulos exerciam a diaconia e prestavam assistência aos mais necessitados e carentes. Nesse sentido, pode-se citar *O ágape*, uma espécie de refeição comunitária entre os cristãos, que além da celebração da Ceia do Senhor tinha como objetivo também saciar a fome das pessoas. Segundo os historiadores, o ágape era realizado diariamente e os alimentos eram trazidos pela própria comunidade para que pudessem partilhar com os demais e com isso suprir suas necessidades.

Quando Deus dá direção para os seus filhos, problemas insolúveis pela ótica humana são facilmente resolvidos. Além de adotar a tática que Deus deu a José, no sentido de criar uma cultura de administração austera, evitando o desperdício de alimentos, a igreja pode desenvolver muitas outras ações para enfrentar a crise alimentar, incentivando a partilha voluntária e a produção familiar, por exemplo.

---

75 MACKEY, R. W. *Propondo uma abordagem bíblica da economia*. In: MACARTHUR, J. (Org.). Pense biblicamente: recuperando a visão cristã de mundo. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 473.

76 ARMSTRONG, A. *O fim da pobreza*: o evangelho, a nova criação e a necessidade de um salvador. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 29.

77 MACARTHUR, 2005, p. 474.

78 MACARTHUR, 2005, p. 475.

79 PFEIFFER; REA; VOS, 2009, p. 815.

80 FAO. The State of Food Insecurity in the World. Disponível em: http://www.fao.org/3/a-i4646e.pdf. Acesso em 03/fev/17.

81 PIACENTINI, P. *A fome no mundo*. Disponível em: http://pre.univesp.br/a-fome-no-mundo#.WJT-R9IrJ0x. Acesso em 03fev17.

82 RICHARD, L. O. *Comentário Histórico-Cultural no Novo Testamento*. 3a. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 112.

83 CHILDERS; EARLE; SANNER, 2016, p. 109.

84 CAMPOS, 2016, p. 71.

85 HORTON, 1996, p. 17.

86 GONZALEZ, J. L. *Economia e fé no início da era cristã*. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 141.

87 MENZIES, 2016, p. 303.

88 MACARTHUR, 2005, p. 477.

89 MACARTHUR, 2005, p. 478.

90 GRUDEM, W.; ASMUS, B. *A pobreza das nações*: uma solução sustentável. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 280.

91 GRUDEM; ASMUS, 2016, p. 280.

Capítulo 4

O Cristão diante da Pobreza e da Desigualdade Social

O que oprime o pobre insulta aquele que o criou, mas
o que se compadece do necessitado honra-o. —
Provérbios 14.31

Existem vários tipos de pobreza, mas o que temos em mente aqui é a pobreza no seu sentido material. Nesse aspecto, pobre é a pessoa cuja renda anual é insuficiente para arcar com as despesas básicas de sua família, vivendo abaixo da linha da pobreza. Esta é a pobreza extrema, a situação de miséria. O Banco Mundial estima que tal condição existe quando se recebe menos de US$ 1,9 dólares por dia. Mas a pobreza também pode se referir às pessoas de classe social inferior que, por causa da vulnerabilidade, sofrem vários tipos de opressão.

No Antigo Testamento, encontramos as palavras *ãnî*, *ebyôn e rãs* para se referir à pessoa pobre, fraca, necessitada ou desamparada em termos financeiros. O *ãnî* vive do ganho de cada dia e é socialmente indefeso, estando sujeito à opressão[92]. Outra palavra empregada é *dal*, referindo-se a alguém empobrecido ou de meios reduzidos; descreve aqueles que são as contrapartes dos grandes (Lv 19.15; Am 2.7). *Dal* sugere algum tipo de aflição, *ebyôn* enfatiza necessidade e *rãs* indica destituição[93]. No Novo Testamento, a palavra *ptõchos* tem o sentido amplo de pobre, miserável ou impotente (Mt 11.5; 26.9,11; Lc 23.1).

Como vimos no capítulo anterior, a raiz primária da escassez foi a maldição decretada por Deus no Éden. A pobreza, igualmente, veio à existência após este evento. Aaron Armstrong observa que “a Queda fez da pobreza a configuração padrão, uma atração gravitacional com a intenção de nos arrastar para baixo. Isso é assim não só porque agora é mais difícil produzir riqueza material, mas também porque a Queda provocou uma cascata constante de desafios relacionais, caracterizada por desculpas e transferência

de culpa pelo nosso pecado, bem como por um desejo contínuo em cada um de atuar como Deus uns sobre os outros”[94]. Biblicamente, portanto, devemos compreender que vivemos em um mundo caído, e a pobreza, assim como a doença e a morte, resulta da rebelião do homem contra o Criador.

Uma vez que a Queda é a raiz mais profunda da pobreza, a sua causa primária, as demais causas responsáveis pela miséria e má distribuição de renda são simples galhos que surgem daquela raiz, as quais podemos chamar de fatores externos da pobreza. Existem vários fatores econômicos e sociais que podem levar alguém a essa condição, tais como opressão e sistema judiciário favorável aos poderosos (Lv 19.15), juros altos (Êx 22.25-27), salários baixos injustificáveis (Jr 22.13), dívidas (2 Rs 4.7; Pv 22.26), falta de emprego, política econômica inadequada e até mesmo preguiça (Pv 19.15; Ec 10.18).

A permanência da Pobreza

Em decorrência desses fatores, a Bíblia declara a constância da pobreza sobre a face da terra (Mc 14.7). Contudo, longe de indicar uma postura de conformismo e indiferença, e servir como desculpa contra a ação social, tal afirmação tem o propósito de nos conduzir ao cuidado permanente dos necessitados, enquanto eles existirem (Rm 15.25, 26; Gl 2.10; 1 Jo 3.17).

É preciso observar o contexto em que tal afirmação foi dita pelo Senhor Jesus (Mc 14.7). Os discípulos estavam repreendendo a mulher que havia acabado de despejar um vaso de alabastro repleto de unguento nos pés do Mestre, como sinal de adoração. Para eles, tal ação era um verdadeiro desperdício. Na opinião dos discípulos, a mulher deveria vender o unguento e distribuir o dinheiro entre os pobres. Jesus, então, afirma: “Deixai-a, por que a molestais? Ela fez-me boa obra. Porque sempre tendes os pobres convosco, e podeis fazer-lhes bem, quando quiserdes; mas a mim nem sempre me tendes” (Mc 14.6,7).

O que Jesus está afirmando é que aquela era uma oportunidade única, momentânea, que a mulher não poderia deixar passar. Enquanto o cuidado com os pobres poderia ser realizado a qualquer momento, ante a permanência da pobreza (cf. Dt 15.11). Adolf Pohl capta o ensino subjacente da afirmação de Cristo ao dizer: “Para fazer o bem não é preciso só ter dinheiro, mas também o tempo e a oportunidade certa. O bem não se pode fazer seguindo

um princípio rígido, mas submetendo-se ao tempo e ao plano de Deus”[95].

O pobre e o amor ao próximo

Portanto, Jesus não estava a menosprezar o cuidado com os pobres, tanto que destaca que os discípulos poderiam fazer-lhes o bem quando quisessem. Afinal, o amor pelo pobre e o cuidado pelos vulneráveis foram dimensões importantes do ministério terreno de Cristo, tendo Ele próprio estabelecido o mandamento de amarmos o próximo como a nós mesmos (Mt 22.39).

Os evangelhos retratam com fidelidade que Jesus de fato conviveu com os carentes. Ele andou entre os pobres e marginalizados (Mt 9.13). Anunciou a chegada do Reino, efetuou milagres e ensinou o plano de Deus aos menos favorecidos. Incitou os seus discípulos a ajudarem os pobres, ao mesmo tempo em que elogiava a generosidade dos menos afortunados (Mc 12.42,43). Em Lucas 14, vemos o Nazareno aconselhando as pessoas a abrirem suas casas e carteiras aos pobres, aos cegos e aos aleijados. Quando deres um jantar, disse o Mestre, não convides teus amigos, nem teus irmãos, tem teus parentes, nem os vizinhos ricos, para que não aconteça que eles também te convidem, e recebas isso como retribuição. Mas, quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos (Lc 14.12,13).

Segundo Timothy Keller, o conselho de Jesus parecia mais um suicídio econômico. Pois ele estava mandando que os discípulos fizessem amizade não com as pessoas da classe alta, as quais poderiam trazer-lhes benefícios, e sim com os pobres, que não poderiam retribuir a mesma gentileza. Em outras palavras, afirma Keller, “Ele está dizendo que devemos gastar muito mais dinheiro e bens com os pobres do que com nosso próprio divertimento, seja em férias, seja em restaurantes, seja em reuniões com gente importante”[96].

Ao interpretamos tais palavras, não é adequado olharmos para o povo daquela época como se tivessem sido uma massa homogênea que vivia apenas da religião[97], como bem lembrou David Fiensy ao citar H. Kreissing. De acordo com Fiensy, é necessário apreciar a história bíblica, nesse caso o Novo Testamento, também pelo prisma socioeconômico. Nesse aspecto, é importante ter em conta que Jesus viveu em condições típicas das antigas sociedades agrárias e interagiu com diversas classes econômicas. Fiensy rememora que as parábolas de Cristo “não eram apenas imbuídas de ideias

teológicas, mas também de conteúdo econômico. Seu estilo de vida não refletia simplesmente as necessidades da pregação itinerante; resultou também de escolhas socioeconômicas conscientes”[98].

De Gênesis a Apocalipse, é nítida a preocupação de Deus com as pessoas carentes e necessitadas, que se encontram em situação de opressão e desigualdade:

> Não roubes ao pobre, porque é pobre, nem atropeles na porta o aflito. (Pv 22.22)
> O que dá ao pobre não terá necessidade, mas o que esconde os seus olhos terá muitas maldições. (Pv 28.27)
> Ao Senhor empresta o que se compadece do pobre, ele lhe pagará o seu benefício. (Pv 19.17)
> O que oprime o pobre insulta aquele que o criou, mas o que se compadece do necessitado honra-o. (Pv 14.31)
> Não perverterás o direito do teu pobre na sua demanda. (Êx 23.6).
> Ouvi, meus amados irmãos. Porventura, não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam? (Tg 2.5)
> Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade. (1 Jo 3.17,18)

Essa última passagem bíblica é contundente. A pergunta do apóstolo João nos leva a perceber que a ajuda ao necessitado é um teste da genuína fé cristã. Como podemos dizer que temos o amor de Deus em nossas vidas se, tendo condições, não ajudamos aqueles que precisam? João afirma, então, que não podemos amar de palavras, mas por obras e em verdade.

A declaração do apóstolo é importante para desfazer certa desconfiança evangélica em torno da palavra “obras”. Isso se deve em grande medida à interpretação equivocada de Gálatas 2.16: “Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da lei, porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada”.

Obviamente, nenhuma pessoa é salva pelas obras da Lei, afinal, pela graça somos salvos, por meio da fé (Ef. 2.8). Contudo, é crucial perceber que Paulo está se referido às obras da Lei, e não às obras de caridade. Tanto uma quanto outra não são capazes de levar o homem a se restabelecer espiritualmente diante de Deus. Todavia, as obras de caridade refletem os frutos da salvação. Em outras palavras: a fé se manifesta em obras. Por esse motivo a declaração de Tiago: "Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma" (Tg 2.17). A esse respeito, Alexandre Coelho afirma: "A fé sem obras é igualmente passível de ser extinta, de ser apenas um movimento intelectual. Pode haver teologia, mas sem prática da fé cristã demonstrada nas obras, a teologia será apenas um pensamento distante, mesmo que ortodoxo[99].

Apesar do cuidado com o pobre, não encontramos nas Escrituras respaldo para a Teologia da Libertação, corrente teológica de origem católica que centraliza na pobreza a ênfase do Evangelho, e interpreta as Escrituras com base no sofrimento do oprimido. Trata-se de uma doutrina revolucionária e humanista que interpreta as Escrituras a partir da *ideologia marxista*, dando ênfase exagerada à justiça social. Tal teologia não coaduna com perspectiva da ortodoxia cristã, uma vez que compreende o Reino de Deus como sendo um governo eminentemente político no tempo atual, que deve ser conquistado por meio da luta dos pobres contra a opressão.

A Teologia da Libertação trata o pecado em termos de coletividade, e não como rebelião individual. A mensagem básica dos seus defensores "é a condenação dos ricos e dos opressores e a libertação dos pobres e dos oprimidos", com se estes não pudessem pecar, contrariando assim o princípio bíblico da universalidade do pecado (Rm 3.23; 5.12).

Se a pobreza não é por si só uma virtude espiritual, como sinal de ausência de pecado, a riqueza também não corporifica em si a iniquidade. Ainda que sejamos advertidos para não ajuntarmos tesouros na terra (Mt 6.19), e também sobre os perigos do amor ao dinheiro (1 Tm 6.7-10), não se pressupõe que os ricos tenham conquistado sua riqueza por meio desonesto. Wayne Grudem e Barry Asmus declaram que

> [...] a ênfase das Escrituras está em tratar tanto os ricos quanto os pobres com equidade e justiça (Êx 23.3,6). Se cometerem erros, devem ser castigados, mas se não cometerem, não devem ser punidos (Pv 17.26; 1 Pe

2.14). No entanto, a riqueza ou a pobreza em si só não indica com precisão o caráter da conduta de alguém na sociedade. Rotular todos os ricos como sendo ‘maus’, ou ‘provavelmente maus’, ou pressupor que se tornaram ricos de forma desonesta são atitudes injustas e contrárias ao ensinamento das Escrituras.

Tanto o rico quanto o pobre carecem da graça de Deus (Pv 22.2), e devem igualmente ser tratados com equidade (Êx 23.3,6). Não obstante, os pobres precisam de maior proteção, porquanto se encontram em situação de maior vulnerabilidade econômica. Daí porque as Escrituras vão reiteradamente alertar para os perigos da opressão sobre aqueles que se encontram em situação de pobreza e contra a injustiça.

Justiça Social e o Profetismo

No Antigo Testamento, justiça — ao lado da Lei — é um dos temas centrais no relacionamento entre Jeová e seu povo, e significa de forma geral a *virtude* pela qual se age com retidão, justeza e integridade, de acordo com o padrão divino (Êx 9.27). Aqueles que assim procedem são chamados de justos (Jó 22.19, Sl 1.6; 14.5). Um dos termos hebraicos usados para justiça, *sedhaqah*, “descreve a postura e as ações que Deus possui e que espera que seu povo também preserve. Ele é inequivocamente justo; a justiça é inteiramente sua prerrogativa. Seu povo deve semear justiça e, como recompensa, receberá justiça (Os 10.12). Ele trata com seu povo segundo a irrepreensibilidade que eles demonstram (2 Sm 22.21; Ez 3.20)”[100]. O termo refere-se ainda à punição do erro e à condição daqueles que foram justificados, isto é, considerados inocentes (Jó 11.2; Is 50.8).

Além desse aspecto, a justiça para Israel também possuía um aspecto social, envolvendo o cuidado com os pobres e vulneráveis (Mq 6.8; Zc 7.9; Sl 146.7). Nessas passagens bíblicas, justiça (hb. *mishpat)* denota a necessidade de tratamento igualitário aos menos afortunados, aos órfãos, às viúvas e aos estrangeiros (Jr 22.3). Enquanto povo escolhido, Israel deveria implantar uma cultura de justiça e paz, agindo com generosidade em relação ao próximo.

Em termos bíblicos, portanto, a justiça social parte do pressuposto que todas as pessoas devem ser tratadas com igual respeito e dignidade, observadas as suas diferenças. Nesse sentido, afirma-se que justiça é tratar de

maneira igual os iguais e de modo desigual os desiguais, na medida de duas desigualdades. Uma vez que o homem foi criado à imagem de Deus (Gn 1.26), a injustiça (Sl 92.15) e a acepção de pessoas (Rm 2.11) são rejeitadas por Ele.

Por esse motivo, Timothy Keller chama de justiça generosa a justiça que nasce da graça de Deus. Fazer justiça, diz ele, “inclui não apenas o conserto do que está errado, mas também generosidade e interesse social, especialmente em relação aos pobres e vulneráveis. Esse tipo de vida reflete o caráter de Deus”.[101]

Profetizado contra as Injustiças

Vemos o interesse de Deus com a implantação da justiça por meio das mensagens proféticas do Antigo Testamento. Isaías bradou contra os príncipes da sua época por não fazerem justiça ao órfão e não se importarem com a causa das viúvas (Is 1.23). Obedecendo a ordem de Deus, Jeremias disse para o rei de Judá exercer o juízo e a justiça, livrar o espoliado da mão do opressor; não oprimir ao estrangeiro, nem ao órfão, nem à viúva (Jr 22.3). Cheio do poder do Espírito do Senhor, Miqueias alçou a voz contra a corrupção dos poderosos e a subjugação do povo (Mq 3). Zacarias disse para o povo mostrar piedade e misericórdia para com os vulneráveis (Zc 7.9). Em um contexto difícil, Amós condenou o desprezo e a opressão dos ricos em relação aos pobres, que eram pisados (Am 5.11) e vendidos ao preço de sandálias (2.6). Contra essa situação desumana e degradante, o profeta saiu em defesa das pessoas carentes (4.2).

Como vemos, a função profética sobrepuja a tarefa de transmitir mensagens de bênçãos da parte de Deus. Ela envolve também a denúncia do erro e a exortação contra as injustiças. Em outras palavras, o profetismo bíblico é abrangente, pois compreende, além do aspecto eminentemente religioso, as esferas econômicas e política.

A igreja como Comunidade Profética

Em uma perspectiva pentecostal, Amos Yong, seguindo a linha do erudito Roger Stronstad, destaca que a descida do Espírito Santo levantou uma comunidade de profetas para testemunhar até os confins da terra, formando o que ele denomina de “oficio profético de todos os crentes”. De acordo com

Yong, as muitas línguas de Pentecostes capacitam várias formas de testemunhas proféticas nas muitas situações públicas dentro das quais os cristãos se encontram[102]. Yong menciona três aspectos: Primeiro, uma política profética reconhece e anuncia que as lealdades para o Estado são secundárias às fidelidades para Deus. Em segundo lugar, uma política profética desafiará o Estado a fazer o que se supõe fazer: respeitar a lei. Em terceiro lugar, a política profética dos crentes habilitados pelo Espírito inclui uma testemunha explícita na praça pública, a exemplo da defesa de Paulo perante Felix (At 24), oportunidade em que, além do testemunho de Cristo, discutiu sobre "justiça, e da temperança, e do Juízo vindouro (v.25). Com base nisso, Yong conclui que, embora preso, Paulo não deixou de proclamar "um evangelho politicamente relevante, um evangelho de justiça com implicações e aplicações para a praça pública"[103].

Além dessas formas mais explícitas de testemunho profético, Yong sugere que existem outras posturas políticas menos explícitas, mas não menos proféticas, diz ele, referindo-se "aos papéis políticos subversivos abraçados pela Igreja Primitiva que funcionou profeticamente para iluminar a forma de um estilo de vida alternativo em contraste com o do mundo"[104]. Um desses aspectos mencionados por Yong é exatamente a "encarnação profética do evangelho contra as práticas injustas do mundo"[105]. Ele dá o exemplo da provisão de comida para as viúvas, medida esta que, não obstante os desafios enfrentados (At 6.1) apresentou um contraste social profético em pelo menos dois níveis: i) enfatizando a provisão para um dos grupos populacionais mais vulneráveis da sociedade e ii) a respeito da possibilidade de amizade e reciprocidade intercultural[106].

Seja como for, os cristãos são chamados a testemunhar publicamente acerca da justiça divina, ao tempo em que denunciam todo tipo de injustiça. A voz profética dos cristãos deve consolar e edificar, mas também precisa exortar (1 Co 14.3), apontando tanto os desvios morais quanto sociais, a partir das verdades bíblicas.

A Política Econômica e a Desigualdade Social no Brasil

A igreja cristã brasileira tem diante de si um enorme desafio social. Afinal, o país em que vivemos é marcado pela desigualdade social. Enquanto existe enorme concentração de renda entre as pessoas mais ricas, milhares de

pessoas vivem abaixo da linha da pobreza, em condições de miséria. Apesar dos avanços nas últimas décadas, o Brasil ainda é um país que apresenta diferença abissal entre ricos e pobres.

Vários fatores são responsáveis pela desigualdade social, um deles é a adoção de visões econômicas distorcidas. O termo economia origina-se das palavras gregas *oikos* (casa) e *nomos* (normas). Na Grécia antiga, Economia significava a arte de bem administrar o lar, levando-se em conta a renda familiar e os gastos efetuados durante um período. Modernamente, define-se Economia como a ciência que estuda o emprego de recursos escassos, entre usos alternativos, com o fim de obter os melhores resultados, seja na produção de bens ou na prestação de serviços[107]. Em outras palavras, trata-se da "ciência humana que analisa os comportamentos individuais (micro) e coletivos (macro) na medida em que estes últimos se defrontam com o problema da escassez, da falta e, da frustração humana".[108]

É papel da política econômica de uma nação avaliar os fatores que provocam as distorções sociais, e criar leis e mecanismos que possibilitem uma sociedade mais produtiva e justa. A economia, portanto, é um elemento importante para a vida das pessoas e das instituições públicas. Por essa razão, considerando que os princípios que norteiam a economia são vitais para o desenvolvimento sustentável da comunidade, adotar uma visão econômica coerente e que considere adequadamente a natureza humana (especialmente o seu estado decaído) é essencial para a redução da pobreza.

R. W. Mackey explica que, além da eficiência produtiva, por meio do equilíbrio dos fatores de produção (território, trabalho e equipamento), "uma economia equilibrada produz emprego para todos aqueles que necessitam trabalhar e oferece treinamento adequado para desempenhar a contento a sua função"[109]. Tal aspecto é importante, afinal, a melhor maneira de reduzir a pobreza e a desigualdade social é tratando das raízes sociais e econômicas do problema. A cultura de ajuda ao necessitado, embora tenha a sua importância, pode perpetuar a condição da pobreza, enquanto a adoção de uma política econômica adequada pode estancar o problema na sua raiz.

Economia na Perspectiva Cristã

Uma vez que estamos falando sobre a relevância cristã na sociedade é de se indagar se o cristianismo tem algo a oferecer à discussão econômica. A

resposta é positiva. Ainda que a Bíblia não seja um livro de economia, ela contém relatos e princípios que nos fazem compreender a relação entre pobreza, riqueza, trabalho, desigualdade social e muitos outros temas da área econômica.

Enquanto visão de mundo, o cristianismo considera todos os aspectos da vida humana, inclusive a dimensão econômica. Nesse sentido, encontramos nas Escrituras e na história da tradição cristã orientações suficientes para que a sociedade possa ser livre, próspera e justa. Nesse sentido, a primeira forma que os cristãos podem contribuir em uma sociedade cheia de desigualdades e pobreza é fornecendo diretrizes bíblicas precisas acerca de temas econômicos; uma *economia da redenção*[110]. Vejamos algumas dessas diretrizes:

Incentivo ao trabalho e repreensão à preguiça (Pv 6.6-11; Ec 9.10; 1 Ts 4.11; Ef 4.28; 1 Tm 5.13). Esse é um princípio basilar para a geração de empregos e produtividade econômica. Bíblica e historicamente o fomento ao trabalho tem sido uma característica da cosmovisão cristã.

Limitação da função do governo (1 Pe 2.13,14). Tendo como premissa o princípio de que todos são passíveis de erro, em decorrência do pecado original, o poder do Estado deve ser limitado, tanto para evitar o totalitarismo quanto para não tolher a liberdade do povo. Isso porque, "quando o poder do governo é menor, a liberdade individual é maior. E as pessoas, quanto têm liberdade, são capazes de tentar milhares de diferentes maneiras de aumentar a produtividade econômica"[111].

Condenação àqueles que manipulam a economia (Pv 3.27,28; 11.26; Tg 5.1-6). As Escrituras condenam os poderosos que manipulam a economia e aqueles que oprimem os pobres e trabalhadores. Uma economia forte deve igualmente possuir um ordenamento jurídico que refreie esse tipo de comportamento.

Proteção da propriedade privada (Êx 20.15; At 5.4). Conforme Wayne Grudem e Barry Asmus, "se uma nação quer sair da pobreza para uma crescente prosperidade, ela deve estabelecer e proteger um sistema em que as pessoas tenham a liberdade de comprar e possuir propriedade sem impedimentos excessivos por parte do governo".[112]

Ênfase na liberdade responsável (1 Co 8,9; 1 Co 6.12; 10,23). Para que haja crescimento e desenvolvimento econômico é fundamental a garantia das

liberdades individuais. Nesse sentido, a teologia cristã parte do pressuposto de que o homem é dotado de livre arbítrio e, para tanto, é responsável por seus próprios atos e pelas consequências daí advindas. Com efeito, o cristianismo também é responsável por conceito moderno de liberdade individual, a partir do pressuposto que somos seres morais; o que significa que devemos ser livres para viver nossa vida sem a interferência de outros desde que estendamos aos outros a mesma liberdade.[113]

Valorização do espírito comunitário de ajuda ao próximo. A vida ética, escreve Stanley Grenz, está integralmente ligada à perspectiva comunitária, a uma visão de mundo compartilhada, ou seja, ao que podemos até chamar teologia. Por essa razão, prossegue Grenz, a integridade cristã nunca é uma ética isolada, puramente pessoal. "Ao contrário, a vida íntegra começa quando o cristão desenvolve uma consciência de identidade pessoal dentro de um contexto da comunhão cristã". Tal noção afasta do contexto econômico o individualismo e entroniza o compartilhamento social como regra basilar.

Assistência e Desenvolvimento

Por fim, diante da desigualdade social e pobreza, o cristão é chamado a prestar assistência — a doação voluntária e sacrificial. Há uma ordem de prioridade nessa ordem de contribuição: primeiro, a própria família (1 Tm 5.8); depois a família de Deus (Gl 6.10) e, por fim, o mundo.

De modo prático, David Platt[114] dá algumas dicas sobre a ação social:

> Pesquise ministérios locais que estejam envolvidos em servir os pobres de sua comunidade. Pergunte como você ou sua igreja podem se associar a eles.
> Verifique seu orçamento. Existe algum luxo que você possa sacrificar para obter mais recursos que possam ser dados aos necessitados?
> Faça uma lista dos seus talentos e reflita sobre algumas necessidades globais. Existe algum lugar em que seus recursos e as necessidades do mundo se cruzam?

Todavia, como explica David Platt, tal ajuda deve ser de maneira construtiva, o que implica em ajudar com sabedoria, com atenção para completar o que falta a alguém responsável, em vez de subsidiar um

irresponsável. Segundo Platt, “a pior coisa que podemos fazer para o necessitado é negligenciá-lo. A segunda pior coisa é subsidiá-lo, ajudá-lo a sobreviver um dia ignorando o que fazer para ajudá-lo a sobreviver a vida toda. A Escritura não nos chama a salvar os preguiçosos da pobreza. Ao contrário, ela nos chama a servir e a complementar a necessidade do responsável”[115].

Por essa razão, a ação solidária deve vir acompanhada, tanto quanto possível, de ideias para o desenvolvimento dos necessitados, para que obtenham condições adquirirem autonomia econômica por meio do trabalho e possam então ganhar o pão do suor do próprio rosto (Gn 3.19).

---

92 VINE. W. E.; UNGER, M. F.; WHITE JR.; W. *Dicionário Vine*: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 232.

93 VINE; UNGER; WHITE JR., p. 233.

94 ARMSTRONG, 2015, p. 31-32.

95 POHL, A. *O Evangelho de Marcos*: Rio de Janeiro: Editora Esperança, 1998, p. 332.

96 KELLER, T. *Justiça Generosa*: a graça de Deus e a justiça social. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 64.

97 FIENSY, D. A. *Christian Origins and the Ancient Economy*. Oregon: Cascade Books, 2014, p. 5.

98 FIENSY, 2014, p. 6.

99 COELHO, A.; DANIEL, S.*Fé e obras*: ensinos de Tiago para uma vida crista autêntica. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 92.

100 BENTHO, E. C. (Coord.). Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego. 3a ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, 1883.

101 KELLER, 2006, p. 36.

102 YONG, 2009, p. 2675.

103 YONG, 2009, p. 2706.

104 YONG, 2009, p. 2706.

105 YONG, 2009, p. 2710.

106 YONG, 2009, p. 2710, 2715.

107 RAMBALDUCCI, M. *Fundamentos da economia*. Disponível em http://www.joinville.udesc.br/portal/professores/nilson/materiais/FUNDAMENTOS_DE_ECONOMIA Acesso em 13/ago/2012.

108 VERVIER, J. *Economia e ética*: uma reflexão sobre as quatro últimas décadas no Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, número 247. 2002, p. 605.

109 MACARTHUR, 2005, p. 471.

110 Termo cunhado por R. W. Mackey.

111 ARMSTRONG, 2015, p. 245.

112 ARMSTRONG, 2015, p. 280.

113 DE SOUZA, D. *A Verdade sobre o Cristianismo*: por que a religião criada por Jesus é moderna,

fascinante e inquestionável. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008, p. 100.

114 PLATT, 2016, p. 77.

115 PLATT, 2016, p. 69.

Capítulo 5

Refugiados: Um Problema da Atualidade?

> Também não oprimirás o estrangeiro; pois vós conheceis o coração do estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito. — *Êxodo 23.9*

Em 2015, a imagem do corpo do menino sírio Aylan Kurdi, de apenas três anos, morto à beira da praia, rodou os noticiários internacionais e causou consternação ao mundo. Aylam viajava com a família na tentativa de fugir do conflito na Síria, quando a embarcação que estava a bordo virou. O episódio expôs uma das maiores tragédias do nosso tempo: a crise de refugiados.

Apesar de aparentemente novo o problema dos refugiados é antigo. Ao longo da história da humanidade, por motivos religiosos, sociais, políticos e/ou sociais, milhares de famílias tiveram de abandonar seus países em busca de proteção em outras nações. O povo israelita e até mesmo cristãos perseguidos por causa da fé em Cristo viveram refugiados, estrangeiros pelo mundo.

Qual a resposta que a fé cristã fornece a esse tipo de problema? Esse é o tema do presente capítulo.

Quem São os Refugiados

Primeiramente, devemos estabelecer o conceito de refugiado. De acordo com a Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados, são refugiados as pessoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possa (ou não queira) voltar para casa. Posteriormente, conforme a ACNUR (Agência da ONU para Refugiados), definições mais amplas passaram a considerar como refugiados as pessoas obrigadas a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos.

Refugiados, portanto, não são meros migrantes. Enquanto o refugiado abandona o seu país por causa de perseguição ou fundado temor, migrantes escolhem se deslocar em busca de melhores condições de vida, trabalho e educação. A ACNUR afirma que: "[...] para os governos, estas distinções são importantes. Os países tratam os migrantes de acordo com sua própria legislação e procedimentos em matéria de imigração, enquanto tratam os refugiados aplicando normas sobre refúgio e a proteção dos refugiados — definidas tanto em leis nacionais como no direito internacional"[116].

Embora o conceito de refugiado seja mais abrangente que migrante, a reflexão sobre a proteção bíblica dada ao estrangeiro é um importante ponto de partida para a análise da concepção cristã. Afinal, se Deus se importa com o estrangeiro, simplesmente por este encontrar-se distante da sua terra natal, seja qual for o motivo, quanto mais pelo refugiado — o estrangeiro que fugiu de seu país por causa de perseguição.

O Povo de Israel como Peregrino em Terra Estrangeira

Israel é o melhor exemplo bíblico de povo que viveu em terras estrangeiras. Jacó e sua família foram para o Egito[117] numa época de extrema escassez, quando José ainda era vivo e governava aquela nação (Gn 46). Mais de duzentos anos após a morte de José e de seus irmãos, assumiu o trono egípcio um faraó que desconhecia os feitos do primeiro-ministro hebreu que havia livrado o Egito de uma grande fome (Êx 1.8).

Nesta época, os israelitas eram férteis e numerosos, enchendo aquele país. Receosos com o crescimento significativo desse povo estrangeiro, os egípcios passaram a subjugar os israelitas, colocando-os em trabalhos forçados na edificação de cidades, na agricultura e em outros serviços opressores (Êx 1.11—14). R. K. Harrison nos informa que a escravidão dos hebreus atingiu seu período mais crítico na construção em Pitom e Ramessés, sob o governo de Seti I e Ramsés II[118]. O açoitamento era uma prática comum entre os egípcios. Segundo Harrison, "os espancamentos que os hebreus suportavam acrescentam um toque desafortunadamente autêntico à situação, pois este era o procedimento padrão na vida egípcia antiga para o encorajamento do progresso em qualquer tipo de trabalho".

Ao explicar este contexto, Mark Dever observou com perspicácia que "o nacionalismo e a xenofobia, com frequência, levam a atitudes desagradáveis e

feias, principalmente quando a população se sente ameaçada ou até subjugada pelo crescimento de uma minoria[119]. Por mais numerosos que possam ser, estrangeiros são sempre vulneráveis, porquanto não detêm poder político e legal de uma dada nação.

O Egito, portanto, não era local de refúgio, mas de opressão e trabalho penoso. Segundo Victor Hamilton, a submissão dos hebreus a esse tipo de trabalho tinha a intenção de "desmoralizá-los, convencê-los de sua posição de escravos e reduzir ao máximo qualquer possibilidade de insurreição"[120].

Deus Manda Israel Proteger o Estrangeiro

Por esse motivo, sempre que Deus exortava a nação israelita sobre a necessidade de proteção e cuidado ao estrangeiro, recordava do período tenebroso que eles experimentaram no Egito. Ao trazer-lhes à lembrança o período de peregrinação, o Senhor queria que eles se colocassem no lugar do estrangeiro, com empatia, a fim de entender as suas dificuldades.

Os gentios não podiam ser explorados ou maltratados, e a Lei lhes assegurava uma vida digna. O estatuto divino para o estrangeiro previa vários dispositivos de proteção, começando pela necessidade de não os oprimir e amá-los (Êx 23.9; Lv 19.33,34). A Lei permitia a colheita remanescente aos estrangeiros (lei da respiga), juntamente com órgãos e viúvas (Dt 24.19-22), e também a isonomia com os hebreus (Êx 12.49). Em um tempo em que os estrangeiros eram considerados inimigos, Deus instrui seu povo ao acolhimento e cuidado, agindo com compaixão. Afinal, de acordo com salmista, o Senhor guarda o peregrino (Sl 146.9).

Ao mesmo tempo, os profetas do Antigo Testamento vaticinaram contra a discriminação ao estrangeiro, como é o caso de Isaías (Is 56.3-6). Jeremias diz: "Se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal, eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, de século em século" (Jr 7.6,7). Zacarias e Malaquias, igualmente, bradaram contra a opressão aos estrangeiros (Zc 7.10; Ml 3.5).

Isso nos leva diretamente à seguinte pergunta: Qual a razão para Deus se preocupar tanto com o estrangeiro?

Tal se deve à fragilidade social e psicológica daqueles que se encontram nessa situação, motivo porque a proteção a esse grupo é uma maneira de se

fazer justiça. Se justiça, como vimos no capítulo anterior, envolve o cuidado com os vulneráveis, então isso também se aplica aos estrangeiros. Ao longo das Escrituras vemos Deus defendendo o *quarteto da vulnerabilidade*[121]: órfãos, pobres, viúvas e estrangeiros (Zc 7.9,10). Timothy Keller afiança que nas sociedades agrárias pré-modernas, esses quatro grupos não detinham poder social. "Mal tinham o que comer e, se houvesse fome na terra, invasão ou até mesmo distúrbio social, morreriam em questão de dias"[122]. Hoje, prossegue Keller, "esse quarteto abrangeria refugiados, trabalhadores imigrantes, os sem-teto, e os muito idosos e pais/mães que cuidam sozinhos dos filhos"[123].

Viver longe do lar e tendo de enfrentar barreiras geográficas, culturais, sociais, linguísticas, ao tempo em que sofre discriminação e preconceito étnico, inegavelmente é uma situação que evoca cuidados especiais.

Os Refugiados na Europa e no Brasil

Reportagem da Folha de S. Paulo[124], de 21 de fevereiro de 2017, noticiou que setenta e quatro corpos de migrantes foram levados pela maré até uma praia na costa da Líbia. Eram todos adultos, em sua maioria homens vindos de países da África Subsariana, tentando atravessar o Pacífico em busca de asilo na Europa. Tal notícia é apenas um pequeno retrato da crise contemporânea de refugiados, a maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial.

Em várias partes do mundo, milhares de pessoas fogem de seus países em busca de abrigo em outras nações, com famílias inteiras deixando seus lares e arriscando suas vidas em viagens e travessias perigosas, a pé ou pelos mares. Os números são alarmantes. O Relatório "*Tendências Globais*" elaborado em 2015 pela ACNUR/ONU[125] apontou um total de 65,3 milhões de pessoas deslocadas por guerras e conflitos até o final daquele ano. Do total de 65,3 milhões, 12,4 milhões são novos deslocados por conflitos e perseguições apenas em 2015. Esse conjunto se divide entre 8,6 milhões de pessoas forçadas a abandonar seus lares e a mudar-se para outros lugares de seu país e 1,8 milhão que tiveram de cruzar as fronteiras. O universo de 65,3 milhões inclui 21,3 milhões de refugiados ao redor do mundo, 3,2 milhões de solicitantes de refúgio e 40,8 milhões deslocados que continuam dentro de seus países.

De acordo com o relatório, com o aumento de 2,6 milhões de casos apenas em 2015, na comparação com os dados de 2004, é possível concluir que o mundo assiste a um recorde de deslocados internos. Entre os países analisados pelo relatório *"Tendências Globais"*, alguns se destacam por serem a principal origem de refugiados no mundo. A Síria (com 4,9 milhões de refugiados), o Afeganistão (com 2,7 milhões) e a Somália (com 1,1 milhão) totalizam mais da metade dos refugiados sob o mandato do ACNUR. Os países com maior número de deslocados internos são a Colômbia (6,9 milhões), a Síria (6,6 milhões) e o Iraque (4,4 milhões). O Iêmen, em 2015, foi o país que mais registrou novos deslocados internos — 2,5 milhões de pessoas ou 9% de sua população.

Refugiados na Europa

O continente europeu é uma das regiões mais afetadas pela crise de refugiados. Tal se deve ao crescente número de migrantes que chegam às suas fronteiras em busca de abrigo, oriundas, em sua maioria, do Oriente Médio e da África, especialmente em decorrência do terrorismo islâmico que impera nestas regiões, como é o caso da Síria (Estado Islâmico), Afeganistão (Taliban), Somália (milícia islâmica Al-Shabaab, filiada à Al-Qaeda) e Nigéria (Boko Haram).

Na Síria, logo após o advento da Primavera Árabe no final de 2010 — uma onda revolucionária de manifestações e protestos que abalou o Oriente Médio e o norte da África, desencadeou em março do ano seguinte a guerra civil entre o governo de Bashar al-Assad e os grupos insurgentes Exército Livre da Síria e a frente al-Nusra, ligada à Al-Qaeda. O Estado Islâmico aproveitou-se da ocasião para ocupar território e intensificar ainda mais a brutalidade e a sanguinolência.

A guerra desencadeou a saída em massa do povo sírio em busca de refúgio em países vizinhos. A ONU estima que a guerra tenha deixado cerca de 400 mil mortos e provocado um êxodo de mais de 4,8 milhões de pessoas do país — a maioria mulheres e crianças, colocando sob pressão os países vizinhos — Líbano, Jordânia e Turquia.

No Afeganistão, o grupo terrorista islâmico Taliban tenta recuperar seu poder perdido desde a ocupação militar norte-americana, após os atentados de 11 de setembro de 2001. Em 2015, um total de 3.545 civis morreram e 7.457

ficaram feridos no Afeganistão por causa da guerra[126]. Diante desse quadro, muitos afegãos partem em busca de refúgio na Europa.

Com efeito, na tentativa de atravessar os oceanos e chegarem à Europa, famílias inteiras arriscam suas vidas em viagens a bordo de embarcações clandestinas. Muitos não completam o percurso. Outros tantos desaparecem. Enquanto isso, as nações europeias ainda não sabem como lidar com a crise migratória de refugiados.

Refugiados no Brasil

O Brasil também recebe refugiados do mundo todo. Segundo estatísticas, o número total de solicitações de refúgio aumentou mais de 2.868% entre 2010 e 2015. Entre as principais causas dos pedidos de refúgio estão a violação de direitos humanos, perseguições políticas, reencontro de famílias e perseguição religiosa. A grande maioria dessas pessoas advém da África, Ásia (inclusive Oriente Médio) e do Caribe.

De acordo com o CONARE (Comitê Nacional para Refugiados), o Brasil possuía em 2016 mais de 8.863 refugiados reconhecidos, de 79 nacionalidades distintas (28,2% deles são mulheres) — incluindo refugiados reassentados. Os principais grupos são compostos por nacionais da Síria (2.298), Angola (1.420), Colômbia (1.100), República Democrática do Congo (968) e Palestina (376)[127].

Os Refugiados e a Igreja

A crise de refugiados é um problema característico dos tempos do fim, pois em geral está associada às guerras e aos conflitos internos (Mc 13.7). Todavia, isso não pode nos anestesiar em face de problema humanitário tão premente, pelo que os eventos escatológicos não afastam a responsabilidade do povo de Deus de dar mostras do seu amor e justiça para com o próximo e necessitado (Sl 72.13; Pv 31.20), enquanto aqui estiver.

Mais importante ainda, as Escrituras parecem dar ênfase, como vimos, à proteção do estrangeiro, diante de sua condição de vulnerabilidade. É significativo relembrar que quando veio a esta terra o Filho de Deus encarnado esteve também na condição de migrante. Em virtude da perseguição empreendida por Herodes em Belém, José e Maria tomam o menino Jesus e partem em direção ao Egito (Mt 2.13), onde ali vivem durante

anos como estrangeiros. Em outras palavras, Jesus e sua família viveram como refugiados.

Em seu ministério terreno, Jesus derribou as barreiras étnicas e raciais, subvertendo sutilmente o orgulho nacional israelita, para amar, salvar e curar samaritanos, gregos e romanos[128]. Cristo se importa e se compadece daqueles que se encontram nessa condição, pois conhece o seu sofrimento e infortúnio (Hb 2.17-18; Fp 2.8). Por esse motivo, aqueles que acolhem o estrangeiro necessitado são dignos de honra (Mt 25.40).

A demonstração do amor abrangente de Deus por todo o mundo, conforme declarou o apóstolo João (3.16), sem distinção de raça, lança por terra qualquer ideia de superioridade ou divisão dos grupos étnicos. De maneira enfática, dirigindo-se aos crentes gentios, Paulo diz que Cristo derribou a parede de separação que havia entre gentios e judeus, fazendo de ambos um único povo (Ef 2.12-14).

Diante disso, a pergunta de David Platt nos leva a uma profunda reflexão: Se o Deus da Bíblia se compadece de modo especial do imigrante, a ponto de compará-lo ao órfão e à viúva, e se a cruz de Cristo nos compele a ir além das divisões étnicas, então, tanto mais nós, como povo de Deus, não devemos cuidar do imigrante em nosso meio?[129]. Segundo Platt, a mensagem do evangelho tem implicações no problema da imigração. Ele afirma:

> Em meio a discussões políticas necessárias e discordâncias pessoais inevitáveis, o evangelho nos lembra, em primeiro lugar, de que quando falamos de imigrantes (legais ou ilegais), estamos nos referindo a homens e mulheres criados à imagem de Deus que são alvos de sua graça. Consequentemente, quem segue a Cristo deve ver o imigrante não como um problema a ser resolvido, mas como uma pessoa a ser amada. O evangelho no leva em nossa cultura a condenar todo tipo de opressão, exploração, intolerância ou assédio ao imigrante, não importa qual seja o seu *status* legal. Trata-se de homens por quem Cristo morreu, cuja dignidade não é maior e nem menor do que a nossa[130].

Se a leitura das Escrituras nos mostra a relevância do cuidado com o imigrante, mais cuidado e compaixão devemos ter pelo refugiado, por encontrar-se em situação de maior vulnerabilidade.

Intercessão e Hospitalidade em meio ao Medo

Aparentemente, a maioria dos cristãos concordam com a ideia de que os refugiados devem receber proteção e cuidado. Todavia, poucas vezes esse pensamento se transforma em ação concreta. É isso o que apontou uma pesquisa[131] realizada pelo instituto Lifeway em 2016 nos Estados Unidos:

> Mais de 8 em cada 10 (86%) dos entrevistados concordaram que os cristãos devem "se importar sacrificialmente com refugiados e estrangeiros".
> Apenas 1 em cada 10 discorda. Enquanto 80% dos pastores consideram um privilégio cuidar dos refugiados, cerca de 1 em 8 (13%) discorda. Ainda assim, os pesquisadores descobriram que poucas igrejas tomaram medidas para ajudar os refugiados.
> Entre os pastores, 1 em cada 5 (19%) dizem que sua igreja está ajudando refugiados no exterior, e 1 em cada 3 (35%) abordou a crise dos refugiados sírios do púlpito.
> Mais de 4 em 10 (44%) acreditam que há uma sensação de medo em sua igreja sobre os refugiados que vão para os Estados Unidos.

Tal pesquisa nos mostra a distância entre a teoria e a prática dentro dos grupos cristãos acerca da crise de refugiados. Isso deveria compelir a igreja cristã a reconhecer ainda mais a gravidade do problema, saindo da indiferença para a ação real.

Primeiramente, somos instados a interceder pelos estrangeiros e refugiados, para que recebam proteção e sustento. A oração intercessora é o instrumento espiritual capaz de promover transformações sociais que aos olhos humanos são impossíveis ou improváveis, pois o foco da oração é a resposta de Deus. Ore pela saúde e segurança das famílias refugiadas. Ore pelas igrejas e pessoas que trabalham com a causa das pessoas perseguidas. Clame pela paz nas regiões de instabilidade politica, social e religiosa.

Além disso, promover o acolhimento e amparo aos refugiados é a aplicação da hospitalidade recomendada pelas Escrituras (Rm 12.13; Hb 13.2; Tt 1.8; 1 Pe 4.9; 1 Tm 3.2). A palavra grega traduzida por hospitalidade é "philoxenia", que significa literalmente amizade com estrangeiros (philos: amizade; xenos: estrangeiro). A hospitalidade em nossos dias, não significa necessariamente receber em casa os estrangeiros. Podemos ser hospitaleiros

por meio da criação de casas de apoio e abrigos para as famílias perseguidas, promovendo o necessário acolhimento.

Importante relembrar que muitos refugiados são cristãos que se encontram afastados de seus países por diversos motivos, alguns por causa da perseguição religiosa, por professarem a fé em Cristo.

Sem menosprezar aos aspectos que envolvem a segurança nacional e a política migratória, que competem ao Estado, o povo de Deus serve como uma comunidade de refúgio e apoio às pessoas e famílias fragilizadas que sofrem perseguição.

A Igreja e os Refugiados

Enquanto arauto da justiça, a igreja também pode agir estrategicamente no enfretamento desse problema social, alçando sua voz profética para que o assunto seja devidamente tratado pelo poder público. David Platt[132] recorda, com efeito, que "temos diante de Deus, como cidadãos de um governo, a responsabilidade de trabalhar juntos para criar e aplicar leis justas aos imigrantes". Em suas palavras, "entre outras coisas, tais leis exigem a segurança de nossas fronteiras, a responsabilidade de nossos donos de empresas por práticas de contratação e a adoção de medidas essenciais que garantam aos contribuintes do país um tratamento justo no que se refere ao pagamento de impostos". Assim, prossegue Platt, "como cidadãos de um país, temos a responsabilidade perante Deus de trabalhar juntos para refutar e pôr fim a leis injustas que oprimem os imigrantes".

Igualmente, a comunidade cristã pode contribuir para a ajuda dos refugiados mediante o apoio a organizações sérias que trabalham nessa causa, inclusive levantar recursos para a ajuda humanitária. No Brasil, a Associação Nacional de Juristas Evangélicos (Anajure)[133] tem desenvolvido um trabalho de relevância pública, com ações que visam à proteção aos refugiados e a promoção da ajuda humanitária. A entidade ajudou a fundar no Brasil a Frente Parlamentar Mista para Refugiados e Ajuda Humanitária — FPMRAH. A primeira contribuição da organização foi intermediar a vinda para o Brasil de uma família de paquistaneses, cujo chefe de família havia sido condenado à morte sob acusação de ter desrespeitado o alcorão e ser encaixado na lei de blasfêmia do Paquistão, pela qual nem mesmo o governo local poderia ajudar a livrá-lo da pena de morte.

A questão dos refugiados é um tema atual e complexo. Não obstante, considerando que o Senhor é um alto refúgio para o oprimido (Sl 9.9), a comunidade cristã deve ser uma comunidade de refúgio para os estrangeiros perseguidos. Sem desconsiderar os aspectos que envolvem a segurança nacional e a política migratória, aos cristãos cabe, do ponto de vista prático, dar acolhimento àqueles que precisam de proteção.

---

116 ACNUR. *Refugiado ou Migrante?* O ACNUR incentiva a usar o termo correto. Disponível em: http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/. Acesso em 01/mar/17.

117 "Apesar do fato de que muitos estudiosos tentaram refutar a historicidade de uma permanência prolongada de Israel em no Egito, as condições históricas que existiam do século XIX a.C no Oriente Médio e no Egito estão de pleno acordo com a tradição bíblica a este respeito." HARRISON, R. K. *Tempos do Antigo Testamento*: um contexto social, político e cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 118.

118 HARRISON, 2010, p. 119.

119 DEVER, M. *A mensagem do Antigo Testamento*: uma exposição teológica e homilética. Rio de Janeiro; CPAD, 2008, p. 91.

120 HAMILTON, V. P. *Manual do Pentateuco*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 156

121 Termo cunhado por Nicholas Wolterstorff e referido por Keller (KELLER, 2006, p. 25).

122 KELLER, 2006, p. 26.

123 KELLER, 2006, p. 26.

124 Corpos de 74 migrantes são encontrados em praia na Líbia. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/02/1860620-corpos-de-74-migrantes-sao-encontrados-em-praia-na-libia.shtml

125 ACNUR. Tendências Globais sobre refugiados e outras populações de interesse do ACNUR. Disponível em: http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas. Acesso em 03/mar/17.

126 Mais de 3,5 mil civis morreram em guerra no Afeganistão em 2015. Disponível em: http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/02/mais-de-3-5-mil-civis-morreram-em-guerra-no-afeganistao-em-2015-4974876.html. Acesso em 01/mar/17.

127 ACNUR. Dados sobre refúgio no Brasil. Disponível em: http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/. Acesso em 01/mar/17.

128 PLATT, 2016, p. 227.

129 PLATT, 2016, p. 232.

130 PLATT, 2016, p. 234.

131 Disponível em: http://www.christianitytoday.com/gleanings/2016/february/churches-fear-refugees

132 PLATT, 2016, p. 235-236.

133 ANAJURE. Estão lançados oficialmente o IPP/Brasil e a Frente Parlamentar Mista para Refugiados e Ajuda Humanitária (FPMRAH). Disponível em: https://www.anajure.org.br/estao-lancados-oficialmente-o-painel-internacional-de-parlamentares-para-a-liberdade-religiosa-ippbrasil-e-a-frente-parlamentar-mista-para-refugiados-e-ajuda-humanitaria-fpmrah. Acesso em 03/mar/17.

Capítulo 6

Lidando com o Preconceito e a Discriminação

> E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. — *Gênesis 1.26*

Uma das maiores contribuições sociais do cristianismo ao longo da história tem sido a doutrina bíblica da *Imago Dei* — a imagem de Deus no homem (Gn 1.26). Sem ela, é impensável falar em igualdade, liberdade e direitos humanos. O valor individual de cada ser humano, fundado no amor indistinto de Deus por todas as pessoas, faz parte do legado da fé cristã em sua trajetória na face da terra. Com apoio nessa bela doutrina bíblica, ensinada e vivenciada exemplarmente por Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, é que a igreja encontra respaldo suficiente para lidar e combater o preconceito e a discriminação em todas as suas formas de expressão.

Preconceito: Conceito Geral e Bíblico

Equivocadamente, há quem utilize os termos preconceito e discriminação como expressões sinônimas. Mas não são. Enquanto o preconceito diz respeito a uma opinião formada previamente pelo indivíduo, seja positiva ou negativa, a discriminação — como veremos logo mais — é o tratamento desigual e injusto de uma pessoa ou um grupo de pessoas em razão de classe social, cor da pele, nacionalidade, convicções religiosas, etc.

Pode soar absurdo falar em preconceito como algo natural e até mesmo benéfico, pois temos sido informados pela cultura contemporânea que todo preconceito nada mais é que a demonstração odienta de intolerância e de indiferença, algo repreensível por natureza. Todavia, não posso tratar desse tema com o objetivo de rechaçar o *preconceito negativo* sem antes mencionar

que até certa medida é natural que tenhamos algum tipo de preconceito, isto é, *determinada convicção prévia sobre as coisas*; conceitos anteriores que nos levam a decidir as questões da vida. Isso é assim porque, como vimos no capítulo 2, todos temos uma visão de mundo que nos ajuda a formar nossa própria concepção, necessária para a vida em sociedade.

Nessa perspectiva é que Theodore Dalrymple em seu *livro Em defesa do preconceito* destaca que, em nossos dias, testemunhamos um forte preconceito contra todo e qualquer preconceito. Por essa razão, dificilmente alguém admitirá, hoje, ter algum preconceito. Nas palavras de Dalrymple: "Admiti-lo seria proclamar-se um sectário, o tipo de pessoa que não pode e não quer examinar suas opiniões e concepções prévias e que, consequentemente, apresenta-se como alguém restrito em suas afeições, farisaico em seus julgamentos, xenofóbico em suas atitudes, rígido em seus princípios, severo diante de seus inferiores"[134]. Assim, Dalrymple observa de maneira perspicaz que, "a julgar pelo que as pessoas dizem de si mesmas, nunca vivemos uma época tão livre de preconceituosos, com tantas pessoas no mais completo e absoluto controle de suas opiniões e, como resultado, viveríamos hoje em um mundo repleto de pessoas absolutamente sensatas, racionais e benevolentes. Ninguém julga nada, pessoas ou questões, exceto à luz da evidência e da sua própria razão".[135]

Evidentemente, o objetivo de Dalrymple é demonstrar que é impossível vivermos sem alguns pressupostos básicos. Para Dalrymple, ao fazer isso recusamos qualquer autoridade sobre o nosso comportamento moral, seja essa autoridade a religião, a história ou as convenções sociais, fazendo com que percamos importantes reguladores de comportamentos antissociais. Segundo Dalrymple, é necessário bom senso para saber quando um preconceito deve ou não ser abandonado; é necessário combater não o preconceito em geral, mas os preconceitos ruins e prejudiciais à vida humana.

O nosso foco é combater o *preconceito negativo*, aquele em que alguém faz um juízo de condenação acerca de outro ou de um grupo de pessoas, sem conhecimento, reflexão ou com imparcialidade. Esse tipo de preconceito é prejudicial e perigoso, pois leva à intolerância, à discriminação e até mesmo à violência. É sobre esse tipo de preconceito que iremos nos concentrar neste capítulo.

Juízes de Maus Pensamentos

A Bíblia não nos oferece uma definição de preconceito. Todavia, encontramos nela advertências contra o desprezo (Rm 10.12) e o julgamento condenatório dirigido pelas aparências (Jo 7.24) e sem critérios justos (Jo 8.15, 16).

Tiago chama de "juízes de maus pensamentos" aqueles que menosprezavam os menos afortunados (Tg 2.4). Tal expressão aludia aos magistrados que julgavam com base em pensamentos errados, com padrões equivocados e padrões iníquos. De acordo com o Comentário Beacon, a expressão é melhor traduzida por "juízes com pensamentos maus", no sentido de pensamentos com motivações erradas, padrões errados[136]. Aquelas pessoas eram conduzidas por uma série de preconceitos maldosos: 1) Que a vestimenta fina era a marca de homens finos e que roupa comum significava caráter comum. 2) Que a riqueza é um marco do valor das pessoas. 3) Que a posição financeira fazia diferença na aceitação na igreja. 4) Que "sistemas de castas" sociais e econômicas são aceitáveis para Cristo e apropriadas para sua Igreja[137].

Certamente, a expressão "juízes de maus pensamentos" é adequada para definir o sentido de preconceito negativo. O julgamento precipitado, parcial e tendencioso resulta em conduta preconceituosa, à medida que parte de uma concepção de superioridade de um grupo em relação a outro.

A passagem bíblica narrada em Atos 10 nos fornece um típico exemplo de preconceito. Estamos falando de um episódio na vida de Pedro, um dos principais do grupo dos doze. A sua forte identidade étnica judia o impedia até então de se misturar com os gentios. O preconceito alojado em sua mente era exatamente este: que sendo ele um israelita, participante do povo escolhido, não deveria se juntar às outras etnias. Naquela época, os judeus levavam o assunto tão longe quanto considerar contaminação cerimonial o toque involuntário de um gentio (Jo 18.28). Mas Deus se encarregou de desfazer tal preconceito. Ele começou trabalhando na mente de Simão, por meio de uma visão espiritual. Tratava-se de uma ação divina preparatória, para que Pedro recebesse os homens enviados por Cornélio, um gentio piedoso da Cesareia. Nas palavras do expositor bíblico Mathew Henry: "Pedro não tinha superado esta noção fanática e mesquinha que dividia com seus compatriotas, por isso teria desconfiança em ir à casa de Cornélio"[138].

Após um período de oração, quando a fome lhe atacava o estomago, Deus lhe mostrou uma visão. Do céu descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, vindo para a terra, no qual havia de todos os animais quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu. Uma voz disse a Pedro: Levanta-te, Pedro! Mata e come. Ao que Pedro respondeu: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda. E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou. E isto aconteceu três vezes.

É interessante notar que ainda assim Pedro continuava a duvidar. As raízes do preconceito, afinal, são difíceis de serem removidas da mente e do coração humano. Todavia, quando os três homens chegaram a sua casa, o Espírito Santo falou ao coração do apóstolo para que os acompanhasse, porque Deus os havia enviado. Após o encontro com Cornélio, já vemos o novo Pedro, agora sem o velho preconceito. Ao tomar a palavra na casa de Cornélio ele deixou isso bem evidente ao declarar que Deus não faz acepção de pessoas, mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo. Pedro já não era mais um "juiz de mau pensamento".

Julgando com Sabedoria

Será que todo julgamento humano implica em uma espécie de preconceito negativo? A resposta é não.

A advertência do Mestre em Mateus 7.1 "Não julgueis, para que não sejais julgados", por exemplo, tinha o propósito de coibir o julgamento prematuro e imparcial. Ele não estava estabelecendo um mandamento contra qualquer tipo de julgamento, pelo qual não possamos denunciar o erro e exortar os pecadores. Tanto assim que neste mesmo capítulo Jesus condena a hipocrisia e diz para os discípulos tomarem cuidado com os falsos profetas (v. 15).

O que Jesus estava proibindo nesta passagem, conforme French Arrington e Roger Stronstad, é a mania de criticar, a condenação e a hipocrisia contumaz. "O imperativo presente em 'não julgueis' (ou parai de julgar') indica um estilo de vida e uma atitude habitual de condenação"[139]. Esse tipo de conduta é característico do preconceituoso.

O objetivo maior da declaração de Jesus, afinal, é que devemos tratar os outros da maneira como queremos ser tratados, com base na regra de ouro (Mt 19.19). Devemos procurar avaliar a nós mesmos, e aos outros, utilizando

os mesmos padrões. Somos convidados, como servos de Deus, a julgar com discernimento e sabedoria.

Discriminação Racial, Social e Religiosa

Enquanto o preconceito refere-se a um conceito mental prévio, a discriminação significa o tratamento desigual e injusto de uma pessoa ou um grupo de pessoas em razão de classe social, cor da pele, nacionalidade, convicções religiosas, etc. A discriminação é o preconceito em ação!

Discriminação étnica/racial e social

A primeira forma de discriminação é a discriminação étnica ou racial. Ela consiste em qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência, baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica. Infelizmente, a história mundial é marcada por essa conduta desonrosa, que exclui, segrega e mata. A discriminação social provoca a separação dos indivíduos em razão da classe econômica a que pertencem, gerando marginalização e segregação social. Tiago repreendeu aqueles que em reuniões solenes davam tratamento privilegiado aos ricos e desonroso aos pobres (Tg 2.6), numa verdadeira acepção de pessoas.

A fé cristã é suficientemente relevante para combater qualquer tipo de discriminação. Aliás, somente a cosmovisão cristã fornece o embasamento adequado para o tratamento igualitário entre as pessoas, tendo como fundamento a doutrina bíblica da *Imago Dei,* a imagem de Deus no homem, extraída da leitura de Gênesis 1.26. Essa passagem bíblica estabelece o princípio segundo o qual todas as pessoas devem ser tratadas com dignidade e isonomia, uma vez que temos a imagem de Deus, não havendo distinção natural entre uma pessoa e outra, entre rico e pobre, entre branco e negro.

A dignidade humana é um atributo universal próprio do ser humano, de procedência transcendente, que gera uma pretensão universal de reconhecimento, respeito e proteção tendo como destinatários todos os indivíduos e todas as formas de poder político e social. O jurista português Jónatas Machado lembra que para a visão do mundo judaico-cristã, essa dignidade especial de ser criado à imagem e semelhança de Deus manifesta-se nas peculiares capacidades racionais, morais e emocionais do ser humano, na sua postura física erecta, sua criatividade e na sua capacidade de

articulação de pensamento e discurso simbólico, distinta de todos os animais, por mais notáveis que sejam as suas características. Jónatas destaca ainda que a teologia da imagem de Deus *(Imago Dei)* constitui a base das afirmações de grandes pensadores da história, a exemplo de Francisco de Vitória, Francisco Suareza, Hugo Grócio, Samuel Pufendorf, John Milton, John Lock James Madison e Thomas Jeferson, sobre a dignidade, a liberdade e a igualdade, as quais viriam a frutificar no mundo jurídico, especialmente o direito a liberdade individual e a capacidade de autodeterminação democrática do povo.

O doutor Jónatas Machado ainda destaca:

> A dignidade de cada ser humano não é em função do seu valor de mercado, estatuto social, mediático, ou profissional, ou montante o salario auferido. Do mesmo modo, ele não depende de saber se o ser humano já nasceu ou não, se é criança, homem, mulher, idoso, deficiente, rico, pobre, sadio, doente, presidiário, etc. Qualquer que seja sua condição, os seres humanos têm um valor intrínseco e um significado moral que lhes foi atribuído pelo Criador.[140]

Quanto à igualdade, se todos partem do mesmo Criador, não há razão e muito menos justificativa para que um ser humano seja considerado superior ou inferior ao outro, daí porque todos merecem ser tratados sem distinção, independentemente da cor, raça, sexo, etnia ou religião. No cristianismo, o fundamento do tratamento igualitário é o próprio Deus que não faz acepção de pessoas (At 10.34), para quem não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos são um em Cristo Jesus (Gl 3.28). Os cristãos sempre acreditaram que Deus atribui a cada vida humana que cria um valor infinito e que ama a cada pessoa de igual modo.

Com efeito, a Bíblia profere um duro golpe no racismo ao enfatizar que, segundo a imagem daquEle que nos criou, não há grego, nem judeu, nem bárbaro ou cita; mas Cristo é tudo, e em todos (Cl 3.11). O pensamento de segregação étnica e social também não consegue se sustentar diante da irrefutável verdade bíblica de que a graça salvadora se estende a toda humanidade (Jo 3.16), às pessoas de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas (Ap 7.9).

Isso não significa dizer que ao longo da história não tenham existido cristãos que tenham praticado algum tipo de discriminação. Certamente isso aconteceu no passado e infelizmente ocorre em nossos dias. Entretanto, aqueles que assim procederem, o fazem em revelia aos ensinamentos bíblicos e em discordância ao exemplo máximo da fé cristã: Jesus Cristo. Ele é o nosso modelo de conduta e nos ensina a lidar com a discriminação. Cristo via cada pessoa dotada de valor especial para Deus, até mesmo aquelas excluídas da sociedade da sua época. Ele conversa com uma mulher samaritana, toca fisicamente em leprosos e doentes, vai à casa de publicanos e perdoa uma adúltera. Todas essas coisas eram inconcebíveis naquele tempo. Tais pessoas, por um motivo ou outro, eram rejeitadas, indignas de receber um tratamento igualitário. Cristo afasta as barreiras da discriminação e trata cada pessoa de forma especial, estabelecendo um dos conceitos chaves do seu ministério: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10.27).

Ao contrário da cosmovisão cristã, as demais cosmovisões não possuem uma base firme o suficiente na qual a defesa da dignidade humana possa se apoiar. Qual é a justificativa pela qual as pessoas devam ser tratadas com respeito e justiça se elas são meros acidentes biológicos?

Discriminação Religiosa

Por fim, a discriminação religiosa diz respeito ao tratamento diferenciado em virtude da crença, religião ou culto praticado por determinada pessoa. Esse tipo de discriminação provoca intolerância, perseguição, violência e morte, como podem atestar vários episódios da história da humanidade. Ainda hoje, cerca de 73% da população do mundo vive em países onde as restrições de liberdade religiosa são consideradas altas ou muito altas, em decorrência da discriminação por motivo de crença religiosa.

Ainda que o cristão creia na exclusividade da salvação em Cristo, e que Ele é o único mediador entre Deus e o homem, não há razão para a prática da intolerância e do menosprezo àqueles que professam confissões distintas. Entretanto, em tempos de pluralismo e relativismo que tenta subverter o sentido das palavras e induzir as pessoas a abandonarem as suas verdades, é imprescindível compreender o significado adequado de tolerância.

Vivendo em uma sociedade aberta, temos o dever de tolerar legal e socialmente os outros. A *tolerância legal* é o direito que cada pessoa tem de acreditar em qualquer crença (ou em nenhuma) que se queira acreditar. E como disse Erwin Lutzer, tal tolerância é muito importante em nossa sociedade, e nós, como cristãos, devemos manter nossa convicção de que ninguém jamais deve ser coagido a crer no que cremos. A *tolerância social* é o compromisso de respeitar todas as pessoas mesmo que discordemos frontalmente de sua religião e ideias.

Assim, quando nos envolvemos com outras religiões e questões morais na feira ideológica, deve ser com cortesia e bondade. Temos de viver em paz com todos os indivíduos, mesmo com os de convicções e crenças divergentes. O testemunho cristão no meio social deve ser feito com cordialidade, mansidão e com respeito.

A discriminação religiosa ocorre quando não há tolerância legal e social. Entretanto, tolerância não significa concordar com o que os outros acreditam. Isso não é tolerância, é ditadura! Segundo D. A. Carson, em seu livro *O Cristianismo confronta o pluralismo*, "as melhores formas de tolerância, em uma sociedade livre e aberta, são as receptivas e tolerantes com as pessoas, mesmo quando há grande desacordo acerca das ideias delas". Entretanto, hoje, a tolerância, em muitas sociedades ocidentais, foca cada vez mais as ideias, não as pessoas. O resultado de adotar essa nova tendência de tolerância

> [...] é haver menos discussão dos méritos das ideias conflitantes — e menos civilidade. Discute-se menos porque a tolerância às ideias distintas exige que evitemos criticar a opinião dos outros; além disso, quase não se discute em que ponto as ideias em questão são do tipo religioso que alegam ser válidas para todos em todo lugar: esse tipo de noção está fora da "estrutura [moderna] de plausibilidade" (para usar o termo de Peter Berger) e tem de ser descartada. Há menos civilidade porque não há exigência inerente a essa nova prática de tolerância, ser tolerante com as pessoas, e é especialmente difícil ser tolerante com aquelas pessoas cuja percepção está tão distante das "estruturas de plausibilidade" aceitas que elas acham confusa esse tipo de tendência à tolerância.[141]

A tolerância pós-moderna, ao focar nas ideias, e não nas pessoas, reduz o âmbito de discussão e consequentemente da liberdade de pensamento, fazendo emergir um ambiente de diálogo restrito e pouco produtivo. Consequentemente, isso enfraquece a cultura, destrói valores e pavimenta a estrada da ignorância desmedida.

A Lei e o Combate à Discriminação

Além dos aspectos anteriormente apontados, devemos rejeitar o preconceito negativo e a discriminação, visto que a legislação brasileira coíbe esse tipo de prática. A Constituição Federal estabelece que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...” (art. 5º, *caput, CF/88*). Por esse motivo, a discriminação, o racismo e a injuria racial constituírem crime, conforme estabelece a legislação do país (Código Penal Brasileiro e Lei nº. 7.716/89).

A liberdade religiosa é igualmente um direito fundamental de valor inestimável, previsto na Carta Magna: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (art, 5º, VI, CF/88).

Em geral, a literatura sugere que a garantia da liberdade religiosa se desenvolve ou se estrutura em três aspectos: liberdade de crença, culto e organização religiosa.

A liberdade de crença possui uma dimensão subjetiva, referente à interioridade do indivíduo, e diz respeito ao direito de acreditar, não acreditar ou deixar de acreditar em alguma coisa. Envolve, portanto, a garantia de ser religioso e de aderir a qualquer religião de sua escolha, seja ela organizada ou não; assim como o direito de ser irreligioso, ateu ou agnóstico, ou seja, de não acreditar ou aderir a uma crença religiosa.

A liberdade de culto possui uma dimensão objetiva, referindo-se ao direito de exteriorização da crença, para realizar cultos, liturgias, cerimônias, cânticos e outros atos próprios da fé. A fim de resguardar esse direito o artigo 208 prevê o crime contra o sentimento religioso, assim tipificado: “Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir, ou perturbar cerimônia, ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato, ou objeto de culto religioso”.

Por fim, a liberdade de organização religiosa diz respeito ao direito de autodeterminação dos grupos religiosos para poderem se organizar. Envolve o direito de criação, estruturação, autorregulamentação e funcionamento da entidade religiosa[142], sem a intromissão do Poder Público, ressalvadas as previsões legais.

Assim, o direito à liberdade religião abarca não apenas o direito subjetivo de crer ou não crer em alguma coisa, doutrina ou confissão, mas também de expressar essa doutrina no ambiente público. Segundo Jonas Moreno a liberdade religiosa nasce da necessidade de publicização da fé, como "meio de transformação do homem, de sua realidade interior, que gera consequências exteriores, dentre as quais, a de tornar pública a sua fé para que outros tenham a oportunidade de verem as suas vidas transformadas".[143]

Os crentes devem estar comprometidos com a defesa da liberdade religiosa em todos os seus níveis, não somente para poderem expressar a fé no Deus das Escrituras, mas também que os outros possam livremente exercer esse mesmo direito.

---

134 DALRYMPLE, T. *Em Defesa do Preconceito*: a necessidade de se ter ideias preconcebidas. São Paulo: É Realização, 2015, p. 16.

135 DALRYMPLE, 2015, p. 16.

136 TAYLOR, R. S. Et al. *Comentário Bíblico Beacon*: 10 – Hebreus a Apocalipse. Rio de Janeiro, CPAD, 2016, p. 166.

137 TAYLOR, 2016, p. 166.

138 HENRY, M. *Comentário Bíblico Novo Testamento*: Atos a Apocalipse. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 106.

139 ARRINGTON; STRONSTAD, 2004, p. 60.

140 MACHADO, J. E.M. *Estado Constitucional e Neutralidade Religiosa*: entre o teísmo e o (neo)ateísmo. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2013, p. 38.

141 CARSON, D. A. *O Deus Amordaçado*: o Cristianismo confronta o pluralismo. São Paulo: Shedd Publicações, 2013, p. 32.

142 SANTOS JUNIOR, A. C. *Liberdade Religiosa e Contrato de Trabalho*: a dogmática dos direitos fundamentais e a construção de respostas constitucionalmente adequadas aos conflitos religiosos no ambiente de trabalho. Niterói, Rio de Janeiro: Editora Impetus, 2013, p. 11,12.

143 SANTANA, U.; MORENO, J; TAMBELINI, R. *A Liberdade Religiosa no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Anajure Publicações. 2014, p. 11.

Capítulo 7

Política e Corrupção na Perspectiva Cristã

> Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus. — *Romanos 13.1*

A história de nosso país é assinalada por má governança e escândalos de corrupção. Sem dúvida alguma, a desonestidade e a trapaça não são novidades para o país que criou o "jeitinho brasileiro" — a artimanha utilizada por muitos para resolver problemas ou levar vantagem em alguma coisa. Em tempos recentes, porém, a crise política que se instalou na nação parece ter atingido níveis alarmantes. A estrutura política encontra-se transtornada (Sl 11.3). Diante desse contexto, o que pode fazer o justo? De que maneira o povo cristão pode contribuir com a dimensão política da nação e colaborar para a boa governança pública e o combate à corrupção?

Como veremos neste capítulo, a fé cristã — e até mesmo o pentecostalismo — tem muito a fornecer ao processo político, pois das Escrituras podem ser extraídos princípios vitais para a vida pública. Embora exista no meio evangélico um grande contingente de cristãos que se considerem apolíticos, veremos que o engajamento político do cristão de maneira sadia e biblicamente direcionada faz parte da nossa tarefa de iluminar este mundo caído.

Política Governamental e Corrupção

Os dicionários definem o vocábulo política como a arte de governar. Logo, ela é parte essencial da vida humana. Aqueles que afirmam não gostar de política, desconhecem que é exatamente ela quem define os temas que afetam o nosso dia a dia.

Na esfera pública, a política refere-se à forma como os governantes

administram e tomam as melhores decisões para a nação, estado ou município. Vemos então que política tem a ver com poder, afinal somente governa quem detém autoridade. Miguez Bonino observou que "o âmbito político tem o tema do poder como uma das referências fundamentais"[144]. Não a única, diz ele, mas também "as questões das estruturas de organização política, e da lei, e da justiça são igualmente importantes. Porém, sem dúvida, as questões das fontes de poder, os mecanismos do exercício do mesmo, os riscos e a corrupção do poder são temas inescapáveis em qualquer consideração da política"[145].

Nesse aspecto, as Escrituras ensinam que Deus delega certa autoridade ao homem para governar (Tt 3.1; Pv 8.15). Romanos 13.1-4 declara:

> Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus. Por isso, quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus e vingador para castigar o que faz o mal.

Paulo nos oferece o fundamento sobre o qual podemos compreender adequadamente o sentido do poder na política, especialmente em relação à sua origem. Ele deixa evidente que, seja qual for o mecanismo social de escolha das autoridades terrenas, Deus é a fonte do poder de onde os governantes retiram a sua legitimidade para governar.

Considerando o contexto em que a carta foi escrita, sob a égide do domínio romano, a declaração de Paulo possui um conteúdo subversivo. Paulo está enfrentando o poder imperial de sua época ao afirmar que a autoridade suprema não é o imperador, mas Deus. A esse respeito, Franklin Ferreira diz que: "Paulo quer mostrar aos cristãos romanos que eles, diante da ira de Deus sobre os que pervertem sua autoridade, não devem ser intimidados, mas sim, estar prontos para expressar a mensagem do evangelho de Jesus Cristo como único Senhor também na esfera pública — ainda que, em Roma, a religião

pertencesse à esfera privada”[146].

Com isso, entendemos que o estado ou qualquer outra instituição pública está abaixo do Criador. Quando a vontade do poder público e do povo entram em conflito com a vontade divina (Ef 6.7), não há outra opção senão obedecer a Deus (At 5.29). Desse modo, tão errado quanto adorar a César nos tempos de Jesus, é a lealdade absoluta ao estado nos dias atuais. Esse tipo de lealdade só devemos a Deus.

Compreendemos também que a política possuí finalidade legítimas. Utilizada de forma correta, ela deve servir para aprovar leis justas, refrear o mal e praticar o bem, a fim de proporcionar aos cidadãos uma sociedade onde haja liberdade, acesso à saúde, segurança e educação de qualidade, por exemplo.

O Mal da Corrupção

Apesar de possuir finalidades legítimas, a política pode ser utilizada para fins ilícitos. Isso porque, nem todos aqueles que ocupam cargos públicos estão preocupados com a sociedade e o interesse coletivo. Muitos se valem do cargo para proveito próprio e aumento do patrimônio pessoal, por meio do desvio de dinheiro dos cofres públicos e outros esquemas, falcatruas e “jeitinhos” para obtenção de vantagens desonestas, fazendo surgir a corrupção.

No Brasil, afirma-se que a corrupção política esta impregnada na cultura nacional, ante a normalidade com que usualmente o problema é encarado. Pesquisa realizada em 2016 apontou que sete em cada dez brasileiros afirmaram já ter cometido pelo menos uma atitude que pode ser considerada corrupção. Mas os entrevistados não se assumem: somente 3% deles, questionados se se consideram corruptos, reconheceram que sim[147].

A existência da corrupção comprova uma doutrina bíblica irrefutável: a depravação total provocada pela Queda do homem no pecado. Tal doutrina ensina que o homem é totalmente incapaz de chegar-se a Deus mediante seus próprios méritos e esforços, em virtude de sua morte espiritual e natureza pecaminosa; assim como é completamente incapaz de, por si só, dominar o pecado. Essa é uma doutrina básica defendida pelo arminianismo clássico, à luz das Escrituras (1 Rs 8.46; 2 Cr 6.36; Sl 14.1-3; Ec 7.20; Is 64.6; Rm 3.10; 3.23; Tg 3.2). Essa é a razão pela qual o homem, caído, tem a propensão à

corrupção (Rm 5.8,19; Rm 7.16)[148].

Enquanto o filósofo francês, do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau dizia que o homem nasce bom e a sociedade o corrompe — ideia esta que se encontra na base de muitas ideologias contemporâneas, a fé cristã afirma que o homem já nasce corrompido, com a propensão para a corrupção nos planos moral, político, jurídico, econômico, religioso, científico, etc. Essa a razão pela qual a concepção judaico-cristã, ao compreender de maneira adequada a natureza humana, enfatiza que "a confiança nas capacidades humanas deve coexistir sempre com uma medida razoável de desconfiança e precaução em todos os domínios da vida"[149].

A corrupção acarreta graves consequências sociais. Ela contribui para a desigualdade e aumento da miséria, reduz o crescimento econômico e prejudica, por consequência, a oferta dos serviços públicos básicos aos cidadãos. De acordo com Provérbios 29.1, o povo se alegra com a administração sábia e justa, mas geme quando os impiedosos dominam. Igualmente, o governante justo administra corretamente a sua terra, mas o corrupto a destrói (Pv 29.4).

A Separação entre Estado e a Igreja

O ponto de partida para a efetiva relevância cristã no campo da política tem início com o entendimento adequado da relação entre Estado e igreja. Sem uma consistente interpretação bíblica acerca deste ponto, teremos dificuldades em dar bom testemunho no ambiente público.

Os evangelhos narram um dos episódios em que os religiosos dos tempos de Jesus tentam, como de costume, colocá-lo em uma situação embaraçosa diante dos judeus e do Império Romano. Aproveitando a ocasião em que o Nazareno havia acabado de proferir um dos seus ensinamentos, os principais dos sacerdotes e os escribas enviam alguns de seus homens como espias em meio ao povo, para que pudessem apanhá-lo em alguma palavra que o condenasse.

Usando um discurso carregado de falsidade e perversidade eles indagam a Jesus: "Mestre, nós sabemos que falas e ensinas bem e retamente, e que não consideras a aparência da pessoa, mas ensinas com verdade o caminho de Deus. É-nos lícito dar tributo a César ou não?" (Lc 20.21,22). A pergunta põe Jesus em uma situação complicada e aparentemente sem saída: uma resposta

afirmativa desagradaria aos judeus, que viviam sob o jugo romano; a negação, por outro lado, confrontaria o próprio Império Romano, o que poderia levá-lo a ser acusado de sedição. Jesus, porém, sabendo da astúcia de seus interlocutores, toma em suas mãos uma moeda romana da época e pergunta-lhes: “De quem é esta efígie e esta inscrição?”. Eles dizem: “De César”. Então, Jesus responde: “Daí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Lc 20.24,25).

Essa frase de Jesus tem ecoado desde então, servindo como uma passagem essencial na fundamentação da teologia política cristã, para regular o relacionamento entre o cristão e o governo humano e entre a igreja e Estado. Majoritariamente, o pensamento cristão histórico tem entendido que a afirmação de Jesus estabelece distinção entre o poder político e o poder religioso, separando as esferas do Estado e da igreja como entes autônomos e distintos. O protestantismo, com efeito, da qual o pentecostalismo clássico descende, não advoga uma teocracia política, e sim uma participação construtiva, propositiva e até mesmo questionadora, em defesa da justiça e de seus valores e princípios bíblicos, sem que a organização religiosa tenha que assumir algum tipo de protagonismo político.

Seja como for, ainda que a interpretação mais dominante acerca das palavras de Jesus indique que Ele estivesse instruindo seu público que a igreja e o governo têm jurisdição sobre diferentes esferas de autoridade, a própria pergunta de Cristo acerca da imagem na moeda contém implicações subjacentes que direcionam para a soberania divina, como bem lembrou Francis Beckwith. A outra pergunta implícita que deve ser respondida é: Quem tem em si a imagem de Deus? “Se a moeda representa a autoridade de César, porque tem nela sua imagem, então, nós seremos humanos, estamos sob a autoridade de Deus, porque temos em nós a sua imagem”[150]. Assim, “o governo e a igreja, apesar de terem jurisdições distintas, partilham da obrigação comum de promover o bem-estar daquele que são feitos à imagem de Deus”[151].

O que é Estado Laico?

Outro aspecto essencial é compreender o real significado de Estado laico. Tal se deve ao fato de que, não raramente, o argumento do “Estado laico” é usado como justificativa para afastar a participação política e a opinião em

matéria pública dos religiosos em geral e dos cristãos em particular. Entretanto, uma simples análise histórica e constitucional vai comprovar que o modelo de relacionamento entre Estado e religião adotado no Brasil não afasta a possibilidade da influência da religião sobre o mundo político.

No Brasil, o modelo adotado de relação entre Estado e organizações religiosas é o da laicidade. O art. 19, inciso I, da CF/88, veda à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios "estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público". O Estado laico ou leigo adota o modelo de separação entre o poder político e o poder religioso. Segundo ensina Santos Junior, o princípio da separação, consagrado no artigo, "refere-se mais especificamente à relação entre o Estado-pessoa Jurídica e as organizações religiosas e não à relação entre o Estado-ordenamento e o fenômeno religioso"[152], afinal o próprio texto constitucional permite a colaboração em prol do interesse público.

A laicidade adotada no ordenamento jurídico brasileiro não se confunde com laicismo, de origem francesa. Enquanto o laicismo busca o retraimento ou desaparecimento da religião enquanto tal, o modelo de laicidade não veda a participação dos religiosos na esfera pública, ante a possibilidade de colaboração de interesse público e a garantia da liberdade religiosa; um direito fundamental, uma liberdade pública ou, se se preferir, uma prerrogativa individual, em face do poder estatal[153].

Nesse sentido, Jónatas Machado defende que o princípio da laicidade ou da neutralidade do Estado "não pode ser usado por parte das autoridades públicas e dos tribunais como escapatória para o não envolvimento em questões religiosas, ideológicas ou morais".[154] Machado diz que o princípio da neutralidade religiosa e ideológica do Estado Constitucional é incompatível com a consideração da religião unicamente como um fenômeno irracional, privado, individual, íntimo, ultrapassado, estranho e extrassocial. Muito menos será compatível com qualquer estratégia deliberada de remoção da religião da esfera de discurso público.[155]

Estado laico também não significa estado ateu. De acordo com Ives Gandra Filho[156], no Estado ateu há a negação da esfera espiritual, com base na ideologia marxista do materialismo dialético, instaurando-se uma oposição

ativa a qualquer religião e a perseguição a instituições e líderes religiosos. Exemplos típicos foram a União Soviética e os regimes comunistas da Albânia, Mongólia e Camboja; atualmente sofre-se restrições no campo religioso na Coreia do Norte e República Popular da China.

A Igreja deve respeitar o princípio da laicidade, mantendo-se separada institucionalmente do governo ao mesmo tempo em que pode colaborar com temas de interesse da sociedade, com programas de educação, filantropia e recuperação de usuários de drogas, por exemplo.

Como o Cristão Deve Lidar com a Política e a Corrupção

Não há nada de errado com a participação política dos cristãos. Enquanto cidadãos, os crentes também têm direitos e responsabilidades na cidade dos homens. O apóstolo Paulo valeu-se da cidadania romana para exercer seus direitos e garantias legais (At 16.37-39; 22,25-28; 25,10-12). Uma vez que os crentes são portadores de cidadania política, nos é possível participar da escolha dos governantes, assim como contribuir com as discussões e o rumo político da nação. Assim, é de se rejeitar a perspectiva apolítica da comunidade cristã.

Todavia, a participação da comunidade de cristã na arena política não deve se dar de qualquer maneira. Para ser considerado relevante, é necessário que o engajamento político dos crentes seja direcionado por uma postura socialmente adequada e teologicamente consistente. Caso contrário, a igreja local corre o risco de, dentre outros aspectos, ser seduzida (1) pelo desejo de dominação política, com base em perspectivas teocráticas, teonômicas e dominadoras, pondo em risco o princípio democrático; (2) pela ambição de benefícios próprios, aplicáveis aos círculos denominais, em detrimento do bem comum; (3) pelas propostas e ofertas de partidos políticos e candidatos, aliando-se a determinadas ideologias que destoam do cristianismo ortodoxo; (4) pela ilusão de messianismo político, de modo a colocar as esperanças neste ou naquele candidato; (5) pela visão espiritualista da disputa eleitoral, compreendendo o processo eleitoral eminentemente com uma batalha espiritual e o adversário como inimigo demoníaco.

O risco da inserção na arena política, sem um modelo bíblico adequado, é ainda mais agravado ao se perceber o perigo que representa — tanto ao testemunho cristão quando à teoria política — uma saída abrupta da prática

privatizada, experiencial e, via de regra, apolítica — que sempre predominou nos circulo cristãos — para uma atuação de ativismo público e politico, sem, antes, passar por um processo de amadurecimento e disseminação de suas bases doutrinais, especialmente aplicada à teologia política.

Influenciando o Mundo Político

O modelo adequado de relacionamento entre a comunidade eclesial e a política é, segundo Wayne Grudem, o modelo político de "influência cristã expressiva sobre o governo"[157], conforme os padrões morais de Deus e conforme os propósitos de Deus para o governo revelados na Bíblia. Significa dizer que os crentes devem se valer de seus valores e princípios para influir de modo decisivo nos rumos políticos da nação. Tal se dá pelo testemunho e o trabalho de cristãos vocacionados para política. Vale recordar de Daniel, um jovem fiel a Deus, que influenciou positivamente o governo de seu tempo (Dn 2.48). Além de aplicar a sabedoria na administração do governo, Daniel confrontou corajosamente os erros do rei Nabucodonosor (Dn 4.27).

Outra forma de influir na política é por meio do voto nas urnas. A comunidade de crentes pode exercer importante papel de conscientização e orientação dos seus membros, para que votem com ética e discernimento bíblico. Cabe à liderança o ensino adequado da política à luz das Escrituras, enfatizando a importância da politização sadia dos crentes e o envolvimento com as questões públicas. Por outro lado, não se recomenda o envolvimento direto da igreja local com as disputas político-partidárias ou a declaração de apoio a candidatos, visto que a igreja não se presta para finalidades eleitoreiras, mas para a congregação do povo de Deus.

A Corrupção e o Sétimo Mandamento

Por contrariar o sétimo mandamento (Êx 20.15), a corrupção é severamente condenada aos olhos de Deus (Lv 19.35,36). Ao longo da narrativa bíblica encontramos várias advertências contra diversos tipos de corrupção, no funcionalismo público (Lc 3.12-14), no Judiciário (Dt 16.19,20; Êx 23.8; Pv 17.23; Is 5.22,23; Sl 82.2-5a; Lv 19.15) e no Legislativo: "Ai dos que decretam leis injustas e dos escrivães que escrevem perversidade para prejudicar os pobres em juízo e para arrebatarem os direitos dos aflitos do

meu povo, para despojarem as viúvas e para roubarem os órfãos!" (Is 10.1.2).

A fé verdadeira tem um sério compromisso com o combate à corrupção em todos os níveis. Aquele que teve um encontro com o Senhor é aconselhado a não roubar mais (Ef 4.28) e compungido a devolver o que defraudou (Lc 19.8). Não coaduna, portanto, com a crença genuína a prática de atos desonestos, fraudadores e corruptos, e nem mesmo o consentimento com aqueles que assim agem (Rm 1.32). Se nova vida não combina com a vigarice, é inconcebível que a benção de Deus esteja em negócios escusos e deletérios.

Os crentes devem, por isso, ter voz ativa no combate a todo tipo de corrupção, conduta desonesta e fraudulenta. Não podemos nos calar diante dos atos que dilapidam o patrimônio público e beneficiem aqueles que enriquecem a custa alheia. A igreja não pode silenciar frente aos descalabros e resultados maléficos provocados pelos atos ilícitos de homens maldosos. Assim como no Antigo Testamento, a voz profética da igreja deve ser ouvida nas ruas da sociedade.

Em tempos de crise moral na política do nosso país, a Igreja de Cristo pode instruir, conscientizar, denunciar e mobilizar-se para propósitos cívicos legítimos. O poder do Espírito Santo capacita o crente à participação política de forma amorosa e, ao mesmo tempo, corajosa na praça pública, confrontando, quando for o caso, o próprio Estado.

---

144 BONINO, M. *Em Busca de Poder*. Ebook Kindle. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2011,p. 313.

145 BONINO, 2011, P. 313.

146 FERREIRA, F. *Contra a Idolatria do Estado*: o papel do cristão na política: São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 71.

147 MARETTI, E. *Corrupção no Brasil é cultural e está enraizada no cotidiano das pessoas*. Disponível em: http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/02/corrupcao-no-brasil-e-cultural-e-esta-enraizada-no-cotidiano-das-pessoas-7122.html

148 NASCIMENTO, V. *Graça Preveniente*: um estudo sobre o gracioso agir de Deus para a salvação humana. São Paulo: Editora Reflexão, 2016, p. 117.

149 MACHADO, 2013, p. 41.

150 BECKWITH, F. *Política, fé e separação entre igreja e estado*. In: GEISLER, N.; MEISTER, C. (Ed.). *Razões para crer: apresentando argumentos a favor da fé crista*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 135.

151 GEISLER; MEISTER, 2013, p. 36.

152 SANTOS JUNIOR, 2013, p. 199-200.

153 SORIANO, A. In: GALDINO, E. *Estado sem Deus*: a obrigação da laicidade na Constituição. Belo Horizonte: Del Rey, 2006. p. 14.

154 MACHADO, 2013, p. 16.

155 MACHADO, 2013, p. 153.

156 GANDRA FILHO, I. *O Estado Laico e a Liberdade Religiosa*. São Paulo: LTr, 2011, p. 158.

157 Grudem rejeita as seguintes visões: 1) o governo deve impor a religião; 2) o governo deve excluir a religião; 3) todos os governos são perversos e demoníacos; 4) a igreja deve se dedicar ao evangelismo, e não à política; e 5) a igreja deve se dedicar à política, e não ao evangelismo. GRUDEM, W. Política segundo a Bíblia: princípios que todo cristão deve conhecer. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 22-23.

Capítulo 8

A Resposta Cristã para a Violência Urbana

A terra, porém, estava corrompida diante da face de Deus; e encheu-se a terra de violência. — *Gênesis 6.11*

Neste capítulo, falaremos sobre a resposta cristã para o problema da violência urbana, isto é, todo tipo de ato que fira a lei e a ordem pública. Veremos que a fé cristã tem a seu favor um conjunto de princípios bíblicos capazes de contribuir com o enfretamento deste grave problema social, especialmente em nosso país, marcado pelos altos índices de criminalidade.

Perspectiva Bíblica sobre a Violência

O primeiro episódio violento registrado nas Escrituras após a rebelião humana foi protagonizado por Caim. Este entrou para os anais da história como o homem que —movido pela inveja — inaugurou a violência na face da terra, ao assassinar friamente seu irmão Abel (Gn 4.1-16). Tamanha brutalidade foi uma das consequências advindas da queda no pecado dos seus pais Adão e Eva, porquanto a violência é exatamente o resultado direto da iniquidade cravada no coração do homem caído e afastado de Deus. Nas palavras de Timothy Keller: "o pecado não só produz um impacto interno em nós, mas também tem efeito devastador sobre o tecido social"[158].

Não há como combater a criminalidade se não reconhecermos a verdade básica da realidade do mal. O mal não é uma ilusão ou uma simples doença mental, como afirmam certos sociólogos. Ainda que problemas patológicos possam, em alguma medida, contribuir para atos violentos, a raiz da criminalidade encontra-se na natureza humana decaída.

Igualmente frágeis são as teorias que atribuem às forças sociais e aos problemas econômicos a gênese da criminalidade. A mídia insiste que o crime é um problema técnico que pode ser resolvido com a criação de

condições sociais corretas mediante políticas acertadas, distribuição de dinheiro às áreas certas e organização do ambiente físico de forma apropriada[159]. Mas, a realidade e a história têm provado que mesmo quando as condições sociais são favoráveis a criminalidade persiste em existir. Igualmente, mesmo as pessoas que tiveram acesso a boa educação e uma vida financeiramente abastada são protagonistas de crimes, violentos ou não.

Nessa linha de raciocínio, John Stott lembra que as oportunidades educacionais têm se espalhado rapidamente pelo mundo ocidental e muitos projetos sociais têm sido criados, entretanto, as atrocidades, a corrupção, os conflitos e a opressão insiste em acompanhar a humanidade[160]. O que dizer dos exemplos cotidianos de jovens e adolescentes da classe média alta e rica, que apesar do acesso à educação de qualidade nas melhores escolas e universidades do mundo cometem crimes bárbaros, e o envolvimento na corrupção de políticos e profissionais com boa formação acadêmica?

Os autores Charles Colson e Nancy Pearcey afirmam que a face do mal é assustadoramente comum. Eles dizem isso depois de citar crimes bárbaros cometidos por pessoas aparentemente “normais”, sem qualquer aparência de maldade, como Susan Smith, a mulher que afogou seus dois filhos deixando que o carro caísse num lago com as crianças dentro do veículo; uma criança de 11 anos de idade e outra de 13 que depois de acionarem o alarme de incêndio da escola atiraram nos alunos e professores da escola em que estudavam, à medida que saíam do prédio; ou ainda o caso dos três jovens de Datmouth, Massachusetts, que cercaram um colega da nona séria e o mataram a facadas e, após o ato, sorriram e trocaram cumprimentos batendo as palmas da mão um do outro em pleno ar, como jogadores de basquete celebrando uma boa enterrada na cesta.[161] Colson e Pearcey ainda afirmam que a cobertura da grande mídia dessas crimes oferece todas as respostas convencionais: pobreza (mas, a maioria dos matadores era da classe média), raça (mas, maioria é branca), infância complicada (mas, milhões de crianças no mundo todo vêm de circunstancia de desaforáveis e nunca cometeram crimes).[162]

No Brasil, ao menos dois casos ilustram essa realidade sombria. O primeiro envolvendo a jovem Suzane Louise Von Richthofen que, juntamente com os irmãos Daniel Cravinhos e Christian Cravinhos, planejou com requinte de crueldade a morte de seus pais Manfred Albert von Richthofen e Marísia

enquanto dormiam, na noite de 31 de outubro de 2012. O outro caso ocorreu em 28 de março de 2008, envolvendo a morte da menina Isabella de Oliveira Nardoni, de cinco anos de idade, arremessada do sexto andar do Edifício London, em São Paulo, pelo pai, Alexandre Nardoni, e pela madrasta da criança, Anna Carolina Jatobá. Em ambos os episódios os crimes foram cometidos por pessoas da classe média, com boa educação e sem qualquer problema de ordem psicológica.

A razão para se esquivar da explicação cristã para todos esses problemas é a temível palavra pecado. A sociedade pós-moderna, relativista e hedonista do tempo presente, rejeita por completo a ideia da responsabilidade moral como algo ultrapassado. Nada obstante, ela precisa se voltar para o pressuposto bíblico do pecado original e da tendência para a maldade, como diz Paulo em Romanos 7.15 (“Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço), a fim de conferir ordem e segurança para a sociedade.

Violência ao longo da Bíblia

Após o crime de Caim, a Bíblia relata muitos outros episódios de violência, a ponto de homens sanguinários se vangloriarem de seus feitos cruéis (Gn 4.23) e assassinos serem cultuados como verdadeiro heróis (Gn 6.4). Na época de Noé, as escrituram afirmam que a terra estava corrompida diante da face de Deus; e encheu-se a terra de violência (Gn 6.11). Lawrence Richards explica que *maldade* e *violência* são as duas palavras usadas para caracterizar os pecados que causaram o dilúvio do Gênesis: “Maldade é *rasah*, atos criminosos que violam os direitos dos outros e tiram proveito do sofrimento deles. Violência é *hamas*, atos deliberadamente destrutivos que visam prejudicar outras pessoas”[163]. Esse mesmo padrão de violência irá se repetir nos últimos dias antes do segundo advento de Cristo (Mt 24.12,37).

As escrituras contêm outros casos de violência, crueldade e agressão, física e emocional, que demonstram a condição pecaminosa do homem (Gn 34.13-31; Êx 2.11, 12; Jz 19—21; 2 Sm 13.23-39; 1 Rs 21). A razão pela qual tais passagens constam na Bíblia Sagrada, sem qualquer supressão, é confirmar a natureza caída do homem. Certamente, o objetivo de tais relatos é simplesmente descrever aquilo ocorreu, sem o objetivo de fornecer um modelo de conduta a ser seguido. Absolutamente! Elas constam no cânon

bíblico, pois não é objetivo de Deus esconder a verdade ou falsear a história da humanidade.

Nunca foi intenção de Deus que o ser humano se entregasse à violência. Tanto assim que a Lei estabelecia uma série de punições para diversos tipos de crimes. Dos dez mandamentos, dois visam claramente a pacificação social: não matarás; não roubarás (Êx. 20.13,15).

O Poder Público e a Violência Urbana

É inegável que vivemos dias violentos. René Girardi bem disse que "a violência parece estar presa num processo de escalada que lembra a propagação do fogo ou a de uma epidemia"[164]. Ele afirma:

> Há violências familiares e escolares, as de que se tornam culpados esses adolescentes que massacram os colegas nas escolas americanas, e há violências visíveis no mundo inteiro, e o terrorismo sem limites nem fronteiras. Este último se entrega a uma verdadeira guerra de extermínio contra as populações civis. Parece que estamos indo em direção a um encontro de toda a humanidade com sua própria violência"[165].

O Brasil é um dos países com maior índice de criminalidade do mundo, com elevada taxa de homicídios, roubos, sequestros e outros atos criminosos. Segundo o *Atlas de Violência*, em 2014 houve 59.627 homicídios no Brasil — o que equivale a uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,1[166]. Esse é o maior número de homicídios já registrado e representa mais de 10% dos homicídios registrados no mundo, colocando o Brasil como o país com o maior número absoluto de homicídios.

Numa comparação com uma lista de 154 países com dados disponíveis para 2012, o Brasil estaria entre os 12 países com maiores taxas de homicídios por 100 mil habitantes. A título de análise, entre 2011 e 2015, a violência no Brasil matou mais pessoas do que a Guerra da Síria[167]. A faixa etária mais atingida pela violência é a juventude. No recorte por sexo e faixa etária, o estudo indica que 46,9% dos homens que morrem entre os 15 e os 29 anos e são vítimas de homicídio. O número salta para 53% quando são jovens de 15 a 19 anos.

Como podemos notar, a realidade brasileira é marcada pelo alto índice de

violência urbana. Em algumas regiões do país bairros inteiros estão dominados por gangues e traficantes. Noutras, há insegurança e terror, com falta de ordem e segurança pública adequada. Sequestros relâmpagos e roubos a mão armada são comuns em quase todas as cidades. Diante desse quadro, a sociedade vive em estado de medo permanente.

O Estado e a sua Função de Punir o Mal

A quem compete o papel de coibir a criminalidade? Biblicamente, entendemos que o Estado recebeu de Deus autoridade delegada para punir o mal e castigar os malfeitores: Eis as palavras de Pedro:

> Sujeitai-vos, pois, a toda ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei, como superior; quer aos governadores, como por ele enviados para castigo dos malfeitores e para louvor dos que fazem o bem. Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo o bem, tapeis a boca à ignorância dos homens loucos; como livres e não tendo a liberdade por cobertura da malícia, mas como servos de Deus. Honrai a todos. Amai a fraternidade. Temei a Deus. Honrai o rei (1 Pe 2.13-17).

De acordo com Francis Schaeffer: “O Estado deve ser um agente da justiça para restringir o mal, punindo o malfeitor, e para proteger os bons da sociedade”[168]. Em suas palavras: “Pedro diz nesse trecho que a autoridade civil tem de ser honrada e que Deus tem de ser temido. O Estado, como ele o define, deve punir aqueles que fazem o mal e recompensar aqueles que fazem o bem. Se não for assim, então toda a estrutura se desfaz em pedaços”[169]. De fato, sem esse padrão de legitimidade da autoridade constituída e aplicação da justiça a sociedade seria um caos. Deus estabeleceu um padrão de ordem e segurança para a vida em sociedade.

Nesse sentido, só há falar em dever do cidadão para com o Estado se este não for precedido da existência de Deus. Afinal, como assinalou Jónatas Machado, “é totalmente arbitrário e irracional pretender deduzir um hipotético dever de subordinação do Estado Constitucional a princípio de racionalidade, verdade, previsibilidade, proporcionalidade e eficácia, a partir de uma visão de mundo que postule que tudo resultou de processos físicos e químicos irracionais, aleatórios, ineficientes e até cruéis”[170]. Jónatas

Machado está dizendo que é ilógico pensar em um sistema de justiça e em um Estado Democrático de Direito, que garanta ordem em segurança, sem a crença básica na existência de um Legislador Inteligente. O ateísmo, ao contrário, não consegue fundamentar um Estado com tais características, pois parte de premissas que contradizem tais aspectos. Por esse motivo, o cristianismo tem sido historicamente relevante no campo do direito e na aplicação da justiça, pois os seus postulados, além de bíblicos, são essenciais para a edificação de um sistema de responsabilidade moral e criminal dos indivíduos.

O Papel do Poder Público

É necessário destacar primeiramente que a segurança é uma garantia constitucional, um direito de todos. O artigo 144 da Constituição Federal estabelece que "a segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio". O Estado, portanto, deve preservar a ordem e garantir a segurança física e patrimonial das pessoas. Cada um dos poderes constituídos tem a sua própria parcela de responsabilidade.

Sendo assim, responsável por editar as leis, o Poder Legislativo tem o papel preponderante na criação de normas gerais de proteção, ao considerar previamente como crimes os atos deletérios à vida em sociedade. O objetivo, como diz Walter Kaiser, não é a vingança, mas a manutenção da justiça para o maior número possível de pessoas[171]. A existência de uma política criminal bem elaborada é essencial para promover a ordem social e refrear a delinquência. Enquanto isso, leis lenientes que desconsideram o perigo inerente a certos comportamentos sociais, como o uso das drogas, são o ponto de partida para o caos e a desordem.

Por sua vez, cabe ao Poder Executivo aplicar as leis e instituir políticas públicas que busquem garantir a efetiva segurança da população. Há que se manter, para isso, um corpo de policiamento capacitado, que atue de maneira preventiva e repressiva ao crime. "A solução não é simplesmente uma questão de construir mais prisões e encarcerar mais criminosos"[172], bem afirmaram Charles Colson e Nancy Pearcey. De acordo com os autores do livro *E agora, como viveremos?*, "[...] o melhor modo de reduzir o crime não

é reagir depois do fato com castigos e reabilitação, mas desencorajá-lo antes que aconteça, criando uma vida em comunidade civilizada e ordenada".[173] Eles não estão descartando as medidas de repressão contra o crime, afinal, a própria existência de leis claras que estabelecem os critérios de punição às infrações, também servem como mecanismos de prevenção.

Colson e Pearcey citam o exemplo da teoria da janela quebrada. Na qual se uma janela está quebrada e não é consertada depressa, os ofensores potenciais verão isso como um convite para quebrar mais janelas. Quando as janelas nunca são consertadas, dizem os autores, e mais estão sendo quebradas, um senso de desordem é criado, facilitando, quando não incita, mais ação criminal. A teoria da janela quebrada encontra respaldo no *Shalom israelita*, referindo-se à paz no sentido positivo, como o resultado de uma sociedade corretamente organizada, com base bíblica na doutrina da Criação. Os autores ainda afirmam que o estabelecimento da ordem funciona tão bem como um preventivo contra o crime, porque expressa uma ordem subjacente e mostra que a comunidade está disposta a impor essa ordem[174].

Por fim, o Judiciário é o poder responsável por aplicar a lei ao caso concreto. Tem ele o importante papel de julgar de maneira célere e punir com justiça os homens violentos e sanguinários, evitando com isso a impunidade. Na passagem de Romanos, Paulo afirmou que os magistrados são ministros de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal (Rm 13.4). Em seu debate Sobre a Magistratura, Armínio definiu-a (a magistratura) "como um poder proeminente e administrativo ou uma função com um poder proeminente, instituída e preservada por Deus, com o propósito de que os homens possam, na sociedade de seus companheiros, 'ter uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade'"[175]. O poder, segundo Armínio, "se apoia na criação e por meio dela, no domínio que Deus tem sobre todas as coisas criadas, mas, em especial, sobre o homem"[176]. Ele ainda escreve: "Uma vez que o objetivo desse poder é o bem de todos, ou de toda a associação de homem, que pertencem à mesma nação ou estado, o príncipe de tal estado é menos do que o próprio estado [...]"[177].

A Igreja em uma Sociedade Violenta

Em tempos de violência, qual a contribuição que a igreja cristã pode dar ao enfrentamento deste grave problema social? Respondo: Muitas; tanto na

esfera teórica quanto prática. Além de fornecer os pressupostos fundamentais de moralidade, justiça e ordem social, aspectos essenciais para a solução criminal, a fé cristã pode ser testemunhada de maneira sublime pela igreja local na prevenção de crimes e reabilitação dos infratores.

Deus Estabelece a Ordem

A sabedoria e a bondade de Deus se revela claramente na história das Escrituras. O Senhor criou o primeiro casal e lhes forneceu um ambiente de ordem e comunhão. O relato dos primeiros capítulos de Gênesis conta que o homem foi criado para viver segundo essa ordem, para um bom relacionamento com Deus e com o seu semelhante.

Mesmo após a Queda vemos o firme propósito de Deus em manter a ordem, ao estabelecer regras claras sobre o comportamento humano e punir o mal. Não é sem razão que Ele estabeleceu Leis para a nação de Israel, que envolvia aspectos éticos, cívicos e cerimoniais. Do ponto de vista social, o intuito dos Mandamentos era organizar a vida em comunidade, para proteger os israelitas contra o arbítrio e a ofensa alheia. Os Mandamentos (Êx 20.1-17), afinal, estão fundados na ternura divina — por isso a Lei é boa (Rm 7.12; Sl 19.8), e estabelecem limites para o viver comunitário, para que tenhamos um bom relacionamento com Ele e com o próximo.

Hoje, as leis criminais seguem esse modelo bíblico. Embora os contextos sejam diferentes e as normas penais distintas, a versão bíblica fornece a base sobre a qual deve ser feita a diferença entre o certo e o errado, entre o justo e o injusto. O combate ao crime e o enfrentamento da violência não se tratam de questões eminentemente legislativas. A existência das leis parte da premissa da importância da ordem e necessária convivência pacífica, e é exatamente a pedra fundamental fornecida pelo cristianismo bíblico.

Por esse motivo, os filhos de Deus têm condições suficientes de contribuir com o enfrentamento da violência urbana, valendo-se das ferramentas que Deus nos disponibilizou em sua Palavra.

a) fornecendo uma lei moral absoluta: Em primeiro lugar, a fé cristã fornece uma lei moral absoluta, amparada na vontade de Deus para o ser humano. Enquanto o relativismo moral dos nossos dias é responsável pelo aumento de comportamentos desvirtuados e nocivos para a vida em comunidade (drogas, álcool, prostituição, libertinagem, etc), provocando o

aumento da violência, a concepção cristã oferece um padrão ético vital para a existência da boa sociedade. Embasada em um plano transcendente, a moral cristã é essencialmente teísta, decorrendo, por primeiro, do pressuposto subjacente da existência de um Deus pessoal e moral que, sendo o próprio fundamento e marco ético absoluto, estabelece a separação entre o certo e o errado.

A moralidade cristã merece, pois, confiabilidade e respeito nas discussões da praça pública, especialmente em se tratando de questões criminais, porquanto o seu fundamento é plausivelmente superior ao raciocínio moral secularizado. Isso porque, de onde advém a responsabilidade moral da pessoa humana se se admitirmos que o homem é o resultado do acaso e de meros eventos aleatórios da natureza? Pode a natureza, por si só, estabelecer algum tipo de obrigação moral?

Se Deus não existir, afinal, não há alicerce adequado para uma ética objetiva, que inclua, por consectário lógico, dignidade, direitos humanos intrínsecos, responsabilidade pessoal e obrigação moral[178].

b) envolvendo-se com a comunidade local: Em segundo lugar, não basta ter a base teórica para estabelecer a ordem, é necessário que a comunidade cristã a coloque em prática, envolvendo-se com a comunidade em que está inserida. Neste ponto, reside um aspecto central do testemunho cristão no ambiente urbano, onde a nossa transformação pessoal e o nosso caráter renovado pelo Espírito deve ser testado. Timoth Keller expressou com propriedade que: “A comunidade molda a natureza do nosso testemunho e do nosso engajamento na missão. O verdadeiro segredo da missão eficaz e frutífera no mundo é a qualidade da nossa comunidade”[179]. Disse ainda que “o caráter excepcional das pessoas não é prova real de cristianismo”[180], visto que esse caráter deve se converter em testemunho. Ao aproximar-se das famílias e grupos locais, pregando o evangelho e realizando atividades sociais, a igreja pode transformar bairros inteiros e reduzir a violência. Afinal, onde o evangelho genuíno chega a ordem e a segurança se instauram.

c) desenvolvendo projetos contra a violência: Você já pensou como os grupos cristãos podem ajudar a desenvolver projetos contra a violência urbana? Nesse sentido, recordo do projeto *Boston Miracle* que conseguiu baixar em 79% o índice de criminalidade infanto-juvenil e a violência de gangues na cidade de Boston, liderado pelo pastor batista Jeffrey Brown.

Considerada importante ideia a ser disseminada, Brown proferiu uma breve, porém poderosa, palestra no TED[181], plataforma de divulgação de conferências com os maiores especialistas do mundo. Nela, Jeffrey disse que tinha a intenção de ser pastor de uma mega igreja, mas se deu conta que a sua vocação era outra. Pastor de uma igreja de vinte membros, Jeffrey viu a necessidade de intervir na realidade social da comunidade que desmoronava ao seu redor, com as drogas e violência de gangues controlando os jovens nas ruas. O primeiro passo para a recuperação: ouvir esses jovens, não apenas pregar para eles e ajudá-los a reduzir a violência em seus próprios bairros.

d) apoiando as vítimas de violência: Dar apoio às vítimas é também uma maneira honrosa de enfrentar a violência. No exemplo de Jesus (Lc 10.37), a atuação do Bom Samaritano não se resumiu às palavras de apoio ao homem que fora espancado a caminho de Jericó. A Bíblia diz que ele "atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre o seu animal, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele" (v. 34). Há muitos feridos e moribundos ainda hoje. Cuidar dessas pessoas revela a nobreza do amor de Deus derramado em nossos corações (Rm 5.5)!

---

158 KELLER, T. *A Fé na Era do Ceticismo*: como a razão explica as crenças divinas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008, p. 144.

159 COLSON; PEARCEY, 2000, p. 221.

160 STOTT, J. *Cristianismo Básico*. Viçosa/MG: Ultimato, 2007, p. 80.

161 COLSON; PEARCEY, 2000, p. 226.

162 STOTT, 2007, p. 226.

163 RICHARDS, L. O. *Guia do Leitor da Bíblia*: uma Análise de Gênesis a Apocalipse Capítulo por Capítulo. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 29.

164 GIRARDI, R. *Aquele por quem o Escândalo Vem.* São Paulo: É Realizações, 2011, p. 32.

165 GIRARDI, 2011, p. 32.

166 IPEA. *Atlas da violência 2016*. Disponível em: http://infogbucket.s3.amazonaws.com/arquivos/2016/03/22/atlas_da_violencia_2016.pdf. Acesso em 1/fev/17.

167 *Em 5 anos, violência no Brasil mata mais que a guerra na Síria* http://exame.abril.com.br/brasil/violencia-brasil-mata-mais-guerra-siria/. Acesso em 1/fev/17.

168 SCHAEFFER, F. *A Igreja no Século XXI.* São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 209.

169 SCHAEFFER, 2010, p. 209.

170 MACHADO, 2013, p. 65.

171 KAISER JR., W. *O Cristão e as Questões éticas da Atualidade*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 165

172 COLSON; PEARCEY, 2000, p. 428.

173 COLSON; PEARCEY, 2000, p. 430.

174 COLSON; PEARCEY, 2000, p. 433.

175 ARMÍNIO, J. *As Obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 588.

176 ARMÍNIO, 2015, p. 589.

177 ARMÍNIO, 2015, p. 591.

178 COPAN, P. *O Argumento Moral*. In: BECKWITH, F; CRAIG, W. L.; MORELAND, J.P. *Ensaios Apologéticos*: um estudo para uma cosmovisão cristã. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 130

179 KELLER, T. *Igreja Centrada*: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 369.

180 KELLER, 2014, p. 369.

181 TED. *Como nós diminuímos em 79% a violência juvenil em Boston*. Disponível em: https://www.ted.com/talks/jeffrey_brown_how_we_cut_youth_violence_in_boston_by_79_percent?language=pt-br#t-290993. Acesso em 01/abr/17.

Capítulo 9

Em Tempos de Violência Cibernética

A terra, porém, estava corrompida diante da face de Deus; e encheu-se a terra de violência. — *Gênesis 6.11*

Além da violência urbana tratada no capítulo anterior, outra forma comum de violência em nossos dias é a cibernética, praticada na rede de computadores. Isso porque, a violência se apresenta das mais diversas formas, em decorrência da falta de amor, de sensibilidade, de ética e de cidadania[182]. Do roubo de informações ao *bullying*, o ambiente virtual frequentemente é palco de ações criminosas praticadas por pessoas cheias de maldade, cujo propósito é contribuir com as obras das trevas.

A Violência Digital na Sociedade da Informação

Hodiernamente, a Internet faz parte da vida e do cotidiano das pessoas. O "existir *online*" é, assim, fato incontroverso. A Internet possui várias características impressionantes; ela "é instantânea, imediata, de alcance mundial, coletiva, interativa e infinita em termos de conteúdo"[183]. Ela também é "igualitária se observarmos que qualquer pessoa que disponha de um computador e de um conhecimento técnico básico pode estar presente em vários espaços, transmitir suas ideias e reivindicar seus interesses"[184].

Não obstante, apesar de seus inúmeros benefícios e facilidades, a *web* também é um ambiente de risco para seus usuários. Por isso é preciso ter cuidado para não cair nas redes e nos laços lançados pelas pessoas más (Sl 140.5), assim como nas ciladas dos homens ímpios (Sl 10.9).

Embora o ambiente seja virtual, a violência nela praticada é real. Diariamente, pessoas (especialmente jovens e adolescentes) são prejudicadas pela ação de criminosos virtuais, seja moral, psicológica ou financeiramente,

compreendendo crimes de racismo, apologia ou incitação ao crime, pornografia infantil e outros. O Brasil, aliás, está entre os países mais atingidos por este tipo de violência; é o quinto do mundo em termos de fraudes digitais, por exemplo[185].

Trata-se de uma nova modalidade de violência, que acompanha a tendência da cultura digital. Tal se deve à multiplicação da iniquidade prenunciada pelo Senhor Jesus (Mt 24.12) e à capacidade da mente caída do homem em criar estratagemas para prejudicar o próximo.

Os Males do *Bullying* Virtual

Uma das principais formas de violência praticada na internet é o *bullying virtual*. Pesquisas revelam que um em cada seis estudantes brasileiros do ensino fundamental já foi alvo desse tipo de agressão. Na língua inglesa, a palavra *bullying* é derivada do substantivo *bully*, que significa, nesse contexto, agressor, e do verbo *to bully*, que significa maltratar alguém, principalmente quem é mais fraco. Na língua portuguesa, não há uma tradução para o termo; a palavra que mais se aproxima é o verbo "bulir", que significa aborrecer, incomodar[186]. Em geral ela se refere às ameaças e intimidações promovidas pelos brigões e valentões dos colégios. O dicionário Priberam apresenta o seguinte significado para *bullying*: "Conjunto de maus-tratos, ameaças, coações ou outros atos de intimidação física ou psicológica exercido de forma continuada sobre uma pessoa mais fraca ou mais vulnerável"[187].

Renata Kapitanski e Marlene Strey observam como crianças e adolescentes podem ser rápidos em exercitar pequenas e grandes crueldades. Eles "debocham uns dos outros, criam os apelidos mais estranhos, reparam nas mínimas "imperfeições", e não perdoam nada. Na escola, isso é bastante comum. Implicância, discriminação e agressões verbais e físicas são muito mais frequentes do que o desejado"[188]. Esse tipo de *bullying* afeta diretamente o psicológico da vítima. De acordo com as autoras

> [...] quem sofre normalmente não consegue reagir ou fazer cessar tais humilhações, parece não dispor de recursos ou habilidades para pedir ajuda e é tomado por um imenso sentimento de insegurança, desesperança e baixa autoestima, que podem ser agravados com as críticas ou a indiferença

quanto aos seus sentimentos da parte das pessoas adultas. Muitos chegam a crer que são merecedores daquilo que estão sofrendo e a alimentar sentimentos de suicídio[189].

A prática do *bullying* no *cyberespaço* dá origem, assim, *ao cyberbullying*. Em virtude da possibilidade do anonimato, a internet é um meio veloz de propagação de imagens e comentários depreciativos sobre a vida de alguém. É um problema grave, pois as palavras, não raro, ferem mais que a dor física (Pv 12.18). Assim como a língua, que serve para proferir palavras de benção ou maldição (Tg 3.10), as publicações na rede computadores podem devastar vidas como o fogo (Tg 3.6).

Renata Kapitanski e Marlene Strey[190] dão conselhos valiosos sobre o problema do *cyberbullying:*

- É necessário educar nossos filhos e filhas para poderem lidar com as diferenças das outras pessoas.
- Precisamos exercitar nas nossas crianças o espírito de tolerância, de proteção de grupo e de lealdade pelos amigos.
- É necessário que saibamos que a "frustração" faz parte do desenvolvimento social dos nossos filhos; aprender a dizer NÃO é um excelente exercício para evitar a tirania e ensina a olhar o outro com uma imagem mais positiva de si e de quem está em seu ambiente.
- Temos que aprender a ouvir nossos filhos e filhas. Deixá-los falar pode revelar aspectos importantes e formar vínculos estreitos. Deixá-los mostrar o que os descontenta, inclusive perante nossas atitudes, é uma maneira de vermos quando e o quanto estão sofrendo.
- Sempre somos modelos, para o bem e para o mal. Por isso, dê bons exemplos. Agir com violência e autoritarismo pode fazer com que nossos jovens percebam que gritos e indiferença são formas normais de lidar com insatisfações. Existem grandes diferenças entre ter autoridade e ser autoritário
- É importante e necessário dar limites e justificá-los. A criança precisa saber por que deve segui-los.
- Fique atento. Fique sempre atento ao comportamento do seu filho. Queixas de dores e de falta de vontade de ir à escola podem ser sinais de

bullying.

- Caso você identifique indícios, fale com seu filho, fale com o agressor em particular. Explique o que é *bullying*. Procure a escola.
- Em casos mais extremos, denuncie! Leve o assunto a órgãos especializados. Não deixe que o agressor acredite que o *bullying* ou o *ciberbullying* é algo inocente. Mostre que vai além de uma brincadeira sem graça e que machuca por demais a alma.

A Conduta do Cristão

Como tivemos a oportunidade de ver, *ciberbullying* é uma espécie de maus-trato psicológico levado a efeito contra pessoa mais fraca ou mais vulnerável. Não há, portanto, como conciliar algo desta natureza com o caráter cristão. Mesmo quando as brincadeiras de mau gosto parecem ser uma prática natural entre os amigos de colégio, espera-se do cristão uma atitude que honre a Cristo, no sentido de contrariar a cultura de zoação e escárnio (2 Pe 3.3).

Consideremos o conselho de Paulo ao jovem obreiro Timóteo: “Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza” (1 Tm 4.12). Observe que o cristão é posto como exemplo de trato, ou seja, no procedimento, modo de viver. Timóteo, e todos aqueles que servem a Cristo, é chamado a viver de modo coerente com o evangelho. Devemos nos comportar como representantes de Jesus Cristo até mesmo nos detalhes da vida diária, o que envolve o uso da internet e o relacionamento com o próximo. Daí porque, não é nada cristão xingar, achincalhar, apelidar, menosprezar ou fazer qualquer outra coisa que desmereça outra pessoa, principalmente as mais vulneráveis.

Lançando um olhar mais abrangente, notamos que a Bíblia é um instrumento útil contra o *ciberbullying.* Uma vez que as formas mais comuns do *bullying* é apelidar, agredir, difamar e ameaçar outrem, as Escrituras dirigem-se a cada um destes aspectos. Ela vai além: “tem palavras de consolo e fortalecimento para o sofredor, caminhos de verdadeira transformação em Cristo para o agressor, palavras de incentivo para o pacificador”[191]. Desse modo, “você e eu temos a oportunidade de penetrar na vida destas pessoas por meio de um relacionamento de amor. Podemos identificar os problemas usando a nomenclatura que Deus usa e aplicar as verdades das Escrituras”[192].

Ao pensarmos biblicamente sobre o tema, podemos desenvolver estratégias

que contemplem todos os grupos[193] envolvidos no *ciberbullying:* a) os praticantes do *bullying* — crianças ou adolescentes com comportamento violento, a caminho de se firmarem como adultos agressivos; b) as vítimas de *bulllying* — crianças ou adolescentes que sofrem e podem ter problemas significativos no relacionamento com Deus, consigo mesmas e com outros e; c) as testemunhas do *bullying* — todos aqueles que, como nós, são parte de uma cultura em que este comportamento tem se tornado cada vez mais comum e gerado as mais diversas reações, da frustração à indiferença, da revolta ao medo.

Além de não praticar o *bullying*, o crente em Cristo é aconselhado a intervir quando alguém, cristão ou não, estiver sendo vítima de intimidação virtual. Quebrar as correntes da maledicência e aconselhar seus autores para que cessem o desrespeito, são práticas que exprimem o amor divino.

A Lei e a Punição dos Crimes Cibernéticos

Por fim, mas não menos importante, devemos lembrar que a internet não é terra sem lei, como muitos imaginam. A legislação brasileira prevê punição para uma série de condutas delituosas praticadas na rede de computadores. Conhecer, pois quais são os principais crimes e se afastar de toda e qualquer prática delituosa é necessário para o crente evidenciar o brilho de Cristo.

Crimes contra a Honra

Na esfera criminal, a legislação prevê os chamados “crimes contra a honra”: calúnia, difamação e injúria.

A calunia é a afirmação falsa de que alguém cometeu determinado crime. Trata-se de uma afirmação baseada na mentira, algo que Deus rejeita (Pv 14.5; 1 Jo 2.21; Sl 15.3). Tenha, por isso, cautela ao afirmar algo a respeito de alguém, sem antes ter certeza da informação e da veracidade da sua fonte. Uma informação falsa pode destruir vidas, carreiras e ministérios. Esse é o motivo pelo qual a lei mosaica estabelecia: “Não espalharás notícias falsas, nem darás mão ao ímpio, para seres testemunha maldosa. Não seguirás a multidão para fazeres mal; nem deporás, numa demanda, inclinando-te para a maioria, para torcer o direito. Nem com o pobre serás parcial na sua demanda” (Êx 23.1-3 ARA).

A difamação é a prática de associar uma pessoa a fato que ofende sua

honra. Esse crime ocorre quando se atinge a reputação de uma pessoa, e não a sua honra subjetiva (autoestima). A difamação procede do coração imundo do homem caído. Eis o conselho do proverbista: “Desvia de ti a falsidade da boca e afasta de ti a perversidade dos lábios” (Pv 4.24, ARA)

Por fim, injúria refere-se à ofensa que atinge a dignidade e o decoro do ofendido. Ocorre por intermédio do xingamento a alguém. Guardemos os nossos lábios para não proferir palavras rudes e torpes contra o próximo. Paulo disse: “Nenhuma palavra má saia da vossa boca, mas só a que for útil para a edificação, sempre que for possível, e benfazeja aos que ouvem” (Ef 4.29). Certamente, o conselho paulino não se aplica tão somente as palavras que saem da nossa boca, mas também dos nossos teclados, quando escrevemos algo na Internet.

Crimes de Pedofilia

A queda do homem no pecado tem levado a humanidade à prática de pecados cada vez mais pervertidos, desumanos e reprováveis. Prova disso é a pedofilia. Etimologicamente, pedofilia provém do grego **(***paedophilia)* παιδοφιλια < παις (que significa “criança”) e φιλια (‘amizade’; ‘afinidade’; ‘amor’, ‘afeição’, ‘atração’), ou seja, amor por crianças. Com absoluta certeza, o significado da palavra não condiz com a prática. Na realidade, a pedofilia não tem nada de amor pela criança. É uma ação pervertida que abusa e explora a sexualidade dos pequenos indefesos.

Enquanto a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial da Saúde (OMS), define a pedofilia como a “preferência sexual por crianças, quer se trate de meninos, meninas ou de crianças de um ou do outro sexo, geralmente pré-púberes ou não”, a Bíblia não tem outro nome se não “pecado”. Paulo escreveu:

> E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convém; estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis,

> sem misericórdia; os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem (Rm 1.28-32).

A pedofilia não é um fato novo. Todavia, a explosão da rede mundial de computadores facilitou sobremaneira a proliferação de redes malignas de indivíduos sem afeição natural que aliciam menores e espalham conteúdo pornográfico.

Conquanto a lei brasileira não possua um tipo penal denominado "pedofilia", as condutas que caracterizam esse tipo de prática são coibidas. Nesse sentido, o Código Penal pune o crime de estupro de vulnerável (menor de 14 anos de idade), assim como a mediação de menor de 14 anos para satisfazer a lascívia de outrem.

No que tange à Internet, o Estatuto da Criança e do Adolescente prevê como crime uma série de ações envolvendo material pornográfico de crianças e adolescentes. Apresentar, produzir, vender, fornecer, divulgar ou publicar, por qualquer meio de comunicação, inclusive rede mundial de computadores ou internet, fotografias ou imagens com pornografia ou cenas de sexo explícito envolvendo criança ou adolescente.

Além de não disseminar qualquer conteúdo dessa natureza, o cristão tem o dever ético de denunciar tal conduta às autoridades competentes. Você também pode denunciar através do site da ONG SaferNet Brasil – www.safernet.org.br.

---

182 SANTANA, E. T. *Bullyng e Cyberbullyng*: agressão dentro e fora de casa. Ebook Kindle. São Paulo: Paulus, 2013, p. 7.

183 KAPITANSKI, R. C.; STREY, M. N. *Violência & Internet*: A era da informação e a vida cotidiana (e agora.com). Ebook Kindle. São Leopoldo:Editora Sinodal, 2010, p. 444.

184 KAPITANSKI; STREY, 2010,p. 444.

185 *Crimes cibernéticos*. Brasil é o 5º do mundo em fraudes digitais. Disponível em: http://www20.opovo.com.br/app/opovo/dom/2016/01/23/noticiasjornaldom,3565860/crimes-ciberneticos-brasil-e-o-5-do-mundo-em-fraudes-digitais.shtml. Acesso em 04/abr/17.

186 SANTANA, 2013, p. 15.

187 *Dicionário Priberam*. Disponível em: https://www.priberam.pt/dlpo/. Acesso em 2/fev/17.

188 KAPITANSKI; STREY, 2010, p. 251.

189 KAPITANSKI; STREY, 2010, p. 274.

190 KAPITANSKI; STREY, 2010, p. 387-414.

191 *Bullying*: o desafio de pensar biblicamente sobre um “fenômeno atual”. Disponível em: https://conselhobiblico.com/2010/08/02/bullying-o-desafio-de-pensar-biblicamente-sobre-um-fenomeno-atual/. Acesso em 03/abr/17.

192 Idem.

193 Idem.

Capítulo 10

Os Perigos e as Oportunidades das Redes Sociais

Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai. — *Filipenses 4.8*

Inegavelmente, as novas plataformas de comunicação e interação *online* são o ponto alto da cultural digital neste início de século XXI, alterando até mesmo a forma como interagimos. Esse tema é propício para refletirmos sobre o relaçãoda fé cristã com a cultura, nesse caso, com a cultura digital ou a *cibercultura*. Isso porque, a relevância cristã depende em grande medida da sua capacidade de se relacionar com os fatores de influxo da sociedade, sem perder a sua essência, é claro.

Uma vez que as mídias sociais são responsáveis hoje por grande parte das informações e experiências na Rede de Computadores, estabelecendo um novo *ethos*, os cristãos devem usá-las adequadamente, a fim de fazer brilhar a luz de Cristo no ambiente virtual.

O Fenômeno das Redes Sociais

As mídias sociais transformaram-se na principal forma de comunicação e troca de informações entre as pessoas na internet. Elas representam uma nova forma de relacionamento digital, criando espaços de interação e compartilhamento de conteúdo, opinião e experiências virtuais.

Historicamente, a popularização massiva desse tipo de ambiente virtual voltado para a produção de conteúdo pessoal, e baseado na formação de redes sociais se deu em 2004, com a criação dos *sites* Orkut, Flickr, Digg e Facebook, restrito, à época, a membros da faculdade de Harvard. Um ano depois, foi lançado o YouTube. Em 2006, o Facebook liberou esse mercado e,

desde então, o uso desses serviços aumentou consideravelmente:

> 22% da população total do planeta usa o *Facebook*;
> 75% dos usuários de Internet do sexo masculino estão no Facebook;
> 32% dos adolescentes consideram o *Instagram* a rede social mais importante;
> Mulheres na internet estão mais propensas a usar o *Instagram* do que os homens: 38% *versus* 26%.
> Acesso para o público geral. Este também foi o ano [2006] do lançamento do *Twitter*, plataforma de micro-blogging[194].
> 29% dos internautas com ensino superior completo usam o Twitter, comparando com 20% dos que têm ensino médio completo ou inferior a isso.
> 81% dos *millennials*[195] verificam o *Twitter* pelo menos uma vez por dia.
> A maioria dos usuários do *Instagram* estão entre 18-29 anos.
> *LinkedIn* possui mais de 450 milhões de perfis cadastrados.

Em nossos dias, tais serviços de comunicação são tão utilizados que em alguns círculos é quase incompreensível uma pessoa não possuir conta em pelo menos um desses canais.

Usadas de maneira correta e com sabedoria, as mídias sociais podem proporcionar vários benefícios. Manter contato com amigos e parentes; criar uma rede de contato profissional; atualizar-se com informações e notícias do dia a dia; adquirir conhecimento; produzir conteúdo e divulgar as ideias para outras pessoas são alguns exemplos de como tais plataformas digitais podem servir como bênção para a vida das pessoas.

Entretanto, antes de falarmos propriamente sobre a utilização dessas redes sociais para os propósitos do evangelho, devemos ter em mente que a interação digital criou uma nova forma de cultura: a *cibercultura*. Desse modo, devemos analisar o tema em uma abrangência maior, refletindo sobre o relacionamento da fé com a própria cultura.

Etimologicamente, derivada do latim *colere*, a palavra *cibercultura* significa cultivar. Ela também deriva de agricultura, a atividade de preparar a terra para torná-la melhor do que era a princípio — arando, adubando e cultivando. Em uma abordagem mais ampla, como nos lembra D. A. Carson,

a definição pioneira mais importante, oriunda dos campos da história intelectual e da antropologia, talvez seja a de A. L. Kroeber e C. Cluckhon:

> A cultura consiste em padrões, explícitos e implícitos, de comportamento adquirido e transmitido por símbolos, constituindo a realização distintiva de grupos humanos, inclusive sua expressão em artefatos; o núcleo essência da cultura consiste em ideias tradicionais (*i.e.* derivadas e selecionadas ao longo da história) e, especialmente nos valores a elas associados; sistemas culturais podem ser considerados, de um lado, produtos de ação, de outro, elementos condicionados de ação posterior[196].

Considerando que toda cultura é criação humana, e o homem é criado à imagem de Deus (Gn 1.26), muitas formas de cultura podem ser plenamente aceitas pelos cristãos, ainda que não formuladas em termos estritamente religiosos. Nesse sentido, certa adequação à cultura vigente é essencial para o anúncio e para a defesa do evangelho, afinal embora a mensagem cristã não mude, o método sim.

Dentro dessa perspectiva, Silas Daniel nos lembra de que os profetas do Antigo Testamento eram sintonizados às tendências, fatos e peculiaridades da sociedade em que viviam. Com efeito, "o princípio da contextualização consiste em aplicar um texto bíblico à nossa realidade, e para isso é preciso pinçar fatos seculares para submetê-los ao escrutínio da Palavra de Deus"[197], razão pela qual encontramos exemplos dessa prática na vida dos discípulos no Novo Testamento, de Paulo e até mesmo de Jesus. Deveras, "Jesus costumava usar o cotidiano para introduzir um princípio divino. Foi assim com as parábolas, quando, por exemplo, usou a semente e o solo para falar do efeito da mensagem divina no coração humano"[198].

Sendo assim, os cristãos podem se valer da *cibercultura* como forma de contextualizar o anúncio e a defesa do evangelho, atentando-se, porém, para os perigos inerentes ao ambiente virtual.

Os Perigos das Redes Sociais

Se por um lado as redes sociais apresentam vários pontos positivos, por outro, também podem ser nocivos, tudo depende da forma como são administradas. Vejamos alguns dos seus perigos:

*Vício digital.*Matéria da revista *Isto É* apontou que “com a explosão dos *smartphones*, cerca de 10% dos brasileiros já são viciados digitais”[199]. Esse tipo devício é uma realidade e temprejudicado a vida de milhares de jovens e adolescentes desta geração. A utilização por horas ininterruptas da internet é um claro sinal de tal compulsão digital. Rapazes e moças que desenvolveram dependência das atividades *online* não conseguem vencer a tentação de acessar seus dispositivos para acompanhar as publicações de seus contatos. Normalmente, demonstram, como sintomas, desinteresse pelas demais atividades da vida real e sensação de ansiedade e angústia quando não estão conectadas, em momento de abstinência. Isso se chama nomofobia! A vigilância e a oração são hábitos espirituais essenciais para o crente vencer a dependência, inclusive a *cibernética* (Mc 14.38; 1 Co 10.13).

*Uso inadequado do tempo.*Graças ao poder de interatividade das mídias sociais, há quem passe horas e mais horas conectadas aos seus equipamentos digitais consumindo tempo nas atividades do mundo virtual, seja no decorrer do dia, da noite e até mesmo durante as madrugadas. Isso resulta em ociosidade, atrasos e pouco (ou quase nenhum) tempo para estudo, leitura das Escrituras, interação com as pessoas do mundo real e para outras atividades importantes. Se é certo que há tempo para todas as coisas debaixo do céu (Ec 3.1), podemos pressupor que há tempo de estar conectado e tempo de estar desconectado das mídias sociais. Afinal, somos aconselhados a aproveitar o tempo pois os dias são maus (Ef 5.16). Se você não tem mais tempo para orar e desfrutar períodos devocionais com o Senhor, em virtude do tempo gasto na internet, então, parafraseando o Evangelho de Marcos 1.18, é necessário deixar as redes sociais para estar com Jesus!

*Pornografia na rede.*As mídias sociais tambémabrem várias possibilidades de acesso à pornografia e conteúdos imorais que aguçam a concupiscência da carne e a concupiscência dos olhos (1 Jo 2.16). Uma pesquisa realizada pelo Instituto Barna apontou que a nova realidade tecnológica dos *smartphones* e da Internet, de alta velocidade,mudaram fundamentalmente a paisagem da pornografia e a introduziram na cultura atual, passando a ser cada vez mais aceita. Davi caiu em um momento de descuido em sua vida, que o levou ao adultério, porque estava olhando o que não lhe era devido (2 Sm 11.1,2). Tome cuidado com as páginas que você acessa na Internet; um clique errado pode ser fatal para sua integridade moral e espiritual. Todas as coisas nos são

lícitas, mas nem todas nos convém (1 Co 10.23). Tal recomendação bíblica também se aplica aos bate-papos virtuais e às conversas eletrônicas, que, às vezes, podem conduzir para a troca de conteúdos inadequados. Seja fiel a Deus, ainda que as pessoas não estejam vendo o que você faz!

Perigo da superesposição. A exposição exagerada é outro perigo real na utilização das mídias sociais. O compartilhamento indiscriminado e impulsivo de opiniões, imagens e acontecimentos da vida particular expõe indevidamente a imagem de alguém. Em muitos casos, essa busca de "curtidas" representa certa fuga da realidade e desejo de aprovação social. Seguindo o exemplo de Cristo, devemos nos afastar da cultura da fama e celebridade instantânea, com modéstia e singeleza de coração. A melhor maneira de exposição do crente na sociedade é por meio do brilho de Cristo, no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual precisamos resplandecer como astros no mundo (Fp 2.15).

Amizades instantâneas e descartáveis. Na maior parte das vezes, os "amigos" das redes sociais não são verdadeiros amigos. Não raro, as amizades são instantâneas e descartáveis. Lembre-se: O amigo real é aquele que é mais chegado que irmão (Pv 18.24).

Usando as Redes Sociais para a Glória de Deus

Apesar da adversidade do ambiente virtual, podemos aproveitar as plataformas sociais como uma grande oportunidade para glorificar o nome do Senhor. Para isso, é preciso ter critérios, a fim de que as redes digitais sejam utilizadas para a glória de Deus (1 Co 10.31).

Vale aqui as recomendações[200] abaixo:

Tenha cuidado com o que "fala", principalmente com o que coloca sobre os outros. Não esqueça que é um espaço público.

Não finja ser quem você não é. Mantenha sua identidade.

Defina um objetivo e um público-alvo. Quem são os amigos ou as comunidades das quais deseja participar. Antes de fazer parte de uma rede, defina claramente:

Que tipo de dados vai compartilhar.

Se vai usar dados pessoais e profissionais em uma mesma rede ou não.

Se vai utilizar essa rede apenas para assuntos pessoais, familiares ou

profissionais.

Se vai deixar configurado para que qualquer pessoa veja seus dados ou não.

Se qualquer pessoa poderá adicioná-lo ou se ficará condicionado à sua aprovação.

Qual a frequência de acesso que você fará.

Use senhas seguras e diferentes. Aprenda a rejeitar e a ter seus pedidos de amizades rejeitados. Aceitar todos os convites de amizade é como abrir as portas da sua casa, e permitir que qualquer pessoa entre e saiba o que está acontecendo, além de poder causar o mesmo desconforto aos seus amigos.

Respeito ao próximo e ao formato das comunidades das quais faz parte.

Compartilhe o que é bom. Afinal, um dos objetivos das redes sociais é este: trocar informações úteis, dicas, matérias, sites, *blogs* – "poste".

Muito cuidado ao clicar em *links* recebidos, eles podem levá-los a outras páginas que contenham verdadeiras pragas virtuais.

Não acredite em todas as mensagens que você receber. Em caso de dúvida, confirme se de fato pertente realmente a um dos seus amigos.

Cabe lembrar que somos avaliados pela forma como nos portamos nas redes sociais. Somos irônicos? Destemperados? Intolerantes? Ou respeitosos, cordiais e gentis? Saiba que o nosso testemunho cristão está sendo avaliado neste ambiente. É triste ver que supostos crentes, apesar de compartilharem imagens e versos bíblicos, não se portam como convém a um verdadeiro cristão, essas pessoas sempre estão envolvidos em debates e discussões inúteis. É uma lástima!

As redes sociais são ambientes propícios para a pregação evangelho (Mc 16.15), ante a grande quantidade de pessoas que acessam tais plataformas. Nesse ambiente, é importante ter criatividade e usar pontos de contato para atrair a atenção dos descrentes, assim como Paulo fez no Areópago (At 17.23). Para tanto, não devemos confundir evangelismo com proselitismo religioso. Enquanto o proselitismo dá ênfase excessiva à religiosidade e à denominação eclesiástica, de forma altiva e, às vezes, autoritária, o evangelismo genuíno é realizado com amor e humildade, a fim de oferecer a salvação proporcionada por Cristo.

---

194 CALAZANS, J. H. C; LIMA, C. A. R. *Sociabilidades virtuais*: do nascimento da Internet à

popularização dos sites de redessociais online. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/sociabilidades-virtuais-do-nascimento-da-internet-a-popularizacao-dos-sites-de-redes-sociais-online. Acessoem 12/jan/2017.

195 N. do E.: Millennials [são] a Geração do Milênio ou da Internet. “Essa geração teve uma convivência já muito cedo [...] com a tecnologia avançada. Por isso, são tidos como sempre conectados, multitarefas, vidrados em mídias sociais, empreendedores e donos das ferramentas para produzir e espalhar suas criações”. (Disponível em: http://projetodraft.com/verbete-draft-o-que-e-geracao-y/. Acesso em 13/jul/2017.)

196 CARSON, D. A., *Cristo e Cultura*: uma releitura. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 13.

197 DANIEL, S. *A Sedução das Novas Teologias*. Rio de Janeiro. CPAD, 2007, p. 96.

198 DANIEL, 2007, p. 98.

199 Disponível em: http://istoe.com.br/326665_VITIMAS+DA+DEPENDENCIA+DIGITAL Acesso em 3/mar/17.

200 Adaptado de: KAPITANSKI; STREY, 2010, p. 504.

Capítulo 11

Sabedoria Divina para Interagir com os Meios de Comunicação

E não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas, antes, condenai-as. — *Efésios 5.11*

Como os cristãos devem interagir com a mídia? Qual deve ser a relação da igreja com a cultura popular? Tais perguntas não são triviais, afinal os meios de comunicação ocupam enorme espaço na sociedade contemporânea, com notável poder de propagação de ideias e formatação cultural. Uma vez que os cristãos têm a incumbência de confrontar e transformar a cultura à sua volta, os meios de comunicação igualmente devem ser alvo do inconformismo transformador dos crentes (Rm 12.2), o que implica, como veremos, fazer uso da sabedoria do alto para distinguir entre a mídia benéfica da ímpia.

Os Meios de Comunicação e sua Influência Cultural

No sentido aqui empregado, mídia refere-se ao conjunto dos meios de comunicação que atingem um grande número de pessoas, a exemplo dos jornais, revistas, rádio, televisão e a própria internet. Em qualquer sociedade civilizada, a mídia ocupa lugar de destaque e exerce importante papel social, visto que os seres humanos são comunicativos por natureza.

Teoricamente, o papel da mídia é difundir notícias e informações de interesse público. Utilizada adequadamente, portanto, ela pode informar, entreter e produzir cultura de qualidade, pois não é inerentemente má. Ao mesmo tempo, assim como ocorre com outros elementos da criação, o homem caído também subverte o propósito da comunicação, ao usar a mídia para propósitos espúrios que desonram a Deus, para o fim de disseminar ódio, pornografia e violência, ao tempo em que produz uma cultura popular banal.

Nenhuma coisa é imunda em si mesma, escreveu o apóstolo Paulo (Rm 14.14), mas ela torna-se imunda, corrompida e perversa quando o homem caído expressa a sua rebelião contra Deus[201]. Nas palavras de Nancy Pearcey: "A linha entre o bem e o mal não é traçada entre uma parte e outra da criação, porém passa pelo coração humano — em nossa disposição de usar a criação para o bem ou para o mal"[202]. Assim, Nancy destaca que a música é boa, mas músicas populares podem ser usadas para glorificar a perversão moral; a arte é um presente bom de Deus, mas livros e filmes podem ser usados para transmitir cosmovisões não bíblicas e promover a decadência moral[203].

Walter Kaiser Jr. expressou isso da seguinte maneira: "Embora os meios de comunicação tenham um enorme potencial de unir a humanidade por meio de satélites e da internet [...], também é grande seu potencial para gerar efeitos nocivos e negativos na sociedade, dependendo da qualidade do conteúdo transmitido"[204].

O Poder de Influência dos Meios de Comunicação

Entender os meios de comunicação sob a perspectiva cristã é crucial em nossos dias, especialmente em virtude do seu poder de influência sobre as mentes das pessoas e da sociedade em geral, seja de maneira explícita ou subliminar. Por esse motivo, a mídia é considerada o quarto poder, ao lado dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário.

Em grande parte, a mídia molda a cultura popular, as preferências e os valores aceitos pela sociedade em geral. Ela dita tendência, constrói referenciais e estabelece ideologias. Isso porque, "todo veículo cultural popular do cinema aos vídeos de música comunicam uma crença ou valor"[205]. Dallas Willard retratou com fidelidade o influente poder da mídia ao dizer que vivemos sufocados por *slogans*, em que acontecimentos, coisas e informações nos afogam, nos subjugam, desorientando-nos com ameaças e possibilidades acerca das quais a maioria de nós não sabe o que fazer. Ele diz que "comerciais, *slogans*, bordões políticos e pretensiosos rumores intelectuais atulham o nosso espaço mental e espiritual. As nossas mentes e os nossos corpos 'pegam' essas coisas como um terno escuro pega fiapos"[206].

Evidentemente, tal influência é responsável pela formatação da chamada cultura popular, em específico o entretenimento visual e musical. A cultura

popular penetra como agulha no tecido social, ela “grita da televisão em inúmeros canais durante o dia inteiro, explode em nossos computadores, ressoa no rádio do carro e enfeita nossas camisetas e tênis”[207]. O grande problema é que, conforme afirmaram Terrence Lindvall e J. Matthew Melton, “a cultura, como a natureza, detesta o vazio. Apressa-se em encher o vácuo do desejo humano”[208]. Consequentemente, em vez de serem propagados conteúdos que exaltem a verdade, a ética e os bons costumes, a mídia oferece, com raras exceções, conteúdo que visa saciar o que há de mais ruim no coração humano.

A Mídia Impia e os Perigos do Falso Entretenimento

A mídia ímpia, descompromissada com os valores morais, espirituais e familiares, é eficiente (2 Ts 2.9) em produzir programas, séries, músicas e filmes que exploram a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida (1 Jo 2.16). Transmite-se a ideia de completa naturalidade na prática da luxúria (1 Co 5.1), do adultério (2 Pe 2.14), do orgulho (2 Pe 2.18), da bebedice (1 Pe 4.3), do roubo e da vingança, assim como exaltam a mentira e a libertinagem irresponsável (2 Pe 2.19).

De acordo com Lindvall e Melton: “O cinema e a televisão nos tentam com visões do mundo que são niilistas ou utópicas. Provocam-nos com histórias que dizem que nossas ações não têm consequência moral, que podemos escapar do salário do orgulho, da vingança, da luxúria, do roubo e de outros pecados. Ou procuram nos hipnotizar com imagens que sejam excessivamente românticas ou asquerosas”[209].

Utilizando a estratégia da emoção e de enredos românticos, tais produções tentam convencer os expectadores da suposta normalidade da bruxaria pós-moderna, da homossexualidade e de outras práticas pecaminosas. Ao mesmo tempo, ridicularizam Deus, a igreja e os valores cristãos, sob o título de “entretenimento”.

A Sedução do Falso Entretenimento

Esse tipo de falso entretenimento produzido pela mídia perversa impacta negativamente a vida dos expectadores contumazes. Essa não é uma afirmação eminentemente religiosa. Pesquisas científicas apontam que a exposição constante a certos conteúdos influencia diretamente o

comportamento humano. Observe a seguir.

Sexo na TV tem correspondência com gravidez na adolescência.Estudo feito nos Estados Unidos e publicado pela revista científica *Pediatrics*, concluiu que jovens que têm altos níveis de exposição a programas de televisão com conteúdo sexual tem o dobro da chance de se envolverem em uma gravidez na adolescência, nos três anos seguintes do que aqueles que assistem poucos destes programas. A pesquisa constatou ainda que a televisão pode ter um papel significativo nas altas taxas de gravidez adolescente, e que a exposição aos programas televisivos pode acelerar a iniciação do ato sexual e influenciar a gravidez adolescente ao criar a percepção de que há muito pouco risco em fazer sexo sem contraceptivos.

Álcool na TV estimula consumo imediato de bebidas. Outro estudo, realizado por cientistas da Universidade de Radboud, Holanda, sugere que as pessoas tendem a consumir álcool quando veem pessoas bebendo em filmes ou em comerciais enquanto assistem à TV. Os pesquisadores monitoraram o comportamento de 80 jovens enquanto eles assistiam televisão e descobriram que os que viam mais referências a bebidas alcoólicas bebiam duas vezes mais do que os que não as viam. A pesquisa, que foi publicada na revista especializada *Alcohol and Alcoholism*, indica ainda que “mostrar bebidas alcoólicas em filmes e propagandas não apenas afeta as atitudes das pessoas e as regras para bebida na sociedade, mas pode funcionar como uma sugestão que afeta o desejo e o subsequente consumo de bebida”.

Novelas promovem o aumento do divórcio.Um estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) sugere uma ligação entre as populares novelas da TV Globo e o aumento no número de divórcios no Brasil nas últimas décadas. Na pesquisa, foi feito um cruzamento de informações extraídas de censos nos anos 70, 80 e 90 e dados sobre a expansão do sinal da Globo — cujas novelas chegavam a 98% dos municípios do país na década de 90. Além disso, a pesquisa descobriu que esse efeito é mais forte em municípios menores, onde o sinal é captado por uma parcela mais alta da população local.

Jovens que ouvem música sexual transam mais cedo. Na esfera musical, em **pesquisa** realizada na Universidade de Pittsburgh constatou-se que jovens que ouvem músicas que contenham referências sexuais e degradantes, começam a fazer sexo mais cedo (ou investem nas preliminares, como a masturbação). As pesquisas foram feitas com 711 jovens de três grandes

escolas em uma metrópole. Dos participantes que eram expostos a, em média, 14 horas de músicas “sexuais” por dia, um terço já havia feito sexo. Outro terço já havia tido “preliminares”, mas nunca havia praticado o ato em si.

Tais estudos são somente alguns indicativos que comprovam os males provocados por programas que se escondem por detrás das “cortinas do entretenimento” e da cultura popular de massa, com forte apelo sexual e uma gritante indiferença à instituição familiar. Isso demonstra que os meios de comunicação possuem influência penetrante no comportamento das pessoas, principalmente jovens, adolescentes e crianças, sobretudo quando há exposição contínua e incapacidade de filtrar as informações.

O problema, é claro, não é novo. Lindvall e Melton recordam:

> No antigo Israel, os portadores primários das mensagens narrativas e ideológicas eram os proftas e sacerdotes. Uma tentação ao povo hebreu era entregar esta função vital a influências pagãs. Os profetas advertiam repetidamente os hebreus dizendo que os ídolos pagãos eram meros paus e pedras; mesmo assim, esses paus e pedras eram muitas vezes sedutores. De modo análogo, as imagens dos filmes têm a capacidade de seduzir. Elas criam uma maneira de ver o mundo e moldar o espectador inconsciente no seu tipo de espectador. Como os ídolos antigos de madeira e pedra, nosso celulóide e imagens digitalizadas ativam as emoções e as respostas fisiológicas que adequadamente pertencem à vida real e à verdadeira adoração[210].

Diante desse quadro, a igreja em geral e o cristão em particular deve valer da sabedoria do alto, a fim de proceder com discernimento com relação aos meios de comunicação.

Utilizando os Meios de Comunicação com Sabedoria

Antes de tudo, devemos saber usar adequadamente os meios de comunicação em vez de sermos manipulados por eles. Em um contexto saturado de mídia, com programas e mensagens midiáticas que insuflam nossos desejos, é imprescindível a sabedoria do alto (Tg 3.17) para nos ensinar a separar o joio do trigo em matéria de entretenimento, assim como a ajuda do Espírito Santo nos guiando para os hábitos saudáveis e edificantes.

Para os cristãos, o principio da conveniência aludida por Paulo em 1 Coríntios 10.23 é um importante conselho para a interação adequada com a mídia. Aquilo que está sendo transmitido é conveniente para o cristão? É edificante? É digno do meu tempo e da minha atenção? A forma como respondemos a tais perguntas é crucial para nos conduzir com prudência e vigilância.

Em alguns casos, afastar-se da mídia é tarefa que exige verdadeira libertação. Afinal, diante do poder intoxicante de certos entretenimentos, não é incomum encontrarmos crianças, adolescentes, jovens e adultos viciados em consumo midiático. Tal ocorre porque a cultura popular possui enorme facilidade de viciar as pessoas. Exemplo disso é o apreço pelo *fast food* em lugar da comida substancial.

Colson e Pearcey observam que o mais problemático é o impacto que a cultura popular pode causar em nossa vida espiritual.

> Atenção ao domínio espiritual exige um conjunto completo de habilidades completamente diferentes do que as simples distrações da cultural popular. Estudar a Palavra exige concentração mental e disciplina. Oração e meditação exigem lembranças enfocadas e habilidade para fechar a porta aos eventos cotidianos. Além disso, a cultura popular (até mesmo a versão cristã dela) pode destruir as habilidades e disciplinas necessárias para uma vida cristã robusta.[211]

Por esse motivo, as Escrituras valorizam a meditação nas Escrituras (Sl 1.2) e as disciplinas espirituais de oração e jejum (Mt 17.21).

Influenciando a Mídia

Além da utilização sábia da mídia, os crentes ainda podem utilizá-la em prol do Reino de Deus, tanto para anunciar o evangelho, como proporcionar cultura, educação e informação em sintonia com os valores e princípios das Escrituras. Isso porque, a comunicação não é uma invenção do Diabo, mas de Deus.

Exemplo histórico da possibilidade de utilização de um meio de comunicação para propósitos espirituais é a Reforma Protestante e o surgimento da imprensa.

Em seu livro *Blog: Entenda a revolução que vai mudar seu mundo*, Hugh Hewitt faz um paralelo entre a Reforma Protestante e a reforma da informação dos dias atuais. Ele observa que as transformações culturais, políticas e econômicas decorrentes da Reforma que afetaram o rumo da civilização ocidental foram impulsionadas em grande parte pelo advento da imprensa de Gutenberg.

> A publicação de livros mais baratos descentralizou o poder do conhecimento e mudou para sempre a estrutura da sociedade. A possibilidade da leitura tirou das mãos da elite o papel de interpretação abalizada e permitiu que os membros da classe média burguesa avaliassem eles mesmos a informação. As ideias podiam circular sem controle das hierarquias estabelecidas, permitindo novos pontos de vista, informações e uma liberdade pessoal muito maior. O presente da página impressa, dada por Gutenberg, foi um convite a uma compreensão renovada das coisas, sem esquecer a nova responsabilidade da reflexão crítica.[212]

Com a invenção da imprensa de tipos móveis, o custo médio caiu aproximadamente 400 vezes. Logo, a vida intelectual não era mais domínio exclusivo da igreja e da corte, e a alfabetização tornou-se uma necessidade da vida urbana. Por isso, a impressão de livros despertou o fogo intelectual no final da Idade Média, ajudando a produzir o Iluminismo e a Renascença. Sem a impressão barata tornando os livros disponíveis a uma grande parcela da sociedade, um grande número de escritores, músicos, políticos, religiosos, cientistas, médicos e exploradores não teriam como transmitir seu conhecimento e sua inspiração.

Foi exatamente esse contexto que contribuiu para o êxito da Reforma Protestante. Martinho Lutero, o pai da Reforma, ao compreender a riqueza da graça divina, passou a questionar tudo o que antes tinha aceitado da tradição da Igreja Católica, especialmente a interpretação e o controle que ela tinha das Escrituras, os quais, ele concluiu, não eram propriedade particular da elite eclesiástica, mas a revelação de Deus a todos os homens. A partir daí, surgiram as grandes confissões da Reforma: *Sola Scriptura, Sola Gratia, Solus Christus, Sola Fide e Soli Deo Gloria*

Com essas ideias em mente — prossegue Hewitt — o rompimento de

Lutero com Roma tornou-se iminente em 1517, ano de suas 95 Teses. As teses foram escritas em latim e afixadas na porta da Catedral de Wittenberg, que era a forma tradicional de iniciar uma discussão, e Lutero enviou uma cópia a Albert de Mainz (cardeal conhecido também como Alberto de Brandemburgo), para alertá-lo sobre as práticas de vendas de indulgências.

Assim, graças ao novo meio de comunicação, Lutero — e, mais importante ainda, suas ideias — ficou conhecido em toda a Alemanha em apenas duas semanas e em toda a Europa em um mês. Cópias de suas teses circulavam por toda parte, sendo enviadas de amigo a amigo. Lutero tinha o que Wyclyff e Huss não tiveram: tecnologia. Como a afirma Bernd Moeller: "Sem a imprensa não teria havido Reforma. Ela tirou Lutero da obscuridade, transformando-o em um nome familiar da noite para o dia. E seu questionamento dos abusos da igreja estava encontrando eco em toda a cristandade".[213]

Depois, as publicações de Lutero em alemão se intensificaram. Entre 1517 e 1520 ele escreveu em torno de trinta obras, e os estudiosos estimam que ele tenha vendido mais de mil exemplares. Mas importante ainda foi a tradução e a publicação da Bíblia. A partir dos originais, ele concluiu uma primeira versão de sua tradução do Novo Testamento menos de um ano depois e publicou uma Bíblia completa em alemão em 1534. A partir de então, no todo ou em parte, a Bíblia foi traduzida para pelo menos 2.197 idiomas. Sem adentrar ao plano espiritual, Hewitt atribui o crescimento da Reforma protestante à imprensa criada por Gutenberg, pois "ele amplificou a voz humana de tal modo que pode ser ouvida em todo o mundo. Ele forneceu os meios pelos quais uma pessoa pode se comunicar com as massas sem a interferência das estruturas institucionais. Finalmente os indivíduos podiam falar, e ninguém podia silenciá-los".

Portanto, não há como nos furtar de comunicar as verdades bíblicas por meio da mídia. D. James Kennedy e Jerry Newcombe escreveram: "Acabou o tempo de apenar reclamarmos entre nós sobre o ataque ao cristianismo nos filmes e na TV. É tempo de agir. É tempo de fazermos nossas vozes audíveis por aqueles que estão envolvidos na perseguição contra os cristãos. É tempo de escrever cartas ao editor. É tempo de orar pelos cristãos que estão na mídia e de levar mais pessoas a Cristo, inclusive àqueles que estão na mídia. Enfim, é tempo de os cristãos entrarem corajosamente nos meios de

comunicação”[214].

---

201 PEARCEY, 2006, p. 96.

202 PEARCEY, 2006, p. 96.

203 PEARCEY, 2006, p. 96.

204 KAISER JR., 2016, p. 72.

205 PALMER, 2001, p. 399.

206 WILLARD, 2010, p. 2

207 COLSON; PEARCEY, 2006, p.287-288.

208 PALMER, 2001, p. 400.

209 PALMER, 2001, p. 403.

210 PALMER, 2001, p. 401.

211 COLSON; PEARCEY, 2000, p. 546.

212 HEWITT, H. Blog: *Entenda a revolução que vai mudar seu mundo*: Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007, p. 10.

213 HEWITT, 2007, p. 88/87.

214 KENNEDY, D. J.; NEWCOMBE, J. *As Portas do Inferno não Prevalecerão*: o ataque ao Cristianismo e o que você precisa saber para resistir. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 283.

Capítulo 12

A Educação Secular em Tempos Trabalhosos

E estai sempre preparados para responder com
mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão
da esperança que há em vós. — *1 Pedro 3.15*

No final do século XX o mundo passou por profundas mudanças sociais, culturais e tecnológicas, dando início à pós-modernidade. Acompanhando o espírito desta época, a filosofia educacional das escolas e faculdades de hoje é marcada pelo relativismo, pelo naturalismo ateísta e pela doutrinação ideológica, representando, assim, enorme desafio aos estudantes cristãos.

Neste capítulo, busco demonstrar que a Bíblia não aprova o anti-intelectualismo e a aversão ao estudo sistematizado. Ao mesmo tempo, veremos a necessidade de preparo bíblico e apologético do jovem cristão, para confrontar os ataques proferidos pelos inimigos da cruz.

Educação em Tempos Pós-Modernos

A titulo de introdução devo dizer que a expressão pós-modernidade não possui um significado único ou estático, daí porque David Lyon[215] adverte que "pós-modernidade é um conceito multifacetado que chama a nossa atenção para um conjunto de mudanças sociais e culturais profundas que estão acontecendo neste final de século XX em muitas sociedades 'avançadas'". Segundo ele, "tudo está englobado: uma mudança tecnológica acelerada, envolvendo as telecomunicações e o poder da informática, alterações nas relações políticas, e o surgimento de movimentos sociais, especialmente os relacionados com aspectos étnicos e raciais, ecológicos e de competição entre os sexos."

Como mencionei em meu livro *O Cristão e a Universidade*[216], *"a reflexão sobre o sentido da pós-modernidade pode ganhar duplo direcionamento:*

histórico e filosófico-ideológico. Na abordagem histórica, busca-se pensar a pós-modernidade como acontecimento histórico, posterior — como o nome sugere — à modernidade. Seria a pós-modernidade uma continuação da atitude mental moderna ou a sua rejeição? Na dimensão ideológica, a pós-modernidade é concebida como uma visão de mundo própria que deve ser cultivada e aceita, a partir da realidade dos novos rearranjos sociais."

O termo se popularizou devido principalmente à obra do filósofo francês Jean-François Lyotard, *A Condição Pós-Moderna*, baseado em um relatório apresentado pelo autor sobre o *status* do conhecimento nas sociedades avançadas, para o Conselho das Universidades de Quebec. Para Lyotard, pós-moderno é "o estado da cultura, depois de transformações súbitas nas regras dos jogos da ciência, da literatura, das artes, a partir do século XIX". Ele definiu a pós-modernidade como sendo a "incredulidade em relação às metanarrativas", ou seja, as visões totalizantes e universais da história. Para Lyotard desde a 2ª Guerra Mundial, as grandes narrativas do progresso científico perderam sua credibilidade.

Consequentemente, a pós-modernidade recoloca em discussão as percepções de verdade e significado, afetando a premissa da cosmovisão cristã que se baseia em uma verdade absoluta e objetiva.

Não obstante, apesar dos perigos que o contexto pós-moderno oferece a fé cristã, como veremos a seguir, devemos, como cristãos, ver as oportunidades que tal período histórico proporciona para comunicar a nossa fé. Há aspectos do nosso tempo que podem ser utilizados como pontos de contato para a defesa e apresentação do evangelho. Como exemplo, em um período que carece de sentido e a ciência não pode dar respostas satisfatórias para a angústia existencial, a transcendência da fé cristã, notadamente, na vertente pentecostal, certamente preenche um vácuo na vida das pessoas.

Nessa perspectiva, D. A. Carson diz que embora deploremos determinadas apresentações da pós-modernidade, ela é vital para reconhecer várias forças, especialmente por enfatizar a finitude humana: "Nenhum de nós é infinito; nenhum de nós revela o atributo da onisciência. Nossas crenças são modeladas, em parte, por nossa cultura, língua, herança e comunidade". Em seu livro *Igreja Emergente*, D. A. Carson cita outros pontos fortes da pós-modernidade. Além de ser eficaz em expor os pontos fracos da modernidade, ela tem encorajado a pensar com mais cuidados sobre a forma como a

experiência pessoal molda nosso julgamento, a influência da cultura e nossa forma de pensar, e a maneira como esses fatores interagem em si. Além disso, ela incentiva uma postura mais respeitosa e humilde em relação à cultura do outro.[217]

Tanto o radicalismo liberal da igreja emergente pós-moderna quanto o conservadorismo eclesiástico modernista, que rejeita por completo os aspectos culturais do nosso tempo, erram no seu enfoque. Ambos acabam padecendo do mesmo vício reducionista, criando estereótipos dos períodos históricos sem considerar suas características que coadunam com a cosmovisão cristã ou que no mínimo não lhe contraria.

Feita a ressalva acima, destaco a seguir algumas características do nosso tempo que se encontram presentes na educação secular.

Relativismo

O *relativismo* considera que não existe uma verdade absoluta, capaz de estabelecer regras universais para todos os homens. Para eles, a sua verdade é a sua verdade, e a minha verdade é a minha verdade; e as crenças são, em última análise, uma questão de contexto social, resultando daí a inescapável conclusão: “O que é certo para nós, talvez não o seja para você” e “O que está errado em nosso contexto, talvez seja aceitável ou até mesmo preferível no seu”.

Logo, tanto a verdade como a moralidade são relativas e adaptáveis ao seu contexto. Como observou Dallas Willard, “não há hoje nenhum conhecimento moral reconhecido como base sobre o qual se possa elaborar projetos de incentivo do desenvolvimento moral”. O que se têm são somente perspectivas, pontos de vistas distintos sobre o mundo; e nenhum pode alegar a sua própria superioridade em relação ao outro.

Tal concepção não é perigosa somente para a fé cristã — que tem na existência da verdade objetiva um de seus fundamentos — é perigosa para a sociedade em geral. Ao desconstruir valores e princípios imutáveis o relativismo pedagógico promove inversão de valores e acaba com os referenciais éticos para a sociedade.

Naturalismo ateísta

As escolas e universidades estão dominantes pelo naturalismo ateísta.

Entende-se aqui o naturalismo como uma visão de mundo abrangente que compreende tudo o que existe como o resultado das forças da natureza, de processos aleatórios e da evolução das espécies, sem espaço, segundo afirmam, para o mito da religião. A efeito, considere as palavras de Peter Atkins, professor de Química da Universidade de Oxford: "A humanidade deve aceitar que a ciência eliminou a justificativa da crença num propósito cósmico, e qualquer sobrevivência desse propósito inspira-se apenas no sentimento"[218].

É esse tipo de pensamento que dita hoje as aulas da grande maioria das universidades seculares, a partir da premissa que o avanço científico fez desaparecer a necessidade de um Criador para explicar a origem do universo e da espécie humana. Essa é razão pela qual hoje boa parte dos estudantes universitários são *convidados* a deixarem suas "crenças religiosas ultrapassadas" longe das salas de aulas, pois esse espaço, segundo dizem, é destinado à produção *imparcial* de conhecimento segundo evidências cientificas (e não baseado na fé). Essa filosofia está presente não somente nas ciências naturais, mas em todas as áreas da produção acadêmica, incluindo-se aí as ciências exatas, biológicas, humanas e sociais.

A justificativa em geral invocada pelos naturalistas é que a ciência se baseia em fatos, não em crenças. Realmente, esse é um princípio elementar na produção científica. Contudo, é necessário indagar se o naturalismo adota esse princípio para a formulação de seus postulados básicos ou se trata também de mais uma visão de mundo?

Uma análise mais acurada do naturalismo vai demonstrar que, longe de ser uma perspectiva baseada em fatos, o naturalismo se funda em uma cosmovisão filosófica-ateísta, que exclui antecipadamente Deus do processo e direciona, a seguir, o modo como os seus adeptos "fazem ciência". Isso porque, se realmente o naturalismo fosse uma forma imparcial de fazer ciência e produzir conhecimento, não agiria com intolerância em relação às outras perspectivas que lhes são contrárias.

Doutrinação Ideológica

De muitas maneiras, o ensino contemporâneo está impregnado de ideologias partidárias, antirreligiosas e até mesmo imorais. Educadores tendenciosos, em vez de ensinarem tão somente o conteúdo de suas

disciplinas, buscam realizar verdadeira doutrinação ideológica dos alunos, enredando-os com filosofias e vãs sutilezas (Cl 2.8).

A situação hoje encontrada nas escolas e universidade públicas brasileiras é grave. As aulas são dominadas pela ideologia socialista e pelo marxismo cultural. Em outros casos, o próprio poder público tenta induzir os alunos a assimilarem noções distorcidas sobre ética, sexualidade e religião em sintonia com as ideias daqueles que ocupam o poder, mediante programas e adoção de material literário que servem aos seus interesses panfletários.

De acordo com pesquisa realizada recentemente pelo Instituto Sensus, 78% dos professores brasileiros acreditam que a principal missão das escolas é "formar cidadãos", contra 14% que acredita que o papel é "contribuir para a formação profissional" e apenas 8% que respondeu que a função é "ensinar as matérias". Enquanto isso, atualmente 95% dos nossos alunos saem do ensino médio sem conhecimentos básicos em matemática, quase 40% dos universitários são analfabetos funcionais e 78,5% dos estudantes brasileiros finalizam o ensino médio sem conhecimentos adequados em língua portuguesa. Ou seja, há muita doutrinação e pouco ensino!

Nas palavras do pastor Claudionor de Andrade:

> Não podemos aceitar passivamente o currículo que nos impõe a escola leiga. A grade curricular que nossas crianças são obrigadas a absorver, com prejuízo da própria fé, busca incutir-lhes uma cosmovisão completamente antagônica aos princípios cristãos. Aliás, não se trata de uma mera grade curricular, mas de uma cadeia, onde são aprisionados, teológica e filosoficamente, nossos filhos e netos. Ali, são forçados a pensar de acordo com o sistema que, sub-repticiamente, vem sendo engendrado por homens que se deleitam em opor-se ao próprio Deus[219].

Para rejeitar tal doutrinação ideológica é imprescindível que o servo de Deus pense com a mente de Cristo, e saiba defender as convicções cristãs.

O Cristão, a Escola e a Universidade

Apesar do quadro anteriormente apontado, não há motivos para os cristãos se afastarem das escolas e universidades. Honrando sua longa tradição, o cristianismo dá grande valor ao estudo e ao conhecimento, mesmo o chamado

“conhecimento secular”, ou seja, o ensino não teológico. Com propriedade, o pastor Claudionor de Andrade observou que a educação do Mundo Ocidental deve mais à Igreja Cristã do que ao decadente e corrupto Império Romano. De acordo com o consultor teológico da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), “se o sistema educacional deste prestava-se a formar uma elite para dar continuidade à governabilidade de Roma, aquela sempre se apresentou para informar, formar e transformar a criança nos caminhos do Senhor, a fim de que se torne útil tanto ao Reino de Deus como ao mundo dos homens”. O ensino fundamental é fruto do trabalho catequético da Igreja. Quanto às universidades, não há o que se discutir; nasceram elas nos monastérios e conventos que se fizeram centros de excelências educacionais”[220].

Na perspectiva cristã, a doutrina da Queda e da depravação humana explicam a natureza do homem e, ao mesmo tempo, exige um processo pedagógico de constante instrução acerca da Lei de Deus. Caído o ser humano carece de educação permanente, a fim de ajudá-lo no desenvolvimento do conhecimento, habilidades e atitudes que contribuam para que possa glorificar e agradar melhor a Deus[221]. Esse o motivo pelo qual o cristianismo dá valor ao ensino.

Intelecto a Serviço do Reino

Nesse sentido, a Bíblia não aprova o anti-intelectualismo e a aversão ao estudo sistematizado. Embora desabone o orgulho de filósofos humanistas (1 Co 1.20; 2.5,6), a Palavra de Deus aprecia o conhecimento, pois as Escrituras partem do pressuposto de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26), e por isso é um ser inteligente, comunicativo, com capacidade de aprender e ensinar. Jesus foi enfático ao dizer que precisamos amar a Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de toda a nossa força e de todo o nosso entendimento (Mt 22.37).

Logo, valorizar a vida da mente é algo tão espiritual quanto pregar, ensinar ou louvar. É uma atividade que deve ser feita em sintonia com a Palavra e para a glorificação do nome do Senhor. A Bíblia possui várias passagens exaltando o conhecimento e a sabedoria (Pv 18.15; 2 Pe 3.18) e alerta para os perigos da sua falta (Os 4.6).

Como alertou John Stott, “Deus não pretende que o conhecimento seja um

fim em si mesmo, mas sim que seja um meio para se alcançar algum fim”[222].

Por essa razão, Stott ensina que o conhecimento que adquirimos deve nos conduzir a pelo menos quatro propósitos dignos. *Primeiro,* o conhecimento deve conduzir à adoração a Deus, a quem nos submetemos com plena admiração exclamando: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos” (Rm 11.33). *Segundo,* o conhecimento deve conduzir a fé; mas uma fé com fundamentos sólidos, alicerçada no conhecimento que a torna racional. *Terceiro,* o conhecimento deve conduzir à santidade; em uma vida de entrega e devoção ao Senhor. E, *quarto*, o conhecimento deve conduzir ao amor, porque “quanto mais sabemos, mais devemos compartilhar do que sabemos com os outros e usar o nosso conhecimento em serviço a eles, seja na evangelização, seja no ministério”[223].

A toda evidência, a dita intelectualidade cristã não pode ser usada simplesmente como uma ferramenta de interesse pessoal, vanglória e autoglorificação. Isso não passa de pseudo-intelectualismo com rótulo cristão, que em nada supera as filosofias humanistas baratas e o hedonismo mental.

A Necessidade de Preparo Bíblico e Apologético

Ainda que nas escolas e universidades contemporâneas exista muito ensino hostil ao cristianismo bíblico, conforme vimos inicialmente, o cristão deve primar por sua formação cultural e profissional. Afinal, as instituições de ensino, em si, não desviam o crente. As escolas e universidades simplesmente representam em menor escala o desafio natural do cristão que vive neste mundo que se opõe a Deus. Tais ambientes podem ser comparados a campos de batalha, que envolve tanto a disputa espiritual quanto intelectual. Logo, para ingressar nesse ambiente é necessário preparo prévio.

Se o cristão tiver o necessário preparo bíblico e apologético (1 Pe 3.15), não há razão alguma para temer o ingresso no ambiente educacional. Certamente, tal preparo envolve uma educação cristã abrangente, capaz de habilitar o crente a defender de forma consistente suas convicções no ambiente escolar, de modo a refutar as ideias e opiniões que se levantam contra o conhecimento de Deus, e levar cativo todo o entendimento a

obediência de Cristo (2 Co 10.5).

Dentro desse estado de coisas, a liderança cristã (pastores e líderes de jovens) e os próprios pais precisam repensar cada qual o seu papel e estabelecer um diálogo mais próximo e efetivo com esses jovens e adolescentes da igreja, instruindo-os para a formação de uma verdadeira apologética cristã, a fim de que possam responder com segurança aos questionamentos sobre a fé que professam, e tenham condições de interagir com a sociedade sem que tenham de abandonar a Cristo.

Johanes Janzen, depois de apresentar o levantamento de J. Warner Wallace — que elencou três razões[224] que levam os jovens cristãos a abandonar da igreja quando entram na faculdade — destacou que nós não podemos mudar a natureza hostil da universidade ou a natureza humana de nossos jovens cristãos. Por essa razão, se quisermos mudar esse quadro, precisamos nos envolver com o primeiro aspecto.

> Temos que fazer o que for preciso para informar, equipar e ocupar os jovens cristãos em uma investigação racional e evidencial do cristianismo. Vai ser duro o suficiente para os nossos alunos resistirem à tentação de abandonar a sua cosmovisão cristã quando tentados pelos seus próprios desejos, especialmente dada a natureza da vida universitária e o incentivo que receberão a perseguir suas paixões. Mas, será ainda mais fácil os nossos alunos irem embora, se eles não souberem sequer por que o cristianismo é verdade... É hora de alinhar as nossas igrejas e ministérios para envolver o grupo demográfico mais importante dentro da Igreja: jovens cristãos. É hora de entrar no jogo, redirecionar os nossos esforços e começar a treinar.[225]

Nos nossos dias saber articular o evangelho de forma inteligente, coerente e relevante no mercado das ideias, mantendo-se, ao mesmo tempo, fiel às Escrituras, é uma questão crucial aos cristãos, especialmente em nosso contexto cultural, que oferece um cardápio de experiências religiosas bastante variado.[226] A pluralidade de cosmovisões resultantes do sincretismo nas esferas religiosa e ideológica exige um realinhamento individual e comunitário, de uma mente cristã fundamentada em uma visão cristã do universo, da cultura, do sistema sociopolítico e religioso em que vivemos. Do

contrário, estaremos nos expondo às críticas, muitas vezes merecidas, que têm sido levantadas contra o cristianismo institucionalizado e decadente do século passado, assim como o dos nossos dias.

É isso o que Nancy Pearcey quer dizer quando afirma que os cristãos têm de ser bilíngues para traduzir o evangelho em uma língua que a nossa cultura entenda. Como imigrantes, precisamos falar na linguagem da fé e da religião que professamos. Mas, como missionários, devemos traduzir essa língua para a língua da cultura em que vivemos. O problema é que a grande maioria dos estudantes cristãos, diz Nancy Pearcey, "não sabe expressar a perspectiva da crença que professam usando uma língua adequada ao ambiente público". Como imigrantes, que ainda não dominam a gramática do novo país, eles são tímidos. "Em particular, falam uns com os outros na língua materna de sua religião, mas em sala de aula não têm certeza de como expressar a perspectiva religiosa na linguagem do mundo acadêmico."[227]

A mudança desse panorama requer o uso de uma educação cristã abrangente que contemple, além do ensinamento das doutrinas espirituais básicas, a formação de uma cosmovisão eminentemente bíblica, que supere a velha repetição de dogmas denominacionais e tradicionalistas, que não raro retiram o senso de reflexão dos crentes e a capacidade de discernimento crítico.

A verdadeira educação cristã deve ser capaz de formar discípulos conscientes de si mesmos e de suas responsabilidades perante o Reino de Deus, de modo que a obediência e a fidelidade às leis morais extraídas das Sagradas Escrituras e à vontade de Deus sejam o resultado de uma mente transformada e cativa ao senhorio de Cristo (2 Co 10.5), e não de uma vontade individual subserviente, suprimida pelas forças institucionais da religião. Parafraseando o apóstolo Paulo, somente pela transformação e pela renovação da nossa mente, em Cristo, é que podemos experimentar qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus (Rm 12.2). A educação cristocêntrica parte desse princípio, promovendo libertação e transformação de dentro para fora.

Essa educação deve explicitar não somente o cardápio de crenças cristãs, mas os fundamentos dessas crenças. Como ressaltou Philip Johnson, "é provável que a educação cristã seja exercício fútil se não prepara os jovens para sobreviver aos desafios da cosmovisão que seguramente encontrarão".

215 LYON, D. *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 13.

216 Partes deste capítulo constaram na obra: NASCIMENTO, V. *O Cristão e a Universidade*: um guia para a defesa e o anúncio da cosmovisão cristã no ambiente universitário. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

217 CARSON, D. A. *Igreja Emergente*: o movimento e suas implicações. São Paulo: Vida Nova, 2010.

218 ATKINS, P. Apud LENNOX, J. C. *Por que a Ciência não Consegue Enterrar Deus?*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 19.

219 ANDRADE, C. *Uma filosofia de educação autenticamente cristã*. Disponível em: http://www.cpadnews.com.br/blog/claudionorandrade/posts/38/uma-filosofia-de-educacao-autenticamente-crista.html. Acesso em 01/fev/17.

220 Idem.

221 HUGHES, J. *Por que educação cristã e não doutrinação secular?* In: MACARTHUR, 2005, p. 377.

222 STOTT, J. *Crer é também pensar*. São Paulo: ABU Editora, 2001, p. 55.

223 STOTT, 2001, p. 58.

224 1. Nossos adolescentes cristãos são inarticulados e desinformados; 2. As universidades são geralmente hostis ao Cristianismo; 3. Os jovens estão ansiosos para perseguir os seus desejos com liberdade.

225 JANZEN, J. Disponível em: http://www.origemedestino.org.br/blog/johannesjanzen/?post =682. Acesso em 3/2/2015.

226 RAMOS, R. *Evangelização no mercado pós-moderno*. Disponível em http://livros.gospelmais.com.br/files/livro-ebook-evangelizacao-no-mercado-pos-moderno.pdf. Acesso em 01/06/2015.

227 PEARCEY, 2006, p. 76.

Capítulo 13

E agora, como Viveremos na Sociedade de Consumo?

Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão? E o produto do vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer? — *Isaías 55.2a.*

A ânsia pelo consumo é uma das marcas da sociedade contemporânea. O aumento da capacidade de produção aliada ao fortalecimento do capitalismo, criaram as condições adequadas de uma época em que os hábitos de consumo moldaram a cultura materialista do tempo presente. Não sendo estranho à vivência cristã, devemos refletir sobre este tema e as suas repercussões na vida da igreja.

A Era do Mercado de Consumo

Aquilo que se convencionou chamar de sociedade de consumo é resultante de um longo processo histórico, aludindo à industrialização e ao consequente aumento da produção dos bens de consumo. Estudiosos costumam traçar o aumento desse fenômeno a partir do século XVI, com o aparecimento de todo um conjunto de novas mercadorias no cotidiano dos diversos segmentos sociais, fruto da expansão ocidental para o oriente[228]. Todavia, nos moldes atualmente compreendidos, é no século XIX que a sociedade de consumo vai realmente se estabelecer, com o surgimento de consumidores claramente diferenciados e novas modalidades de comercialização e técnicas de marketing[229].

Esse contexto é marcado pela moda (em verdade pelas modas) e pela veloz substituição dos produtos de consumo. Roupas, acessórios e demais itens pessoais são trocados e colocados em desuso com rapidez estonteante, ainda que em bom estado de conservação. Não se trata tão somente de uma regra de mercado. É um estilo de vida, impregnado em nossa cultura, que sinaliza,

segundo Livia Barbosa, “para individualidade, autoexpressão, estilo pessoal e autoconsciente. A roupa, o corpo, o discurso, o lazer, a comida, a bebida, o carro, a casa, entre outros, devem ser vistos como indicadores de uma individualidade, propriedade de um sujeito específico, ao invés de uma determinação de um grupo de *status*”[230].

Em tal contexto, o consumo é elevado a outro patamar. Não é somente o meio pelo qual adquirimos os produtos necessários para a nossa sobrevivência. Na sociedade do consumo, os indivíduos projetam suas identidades e sonhos em produtos, objetos e outros itens da cultura material. Daí em diante, o consumo passa a ocupar lugar de centralidade no tecido social e no cotidiano das pessoas, de tal modo que esse sujeito, o consumidor, adquire posição privilegiada. Ele é o foco das atenções e tudo é feito para atender suas necessidades insaciáveis e desejos ilimitados, criando com isso com uma sociedade de consumidores, identificada pelo consumismo inconsciente, materialismo desenfreado e capitalismo selvagem.

Por outro lado, o consumidor também se encontra em situação de risco. Em sua obra *Vida para Consumo*, o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman observou que este ser vive entre os extremos de “patetas e idiotas culturais” e “heróis da modernidade”. Se como heróis, os consumidores encarnam o ideal contemporâneo de liberdade, autonomia e racionalidade, enquanto idiotas culturais são retratados como “ludibriados por promessas fraudulentas, atraídos, seduzidos, impelidos e manobrados de outras maneiras por pressões flagrantes ou sub-reptícias, embora invariavelmente poderosas”[231]. Isso ocorre porque, como explicou Bauman, “na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável”.[232] O que Bauman está afirmando aqui é que o consumidor também é uma espécie de mercadoria, pois pode ser manipulado e usado para diversos interesses. Mas, não somente isso. Parece existir em cada consumidor — que assim se assume — um desejo no mínimo oculto de ser desejado e distinguido em meio à multidão de pessoas. Isso porque, ao valer-se de seu poder de compras para adquirir determinado bem, o consumidor assume a mesma característica da sua mercadoria: o desejo de ser notado e cobiçado pelos outros. Conforme Bauman: “Numa sociedade de

consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas”[233].

Evidentemente, devemos fazer uma clara distinção entre consumo e consumismo. Enquanto o consumo é uma atividade básica da vida humana, para adquirir os itens necessários de sobrevivência, o consumismo consiste em um hábito desvirtuado que transforma o supérfluo em necessário, e o necessário em supérfluo. Contudo, o consumismo é antes de tudo uma patologia social ou se se preferir, um atributo da sociedade, como sustenta Bauman. Para que uma sociedade adquira esse atributo, declara Bauman,

> a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser, tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada (“alienada”) dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca a “sociedade de consumidores” em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e conduta individuais[234].

A sociedade do consumo é marcada pelo efêmero e transitório. As pessoas vivem como se não houvesse o amanhã, o porvir. Tudo se resume ao aqui e agora. Essa sociedade é caracterizada também pela ostentação. Roberto Shinyashiki foi preciso ao dizer que nunca se viu, em toda a história da humanidade, um culto ao ego tão exacerbado como o de hoje. De acordo com Shinyashiki, “as pessoas desenvolvem a necessidade de fingir que sabem tudo, ganham todas e acertam sempre. Cada vez mais, exige-se que a pessoa mostre o que não é, fale o que não sabe e exiba o que não tem”. Agur parece ter antevisto esse cenário ao escrever o Provérbios 30, verso 13: “Há uma geração cujos olhos são altivos, e as suas pálpebras são sempre levantadas”. Do mesmo modo, o apóstolo Paulo apresentou as nuanças dos tempos trabalhosos, em que haveriam homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos (2 Tm 3.2).

Na sociedade de consumo, as pessoas nunca estão satisfeitas com o que possuem e gastam o que têm e até o mesmo que não têm, endividando-se,

para comprar algo novo. Embora alguns consigam satisfazer o desejo material, suas almas no fundo ainda permanecem vazias e sedentas por algo mais. E assim nunca se sentem completamente satisfeitas. J. P. Moreland chama isso de “eu vazio”. Segundo ele, o “eu vazio” está tão difundido na cultura atual que, às vezes, chega a ser tratado como praga cultural. Ele cita o psicólogo Philip Cushman que afirma: o eu vazio está repleto de bens de consumo, calorias, experiências, políticos, parceiros românticos e terapeutas empáticos. [...] o eu vazio experimenta uma ausência significativa de comunidade, tradição e sentido compartilhado, [...] uma falta de convicção e mérito pessoal, e incorpora essas carências como uma fome emocional crônica e indiferenciada”.[235] Nesse ambiente social onde a vida é desprovida de finalidade última, as pessoas tentam atribuir sentido a outras coisas, como o consumismo, o sucesso e o hedonismo, gerando com isso uma cultura dessensibilizada, ultrassexualizada, viciada em promiscuidade e pornografia, que falha em satisfazer o anseio pelo drama que nos foi dado por Deus.

O Perigo da Mentalidade do Consumo na Igreja

Gostaria de afirmar que a cultura do consumo é um fenômeno que ocorre tão somente no “mundo secular”. Mas não posso. As marcas da lógica do mercado e do consumismo também estão presentes em setores do protestantismo, trazendo sérios danos à espiritualidade e ao testemunho público da igreja. Refiro-me aqui ao protestantismo em especial porque este é o enfoque da presente obra.

Não é necessário muito esforço investigativo para comprovar a presença da cultura de consumo no mundo da religião. Tempos atrás a BBC Brasil publicava matéria que tinha por título: “Crescimento evangélico estimula mercado que une consumo e religião”. De acordo com a publicação: “É um grupo cada vez mais numeroso e com sede de prosperar e consumir. O crescimento dos evangélicos no Brasil, em especial no ramo pentecostal, provocou mais do que mudanças religiosas: fortaleceu um mercado econômico, que chama a atenção tanto de igrejas como da iniciativa privada. De seu lado, as igrejas criaram estratégias de negócios. E diversas montaram grupos e reuniões em que estimulam os fiéis a abrir negócios próprios e sanar suas finanças, com base na Teologia da Prosperidade — movimento que prega o bem-estar material do homem”[236].

Evidentemente, devemos olhar para este tipo de matéria com certo ceticismo, diante da espetacularização tão comum na mídia contra as igrejas evangélicas, mais precisamente as igrejas pentecostais. Não obstante, não podemos deixar de reconhecer a realidade da cultura de consumo na prática eclesial contemporânea. O teólogo pentecostal, malaio radicado nos Estados Unidos, Amos Yong, nos fornece um exemplo ao dizer que a vida cristã agora é medida pelos padrões econômicos ocidentais: roupas de luxo; carros de luxo; utensílios domésticos e um monte de outras bugigangas cristãs. O nível espiritual é medido pela capacidade de consumo dos crentes[237].

O Perigo do Utilitarismo

Falando a partir de uma perspectiva secular há muito tempo, Peter Berger identificou que com o crescimento da competição religiosa as instituições religiosas tornaram-se agências de mercado e as tradições de fé em comodidades de consumo, passando a ser dominada pela lógica da economia de mercado[238]. Na verdade, foram dominados pela lógica do mercado apenas aqueles que assumiram uma visão pragmática do ministério, tendo como foco os resultados. O *modus operandi* de tais ministérios é a ênfase excessiva em campanhas, símbolos e marketing religioso, com o único fim de conquistar mais consumidores da religião. Esse evangelho de benefícios leva muitos a uma peregrinação de igreja em igreja, em busca daquela que lhe ofereça mais vantagens espirituais, gerando uma falsa expectativa espiritual em nome de promessas religiosas e um enorme trânsito religioso. Segundo Paulo Romeiro: “Existe hoje no Brasil um contingente significativo de evangélicos, principalmente nos grandes centros urbanos, que estão sempre circulando de igreja em igreja. Não criam raízes, não conseguem cultivar relacionamentos e são avessos aos compromissos que normalmente surgem dos relacionamentos entre o fiel e a igreja: frequentar os cultos, contribuir sistematicamente com a igreja local e participar de suas atividades. A preferência de muitos é visitar grandes igrejas e diluir-se na multidão. Ali, a pessoa entra e sai sem ser notada ou cobrada. A esse fenômeno, já constatado pelos pesquisadores, os sociólogos denominam “trânsito religioso”.[239] Quanto mais os cristãos transitam, mas se decepcionam, diz Paulo Romeiro. Quanto mais se decepcionam, mais transitam. Assim, uma ação alimenta a outra. Acontece, então, que após tempos e tempos de falsas promessas humanas e benefícios

não efetivados, pessoas há que desanimam da fé, da igreja e até mesmo de Deus; atribuindo a Ele o fracasso de suas vidas por não terem recebido a prosperidade que esperavam e que haviam prometido.

O pragmatismo é perigoso na prática ministerial na medida em traz consigo a máxima maquiavélica em que “os fins justificam os meios”. Na ânsia de alcançar o maior número de pessoas a abordagem com foco em resultado preocupa-se demasiadamente com os fins em detrimento dos meios empregados, ainda que muitos desses meios não sejam convencionais ou ortodoxos. O que vale, afirmam, é que as pessoas venham para a igreja, pouco importando a estratégia adotada para convencê-las, extrapolando, assim, os limites bíblicos da contextualização adequada do evangelho.

Diferentemente dessa perspectiva, o ministério genuinamente cristão não se conduz com foco em resultados, mas com foco em Cristo, o qual deve ser o modelo a ser seguido. Nas narrativas bíblicas percebemos, em primeiro lugar, que o ministério de Jesus tinha como ponto de partida não o interesse ou o desejo das pessoas, mas a vontade de Deus. Em outras palavras, o ministério de Jesus tinha como foco a vontade divina. A vontade do Pai dava o direcionamento de sua prática ministerial, e por isso Jesus passava tempos a sós com Deus, em busca de solidão e para ouvir a voz do Pai celestial. Ele foi categórico ao dizer: “Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma. Como ouço, assim julgo; e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou” (Jo 5.30).

Em segundo lugar, o ministério de Jesus tinha como foco as pessoas. Enquanto o ministério pragmático se preocupa com números, Jesus se preocupa com almas. No ministério verdadeiramente cristão, crentes não são consumidores, são ovelhas. Afinal, Cristo valorizava cada pessoa individualmente não pelo seu *status* social, posição eclesiástica ou por algum benefício que pudesse receber, mas pelo seu valor intrínseco. Suas vidas faziam sentido e tinham significado, não em virtude de algo que tenham feito, mas em razão de trazerem consigo o desígnio de Deus sobre elas. Percebemos isso ao ver o Mestre se aproximando daqueles que estavam à margem da sociedade, pecadores e publicanos, a fim de tocar-lhes e transformar a vida. Essa é a razão pela qual o segundo Mandamento afirma: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39).

Por fim, em terceiro lugar, o ministério com foco Jesus não é conduzido pela força do braço ou na inteligência humana, ou ainda com as esperanças

depositadas nas estratégias de marketing e de crescimento corporativo. Diferentemente, o foco é o poder de Deus e o agir do Espírito Santo. Jesus exortou os seus discípulos dizendo: “Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus” (Mt 22.29). Todo ministério de Jesus foi permeado pela ação do Espírito Santo (Mt 12.18; Lc 4.14), para curar e anunciar o Evangelho. E este mesmo Espírito, o Consolador, foi enviado para consolar e capacitar à igreja em seu ministério (Jo 14.26; 16.7), para que façamos a obra por intermédio da sua capacitação.

Como Viveremos em Tempos de Consumismo?

Em um contexto saturado de consumismo, em meio à sociedade de consumo, como os cristãos devem viver? Como vencer a tentação das compras e o desejo pelo supérfluo?

Antes de tudo, comecemos por compreender a dimensão do problema aqui retratado. É necessário reconhecer que o problema do consumismo de nossos dias, não reside no modelo de economia de mercado que proporciona mais autonomia e liberdade ao indivíduo.

A raiz do problema, crucial lembrar mais uma vez, é a pecaminosidade, o egoísmo e o hedonismo humano. O problema não é a oferta demasiada de produto, mas o desejo insaciável dentro do coração do homem caído. Logo, como declara Amos Yong, se a economia de mercado deve ser redimida, a igreja tem de fornecer uma alternativa telo — outro conjunto de desejos — que podem contribuir para uma cura do mundo.[240] Em vez de uma egocêntrica teologia de autoajuda e empoderamento econômico, diz Yong, é preciso fazer emergir uma teologia trinitária de desejo, formado pelas práticas da igreja, sensível às particularidades e necessidades de cada pessoa como criada à imagem de Deus[241]. Ou seja, enquanto o mundo vê cada pessoa como consumidor anônimo, a igreja valoriza o ser humano como pessoa. Como filhos de Deus, somos convidados a rejeitar a lógica consumista do tempo presente e a nos afastar da cultura materialista e coisificada desta época. Para isso, é preciso pôr em prática a santificação, por meio daquilo que podemos chamar de *consumo santificado*.

A Bíblia fala abertamente sobre a importância da santificação (1 Ts 4.7; Hb 12.14), mas muitos de nós temos dificuldade de aplicá-la às coisas mais básicas da vida. Pensamos nela como alguma coisa distante da realidade; ou

conforme escreveu John Eldredge, como algo “espiritualmente elitista e, francamente bastante severo. Abrir mão de prazeres mundanos, coisas inocentes como açúcar, música ou pesca; viver uma vida inteiramente ‘espiritual’; orar muito, ser uma pessoa muito boa. Algo que apenas os santos muito antigos conseguiram”[242].

Contudo, vale recordar que a santificação é algo que abrange toda a maneira de viver de quem se entregou uma vez a Cristo (1 Pe 1.15). Aplicada ao consumo, a santificação promove na vida do crente uma postura contracultural (Rm 12.2), no sentido de rejeitar e se afastar da cultura dominante que valoriza a moda e tudo aquilo que supérfluo

A santificação produzida pelo Espírito Santo faz o ser humano redimido reconhecer a sua real identidade, olhando para si mesmo como filho de Deus e não como um produto. Enquanto o consumismo reduz o homem à condição de mercadoria, fazendo acreditar que o sentido e o valor da vida encontram-se no ato da compra, a santificação faz aclarar no coração do homem a graça e o amor de Deus. Eldredge explica que “o amor de Deus procura nos tornar íntegros e santos, a fim de que os seres humanos se tornem o que eles devem ser”.

A santificação nos afasta da avareza. Jesus disse aos seus discípulos para tomarem cuidado com a avareza, porque a vida de qualquer pessoa não consiste na abundância do que possui (Lc 12.15). Avareza (gr. *pleonexia*) significa sede de possuir mais; apego e desejo exagerado pelos bens materiais. O Mestre não está censurando o trabalho para a manutenção das necessidades básicas da pessoa e de sua família, e nem mesmo o anseio natural por melhores condições de vida. Sua advertência se dirige à ganância, isto é, a atitude cobiçosa de nunca estar satisfeito com aquilo que se possui. Tais pessoas, impulsionadas pelo desejo insaciável da carne, sempre procuram adquirir algo novo, “edificar novos celeiros” e formar um “depósito com muitos bens” (v. 18, 19).

Jesus alertou contra a ganância e a avareza, pois sabia que o amor ao dinheiro é a origem de todos os males (1 Tm 6.10). Eis o motivo pelo qual Ele afirmou: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6.24). Desse modo, não é possível servir a Deus plenamente ao mesmo tempo em que se ama ao dinheiro, afinal onde

está o tesouro de uma pessoa, aí também estará o seu coração (v. 21).

Ao nos fazer aproximar mais de Deus, a santificação realça o verdadeiro sentido da felicidade, algo que o consumista não consegue compreender. O desejo desenfreado de adquirir bens supérfluos condiciona a felicidade das pessoas à compra de coisas novas. O consumista nunca se sente satisfeito, e por isso é levado a exagerar no uso do cartão de crédito e do cheque especial, tudo para atender aos apelos da mídia e a ilusão do consumo. O consumismo, portanto, não é fruto da necessidade, mas do descontentamento. É uma forma de ingratidão. Contudo, o apóstolo Paulo deixou a receita para destruirmos esse vício pessoal ao dizer: "Aprendi a contentar-me com o que tenho" (Fp. 4.11). Essa afirmação não é um atestado de passividade e comodismo. É uma declaração de gratidão a Deus! Se você não está contente com o que já tem, certamente não estará quando adquirir o que pretende ter. Por isso, como cristãos, devemos agradecer a Deus por tudo o que possuímos, pois é dádiva divina!

Portanto, consumo santificado significa apartar-se do modelo consumista em curso na sociedade contemporânea, e desenvolver um estilo de vida frugal, com hábitos de consumo santos, disciplinados pelo fruto do Espírito (Gl 5.22), notadamente o domínio próprio.

---

228 BARBOSA, L. *Sociedade de Consumo*. 3ª. ed. Ebook Kindle. Zahar, 2004, p. 148.

229 BARBOSA, 2004, p. 240.

230 BARBOSA, 2004, p. 198.

231 BAUMAN, Z. *Vida para Consumo*: A transformação das pessoas em mercadoria. Ebook Kindle. Zahar, 2008, p. 259.

232 BAUMAN, 2008, p. 266.

233 BAUMAN, 2008, p 290.

234 BAUMAN, 2008, p. 592.

235 MORELAND, J. P. *O Triângulo do Reino*. São Paulo: Vida, 2011, p. 32.

236 *Crescimento evangélico estimula mercado que une consumo e religião*. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/09/110825_religiao_evangelicals_pai.shtml. Acesso em Acesso em fev/2016.

237 YONG, 2009, p. 332.

238 BERGER, P. L. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985, p. 149.

239 ROMEIRO, P. *Decepcionados com a Graça*: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal – São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p.160.

240 YONG, 2008, p. 3271.

241 YONG, 2008, P. 3276.

242 ELDREDGE, J. *A Santidade que Liberta*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 13

Capítulo 14

A Importância do Ensino Cristão no Mundo Atual

Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio; ensina
o justo e ele aumentará em entendimento. —
Provérbios. 9.9

Ao chegarmos ao final desta obra na qual temos tratado da relevância cristã na sociedade, abordaremos a importância do ensino cristão no mundo contemporâneo. Em tempos conturbados como estes em que vivemos, refletir sobre a educação segundo os pressupostos cristãos é tarefa essencial, especialmente para preparar o "povo do Livro" — como os crentes são chamados — a realmente viver e testemunhar as virtudes que se encontram na Palavra de Deus.

A Importância do Ensino: Reminiscências Judias

O ensino cristão, afirma Michael Lawson, remonta suas raízes aos primeiros dias do homem na Terra: "Deus começou a ensinar quando colocou uma restrição no comportamento do homem no jardim do Éden. Depois da queda, a necessidade de ensino aumentou. Pais piedosos passaram de uma geração para outra cruciais informações espirituais até que Deus formalizou a responsabilidade dos pais ao ordenar-lhes que ensinassem os filhos (Dt 6)"[243]. É a partir dessa premissa que o povo israelita vai ser formado, razão pela qual toda tradição e história de Israel era pautada pela necessidade do ensino da Lei de Deus para as gerações seguintes (Dt 6.6-9). A esse respeito, Hazel Perkin afirma:

> A educação sempre foi prioridade entre os judeus. A criança era ensinada a compreender a relação especial do seu povo com Deus e a importância de servir ao Senhor (Êx 12.26; 27; Dt 4.9). A história do povo judeu tinha enorme importância; este conhecimento ajudava a sustentar o ideal de uma

> pátria nos períodos de cativeiro e exílio. Como a criança era ensinada a princípio pela família, sua compreensão da fé era enriquecida pelas práticas familiares, especialmente refeições ligadas a festas religiosas como a Páscoa. Quando os meninos ficavam mais velhos, recebiam do pai ensinamentos sobre sua herança e tradições religiosas[244].

Não é sem razão que a palavra hebraica *Torah*, que se refere aos primeiros cinco livros da Bíblia, significa instrução, doutrina ou lei. O objetivo da educação judaica, diz César Moisés, "era preservar o povo de Deus das más influências dos povos idólatras e corrompidos que havia ao redor da Terra Prometida, em outros termos era uma contracultura"[245]. Em outras palavras, os descendentes de Abraão eram educados para servir ao Senhor e, ao mesmo tempo, refutar a influência dos falsos ensinamentos externos.

A passagem de Deuteronômio 6.6-9 sintetiza a responsabilidade do ensino da Lei de Deus de pai para filho, de uma geração para outra. No livro *Os judeus e as palavras*, Amós Oz e Fania Oz-Salzberger ressaltam esse aspecto central na cultura judia, ao dizer que os textos hebraicos antigos estão continuamente engajados com dois pares fundamentais: pais e filhos, professores e alunos[246]. O compromisso de transmitir os valores e as tradições para os descendentes estão, com efeito, na essência da cultura hebraica. Por essa razão, é que se afirma que nenhum povo antigo pode oferecer um paralelo comparável à persistência do judaísmo em "ensinar os jovens e inculcar neles as tradições e costumes de seu povo"[247].

Conhecer a Deus e obedecer a Lei, portanto, eramos propósitos básicos do ensino no Antigo Testamento; a verdadeira sabedoria se resumia ao temor a Deus: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo a prudência" (Pv 9.10). O conhecimento proporcionado pelo ensino não tinha outro foco senão levar o povo a uma vida reta e justa. Se a nação saia do centro da vontade de Deus era porque lhe faltava o conhecimento da Lei. Nisso vemos a advertência do Senhor por intermédio do profeta Oséias: "O meu povo foi destruído, porque lhe faltou conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos" (Os 4.6). Certamente, tal conhecimento não se refere ao aspecto intelectual e cognitivo, e sim na comunhão com Deus.

Ouseja, o conhecimento da Lei deveria levar a um viver santo e virtuoso. Como expressou o salmista: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; bom entendimento têm todos os que lhe obedecem; o seu louvor permanece para sempre” (Sl 111.10). Como se nota, os verdadeiros sábios e entendidos são aqueles que praticam os Mandamentos, e não os que decoram algum tipo de informação.

A Verdadeira Educação Cristã: Intelecto a Serviço do Reino

Se o ensino tinha valor para os israelitas, certo é que para os cristãos ele possui igualmente grande importância. Em Mateus 28.19,20, vemos o que César Moisés chama de *Vocação Magisterial da Igreja*: “Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos. Amem!”.A missão da Igreja, portanto, além de anunciar as Boas-Novas, é “ensinar as nações”, com vistas ao crescimento espiritual, desenvolvimento do caráter cristão, ou Fruto do Espírito, e, alcance da “perfeita varonilidade” (cf. Efésios 4.11-16)[248]. Assim, de acordo com o autor citado, “À Igreja compete a missão de ser uma agência de Deus para a evangelização do mundo (cf. Mt 28.19, 20; Mc 16.15, 16; At 1.8), bem como um canal do propósito divino de edificar um corpo de santos aperfeiçoados à imagem de Cristo (1 Co 12.28; 14.12; Ef 4.11-16)”[249].

A verdadeira educação cristã deve proporcionar o conhecimento de Deus e da sua Palavra (Mc 12.24), levando a uma vida que honre o bom nome de Cristo. Eis o motivo pelo qual somos convidados a crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor (2 Pe 3.18). Embora a fé seja uma firme convicção (Hb 11.1), conhecer os aspectos centrais da crença (doutrinas) cristãs é vital para a vitalidade do testemunho. Nas palavras de J. P. Moreland: “[...] é importante que você cresça na clareza e na profundida do entendimento das coisas específicas que crê acerca de Deus e dos assuntos a ele relacionados. Você, na verdade, não pode crer em algo vago”[250]. Morelandvai destacar ainda que,devido à crise do conhecimento em nossa época, “é fundamental que a igreja recupere a confiança de que está de posse de conhecimento espiritual e ético, sobretudo, das Sagradas Escrituras, mas

também na história de seu pensamento acerca de Deus, das questões morais, da vida espiritual e de outros tópicos importantes”[251].

Isso nos leva a perceber que devemos fazer uso da inteligência e da capacidade de raciocínio para glorificar a Deus. A Bíblia não aprova,afinal, o anti-intelectualismo e a aversão ao estudo sistematizado. Embora desabone o orgulho de filósofos humanistas (1 Co 1.20; 2.5,6), a Palavra de Deus aprecia o conhecimento, pois as Escrituras partem do pressuposto de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26), e por isso é um ser inteligente, comunicativo, com capacidade de aprender e ensinar. Jesus foi enfático ao dizer que precisamos amar a Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de toda a nossa força e de todo o nosso entendimento (Mt 22.37). Sendo assim, valorizar a vida da mente é algo tão espiritual quanto pregar, ensinar ou louvar. É uma atividade que deve ser feita em sintonia com a Palavra e para a glorificação do nome do Senhor. A Bíblia possui passagens exaltando o conhecimento e a sabedoria (Pv 18.15; 2 Pe 3.18).

Apesar disso, como alertou John Stott, “Deus não pretende que o conhecimento seja um fim em si mesmo, mas, sim, que seja um meio para se alcançar algum fim”[252]. Por essa razão, Stott ensina que o conhecimento que adquirimos deve nos conduzir a pelo menos quatro propósitos dignos. *Primeiro*, o conhecimento deve conduzir à adoração a Deus, a quem nos submetemos com plena admiração exclamando: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!”. (Rm 11.33). *Segundo*, o conhecimento deve conduzir a fé; mas uma fé com fundamentos sólidos, alicerçada no conhecimento que a torna racional. *Terceiro*, o conhecimento deve conduzir à santidade; em uma vida de entrega e devoção ao Senhor. E, *quarto*, o conhecimento deve conduzir ao amor, porque “quanto mais sabemos, mais devemos compartilhar do que sabemos com os outros e usar o nosso conhecimento em serviço a eles, seja na evangelização, seja no ministério”[253].

O Cristão, a Escola e a Universidade

Em nossos dias, é crucial fazer uso do conhecimento cristão para enfrentar os ataques à fé cristã. Ainda que nas escolas e universidades contemporâneas exista muito ensino hostil ao cristianismo bíblico, conforme vimos

inicialmente, o cristão deve primar por sua formação cultural e profissional. Afinal, as instituições de ensino, em si, não desviam o crente. As escolas e universidades simplesmente representam em menor escala o desafio natural do cristão que vive neste mundo que se opõe a Deus. Tais ambientes podem ser comparados a campos de batalha, que envolve tanto a disputa espiritual quanto intelectual. Logo, para ingressar nesse ambiente é necessário preparo prévio.

Se o cristão tiver o necessário preparo bíblico e apologético,não há razão alguma para temer o ingresso no ambiente educacional (1 Pe 3.15). Certamente, tal preparo envolve uma educação cristã abrangente, capaz de habilitar o crente a defender de forma consistente suas convicções no ambiente escolar, de modo a refutar as ideias e opiniões que se levantam contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento a obediência de Cristo (2 Co 10.5).

Dentro desse estado de coisas, escrevi o livro *O Cristão e a Universidade*, porque a liderança cristã (pastores e líderes de jovens) e os próprios pais precisam repensar cada qual o seu papel e estabelecer um diálogo mais próximo e efetivo com esses jovens e adolescentes da igreja, instruindo-os para a formação de uma verdadeira apologética cristã, como o intuito de que possam responder com segurança aos questionamentos sobre a fé que professam, e tenham condições de interagir com a sociedade sem que tenham de abandonar a Cristo.

Johanes Janzen, depois de apresentar o levantamento de J. Warner Wallace — que elencou três razões[254] que levam os jovens cristãos a abandonar da igreja quando entram na faculdade — destacou que nós não podemos mudar a natureza hostil da universidade ou a natureza humana de nossos jovens cristãos. Por essa razão, se quisermos mudar esse quadro, precisamos nos envolver com o primeiro aspecto.

> Temos que fazer o que for preciso para informar, equipar e ocupar os jovens cristãos em uma investigação racional e evidencial do cristianismo. Vai ser duro o suficiente para os nossos alunos resistirem à tentação de abandonar a sua cosmovisão cristã, quando tentados pelos seus próprios desejos, especialmente dada a natureza da vida universitária e o incentivo que receberão a perseguir suas paixões. Mas, será ainda mais fácil os

> nossos alunos irem embora, se eles não souberem sequer por que o cristianismo é verdade... É hora de alinhar as nossas igrejas e ministérios para envolver o grupo demográfico mais importante dentro da igreja: jovens cristãos. É hora de entrar no jogo, redirecionar os nossos esforços e começar a treinar.[255]

Em nossos dias saber articular o evangelho de forma inteligente, coerente e relevante no mercado das ideias, mantendo-se, ao mesmo tempo, fiel às Escrituras, é uma questão crucial aos cristãos, especialmente em nosso contexto cultural, que oferece um cardápio de experiências religiosas bastante variado.[256] A pluralidade de cosmovisões resultantes do sincretismo nas esferas religiosa e ideológica exige um realinhamento individual e comunitário, de uma mente cristã fundamentada em uma visão cristã do universo, da cultura, do sistema sociopolítico e religioso em que vivemos. Do contrário, estaremos nos expondo às críticas, muitas vezes merecidas, que têm sido levantadas contra o cristianismo institucionalizado e decadente do século passado, assim como o dos nossos dias.

É isso o que Nancy Pearcey quer dizer quando afirma que os cristãos têm de ser bilíngues para traduzir o evangelho em uma língua que a nossa cultura entenda. Como imigrantes, precisamos falar na linguagem da fé e da religião que professamos. Mas, como missionários, devemos traduzir essa língua para a língua da cultura em que vivemos. O problema é que a grande maioria dos estudantes cristãos, diz Nancy Pearcey "não sabe expressar a perspectiva da crença que professam usando uma língua adequada ao ambiente público". Como imigrantes, que ainda não dominam a gramática do novo país, eles são tímidos. Em particular, falam uns com os outros na língua materna de sua religião, mas em sala de aula não têm certeza de como expressar a perspectiva religiosa na linguagem do mundo acadêmico."[257]

A mudança desse panorama requer o uso de uma educação cristã abrangente que contemple, além do ensinamento das doutrinas espirituais básicas, a formação de uma cosmovisão eminentemente bíblica, que supere a velha repetição de dogmas denominacionais e tradicionalistas, que não raro retiram o senso de reflexão dos crentes e a capacidade de discernimento crítico.

A verdadeira educação cristã deve ser capaz de formar discípulos

conscientes de si mesmos e de suas responsabilidades perante o Reino de Deus, de modo que a obediência e a fidelidade às leis morais extraídas das Sagradas Escrituras e à vontade de Deus sejam o resultado de uma mente transformada e cativa ao senhorio de Cristo (2 Co 10.5), e não de uma vontade individual subserviente, suprimida pelas forças institucionais da religião. Parafraseando o apóstolo Paulo, somente pela transformação e pela renovação da nossa mente, em Cristo, é que podemos experimentar qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.2). A educação cristocêntrica parte desse princípio, promovendo libertação e transformação de dentro para fora.

Essa educação deve explicitar não somente a lista de crenças cristãs, mas os fundamentos dessas crenças. Como ressaltou Philip Johnson, "[...] é provável que a educação cristã seja exercício fútil se não prepara os jovens para sobreviver aos desafios da cosmovisão que seguramente encontrarão".

---

243 LAWSON, M. S. *Fundamentos Bíblicos para uma Filosofia do Ensino*. In: GANGEL, K. O, HENDRICKS, H. G. *Manual de Ensino para o Educador Cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 66

244 PERKIN, H. Apud: CARVALHO, C. M. *Uma Pedagogia para a Educação Cristã*: Noções básicas da ciência da educação a pessoas não especializadas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 51

245 CARVALHO, 2015, p. 52.

246 OZ, A; OZ-SALZBERGER, F. *Os Judeus e as Palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 21.

247 OZ, A; OZ-SALZBERGER, 2015, p. 21.

248 CARVALHO, 2015, p. 58.

249 CARVALHO, 2015, p. 59.

250 MORELAND, 2011, p. 176.

251 MORELAND, 2011, p. 153.

252 STOTT, J. *Crer é também pensar*. São Paulo: ABU Editora, 2001, p. 55.

253 STOTT, 2001, p. 58.

254 1. Nossos adolescentes cristãos são inarticulados e desinformados; 2. As universidades são geralmente hostis ao Cristianismo; 3. Os jovens estão ansiosos para perseguir os seus desejos com liberdade.

255 JANZEN, J. Disponível em: http://www.origemedestino.org.br/blogjohannesjanzen/?post=682. Acesso em 3/2/2015.

256 RAMOS, R. *Evangelização no mercado pós-moderno*. Disponível em http://livros.gospelmais.com.br/files/livro-ebook-evangelizacao-no-mercado-pos-moderno.pdf. Acesso em 01/06/2015.

257 PEARCEY, 2006, p. 76.

Bibliografia

ARMÍNIO, J. *As Obras de Armínio.* Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

ARMSTRONG, A. *O Fim da Pobreza:* o evangelho, a nova criação e a necessidade de um salvador. São Paulo: Vida Nova, 2015.

ARRINGTON, F. L.; STRONSTAD, R. (Eds.). *Comentário Bíblico Pentecostal: Vol. 1 Mateus - Atos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

BARBOSA, L. *Sociedade de Consumo*. 3ª. ed. Ebook Kindle. Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. *Vida para Consumo*: A transformação das pessoas em mercadoria. Ebook Kindle. Zahar, 2008.

BECKWITH, F; CRAIG, W. L.; MORELAND, J.P. *Ensaios Apologéticos:* um estudo para uma cosmovisão cristã. São Paulo: Hagnos, 2006.

BENTHO, E. C. (Coord.). *Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

BERGER, P. L. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BONINO, M. *Em Busca de Poder*. Ebook Kindle. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2011.

CALAZANS, J. H. C; LIMA, C. A. R. *Sociabilidades virtuais*: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais online. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/sociabilidades-virtuais-do-nascimento-da-internet-a-popularizacao-dos-sites-de-redes-sociais-online.

CAMPOS, B. *El Princípio Pentecostalidad*: la unidad em el espíritu, fundamento de la paz. Lima: Kerigma Publicações, 2016.

CARSON, D. A. *Cristo e Cultura*: uma releitura. São Paulo: Vida Nova, 2012.

CARSON, D. A. *Igreja Emergente:* o movimento e suas implicações. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CARSON, D. A. *O Deus amordaçado*: o Cristianismo confronta o pluralismo. São Paulo:

Shedd Publicações, 2013.

CARVALHO, C. M. *Uma pedagogia para a educação cristã*: Noções básicas da ciência da educação a pessoas não especializadas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

COELHO, A.; DANIEL, S**.** *Fé e obras*: ensinos de Tiago para uma vida crista autêntica. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

COLEMAN, R. E. *Plano Mestre de Evangelismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

COLSON, C.; PEARCEY, N. *E agora, como viveremos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

COLSON, C.; PEARCEY, N. *O Cristão na Cultura de Hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

CHILDERS, C. L.; EARLE, R.; SANNER, A. E. (Eds.). *Comentário Bíblico Beacon:* 6 – Mateus a Lucas. Rio de Janeiro, CPAD, 2016.

COX, H. *A Cidade Secular:* a secularização e a urbanização na perspectiva teológica. Santo André: Academia Cristã, 2015.

CRAIG, W. L. *Apologética Contemporânea*: a veracidade da fé cristã. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

D'SOUZA, D. *A Verdade sobre o Cristianismo:* por que a religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

DALRYMPLE, T. *Em Defesa do Preconceito*: a necessidade de se ter ideias preconcebidas. São Paulo: É Realização, 2015.

DANIEL, S. *A sedução das novas teologias*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

DAWSON, C. *A Divisão da Cristandade*: a reforma protestante à era do iluminismo: São Paulo: É Realizações, 2010.

DEVER, M. *A Mensagem do Antigo Testamento*: uma exposição teológica e homilética. Rio de Janeiro, CPAD, 2008.

ELDREDGE, J. *Santidade que Liberta*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

FERREIRA, F. *Contra a Idolatria do Estado:* o papel do cristão na política: São Paulo: Vida Nova, 2016.

GALDINO, E. *Estado sem Deus:* a obrigação da laicidade na Constituição. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

GANDRA FILHO, I. *O Estado Laico e a Liberdade Religiosa*. São Paulo: LTr, 2011.

GANGEL, K. O, HENDRICKS, H. G. *Manual de Ensino para o Educador Cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

FEE, G. D. *Paulo, o Espírito e o Povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FIENSY, D. A. *Christian Origins and the Ancient Economy*. Oregon: Cascade Books, 2014, p. 5.

GEISLER, N.; MEISTER, C. (ed.). *Razões para Crer*: apresentando argumentos a favor

da fé crista. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

GIRARDI, R. *Aquele por quem o Escândalo Vem*. São Paulo: É Realizações, 2011.

GONZALEZ, J. L. *Economia e Fé no Início da Era Cristã*. São Paulo: Hagnos, 2015.

GREATHOUSE, W. M.; METZ, D. S.; CARVER, F. G. (Eds.). *Comentário Bíblico Beacon:* 8 – Romanos a 1 e 2 Coríntios. Rio de Janeiro, CPAD, 2016.

GRUDEM, W. *Política segundo a Bíblia*: princípios que todo cristão deve conhecer. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GRUDEM, W.; ASMUS, B. *A Pobreza das Nações*: uma solução sustentável. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HALÍK, T. *A noite do confessor*: a fé cristã num mundo de incerteza. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.

HARRISON, R. K. *Tempos do Antigo Testamento*: um contexto social, político e cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

HENRY, M. *Comentário Bíblico Novo Testamento*: Atos a Apocalipse. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

HEWITT, H. *Blog: Entenda a revolução que vai mudar seu mundo*: Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

HORTON, S. M. *Teologia Sistemática*: Uma perspectiva Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

KAISER JR., W. *O Cristão e as Questões Éticas Da Atualidade*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, T. *A Fé na Era do Ceticismo*: como a razão explica as crenças divinas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

_____. *Igreja centrada*: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.

_____. *Justiça Generosa*: a graça de Deus e a justiça social. São Paulo: Vida Nova, 2006.

KENNEDY, D. J.; NEWCOMBE, J. *As Portas do Inferno não Prevalecerão:* o ataque ao Cristianismo e o que você precisa saber para resistir. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

KAPITANSKI, R. C.; STREY, M. N. *Violência & Internet*: A era da informação e a vida cotidiana (e agora.com). Ebook Kindle. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010.

KOYZIS, D. T. *Visões e Ilusões Políticas:* uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LENNOX, J. C. *Por que a Ciência não Consegue Enterrar Deus*?. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

LEWIS, C. S. *A abolição do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LLOYD-JONES, D. M. *Romanos: Exposição sobre o capítulo 12* – o comportamento cristão. São Paulo: Editora PES, 2003.

LYON, D. *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 1998.

MACARTHUR, J. (Org.). *Pense Biblicamente*: recuperando a visão cristãde mundo. São Paulo: Hagnos, 2005.

MACHADO, J. E.M. *Estado Constitucional e Neutralidade Religiosa*: entre o teísmo e o (neo)ateísmo. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2013.

MENZIES, R. *Pentecostes*: Essa História é a nossa História. E-book Kindle. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

MORELAND, J. P. *O triângulo do Reino*. São Paulo: Vida, 2011.

NASCIMENTO, V. *Graça Preveniente*: um estudo sobre o gracioso agir de Deus para a salvação humana. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

_____. *O Cristão e a Universidade*: um guia para a defesa e o anúncio da cosmovisão cristã no ambiente universitário. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

OZ, A; OZ-SALZBERGER, F. *Os judeus e as palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PALMER, M. D. (Org.). *Panorama do Pensamento Cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

PEARCEY, N. *Verdade Absoluta:* libertando o Cristianismo do seu cativeiro cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PFEIFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J. (Eds.). *Dicionário Bíblico Wyclyffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

PLATT, D. *Contracultura*: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia. São Paulo: Vida Nova, 2016.

POHL, A. *O Evangelho de Marcos:* Rio de Janeiro: Editora Esperança, 1998

RAMOS, L; CAMARGO, M; AMORIM, R. *Fé Cristã e Cultura Contemporânea*: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral.Viçosa/MG: Ultimato, 2009.

RAMOS, Robson. *Evangelização no mercado pós-moderno***.** Disponível em http://livros.gospelmais.com.br/files/livro-ebook-evangelizacao-no-mercado-pos-moderno.pdf. Acesso em 01/06/2015.

RICHARDS, L. O. *Comentário Devocional da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

_____. *Comentário Histórico-Cultural no Novo Testamento*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

_____. *Guia do Leitor da Bíblia*: uma análise de gênesis a apocalipse capítulo por capítulo. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ROBERTSON, A. T. *Comentário Mateus e Marcos à Luz do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

ROMEIRO, P. *Decepcionados com a Graça*: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SANTANA, E. T. *Bullyng e Cyberbullyng*: agressão dentro e fora de casa. Ebook Kindle. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTANA, U.; MORENO, J; TAMBELINI, R. *A Liberdade Religiosa no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Anajure Publicações. 2014.

SANTOS JUNIOR, A. C. *Liberdade Religiosa e Contrato de Trabalho*: a dogmática dos direitos fundamentais e a construção de respostas constitucionalmente adequadas aos conflitos religiosos no ambiente de trabalho. Niterói/Rio de Janeiro: Editora Impetus, 2013.

SIRE, J. *O Universo ao Lado*: um catálogo básico sobre cosmovisão. 4ªed. São Paulo: Hagnos, 2009.

SCHAEFFER, F. *A Igreja no Século XXI.* São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

SCHEIBLE, H. *Melanchton: uma biografia.* São Leopoldo: Sinodal, 2013.

SMITH, J. *Thinking in Tongues*: pentecostal contributions to christian philosophy. e-book kindle. Grand Rapids, Michigan: Eerdman Publishing, 2010.

SOWELL, T. *Conflito de Visões*: origens ideológicas das lutas políticas. São Paulo: É Realização, 2011.

STOTT, J. *Crer É também Pensar***.** São Paulo: ABU Editora, 2001.

_____. *Cristiano básico*. Viçosa/MG: Ultimato, 2007.

TAYLOR, R. S. Et al. *Comentário Bíblico Beacon:* 10 – hebreus a apocalipse. Rio de Janeiro, CPAD, 2016.

VINE. W. E.; UNGER, M. F.; WHITE JR.; W. *Dicionário Vine*: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

WESLEY, J. *Sermão da Montanha*. Esboço do Sermão 24. Disponível em: http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/documentos-oficiais/SERMAO_24_SOBRE_O_SERMAO_DO_MONTE_DISCURSO_4.pdf.

WILLARD, D. *A Conspiração Divina*: um roteiro para trilhar o caminho de Deus. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

WIRSBE, W. W. *Comentário Bíblico Expositivo*: novo testamento1. Santo André/SP: Editora Geográfica, 2007.

WRIGHT, N. T. *Surpreendido pelas Escrituras*. Viçosa/MG: Ultimato, 2015.

_____. *Surpreendido pela esperança*. Viçosa/MG: Ultimato, 2009.

YONG. A. *In the Days of the Caezar:* pentecostalism and political Theology (Sacra Doctrina: Christian Theology for a Postmodern Age). Ebook Kindle. Grand Rapids, Michigan: The Cadbury lectures, 2009.

ZEINLINGER, F. *Entre o Céu e Terra***:** comentário ao sermão da montanha (Mt 5 – 7).

Ebook Kindle. São Paulo: Paulinas, 2008.

ZACHARIAS, R. *Poder o Homem Viver sem Deus?.* São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 95-96.

ZUCK, R. B. (Ed). *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.



A grande maioria de nós, cristãos, não sabemos lidar muito bem com a palavra mundo. Somos rápidos em apontar suas mazelas, feiuras e horrores, mas não temos tanta habilidade assim para propor soluções genuinamente bíblicas para os seus problemas. É lugar comum se afirmar que vivemos em um mundo corrompido, onde impera a desordem, a imoralidade, a violência e todos os demais efeitos estruturais do pecado. Todavia, poucos no meio evangélico têm se preocupado em enfrentar as questões sociais e culturais da nossa época. O Reino de Deus foi e sempre será o elemento-chave pelo qual os discípulos devem compreender a vida cristã no presente século. O nosso desafio como cristãos é viver em um mundo caído sem nos esquecer da realidade do Reino, por meio do qual podemos compreender todas as mazelas que irrompem na sociedade, sem perder a fé e a esperança.



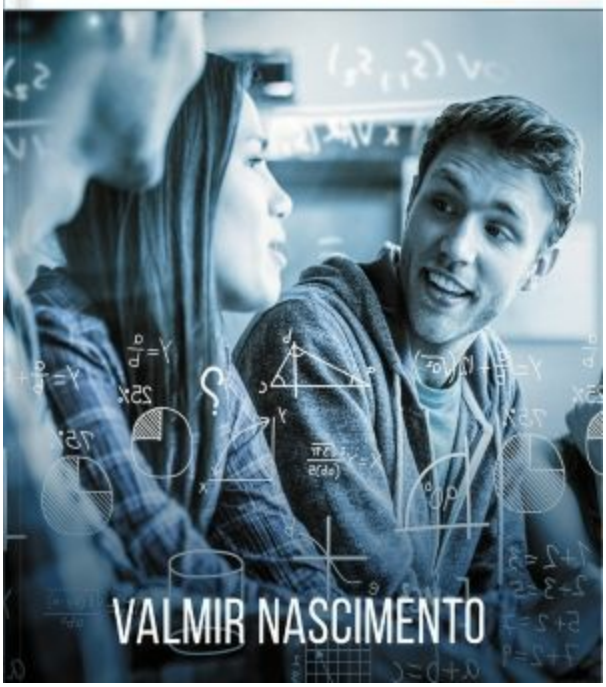
Valmir Nascimento é graduado e pós-graduado em Direito. Teólogo, com mestrado em Teologia pela EST. Educador Cristão. Docente universitário das Faculdades Felcs. Membro e Diretor da Anajure. Evangelista da Assembleia de Deus em Cuiabá/MT, atua junto ao ministério de evangelismo universitário da Agência Pés Formosos/ Chy Alpha Brasil. Escritor e palestrante, é comentarista de *Lições Bíblicas de Jovens* da CPAD e autor do livro *O Cristão e a Universidade*. É casado com Carla Marcele Milomem, pai do Vinicius e da Beatriz.

CPAD

Seguidores de Cristo

ISBN 8526314726

O CRISTÃO e a UNIVERSIDADE



VALMIR NASCIMENTO

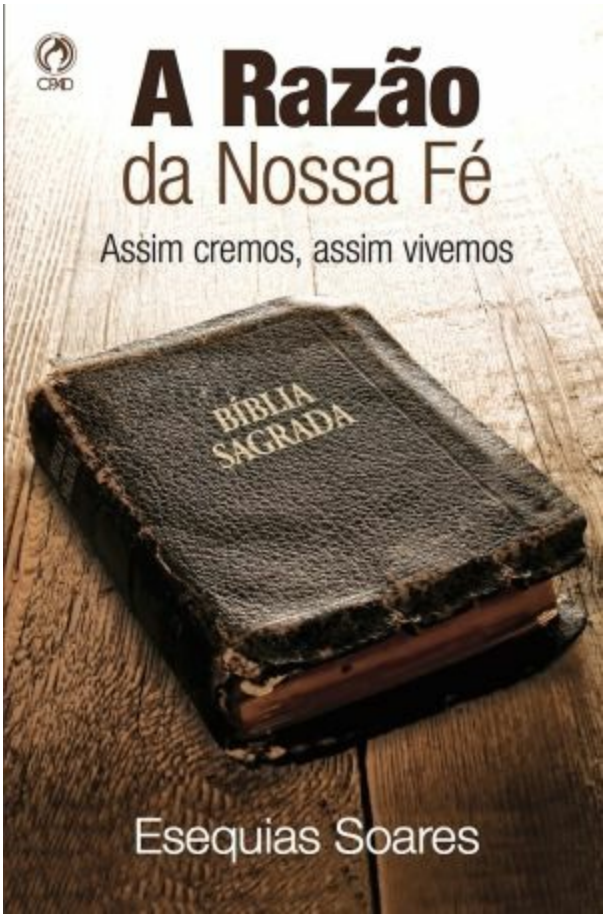
O Cristão e a Universidade

Nascimento, Valmir
9788526314153
264 páginas

Compre agora e leia

Neste livro o autor, com vastas referências bíblicas e bibliográficas, descortina a vida acadêmica do cristão e faz um chamamento para enfrentarmos a universidade com a certeza de que colheremos frutos individuais e coletivos. Este é o livro ideal para os que desejam aproveitar tudo o que a universidade oferece, sendo relevante e atuante, mas jamais esquecendo a missão de levar o nome de Jesus a todos.
Um Produto CPAD.

Compre agora e leia


A Razão
da Nossa Fé
Assim cremos, assim vivemos
BÍBLIA SAGRADA
Esequias Soares

A razão da nossa fé

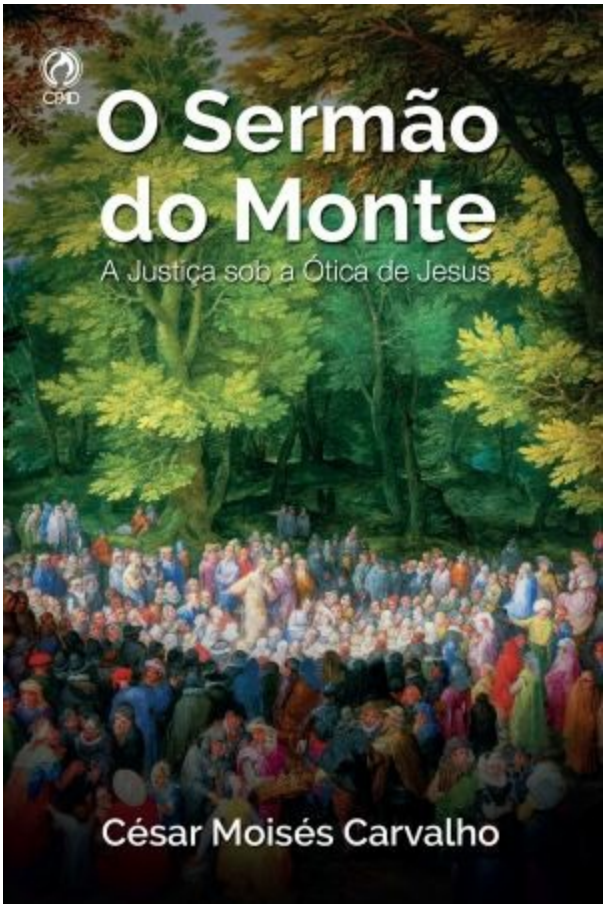
Soares, Esequias
9788526314832
160 páginas

Compre agora e leia

Os credos e as confissões de fé têm sempre as suas explicações complementares e adicionais para torná-los mais claros. Esses documentos, como disse McGrath, são "interpretações precisas e autorizadas das Escrituras". Isso significa que se tratam de doutrinas oficiais de uma igreja ou denominação, que norteiam a vida religiosa de seus membros.
O Cremos das Assembleias de Deus, desde 1969, tem servido como um guia doutrinário básico para a denominação. No entanto, a exigência da atualidade pedia algo mais amplo. Com a promulgação da Declaração de Fé na 43ª Assembleia Geral da CGADB, o Cremos continua mantendo a sua importância, agora como uma síntese de nossa doutrina.
A Declaração de Fé é uma coletânea de crenças e práticas oficiais da denominação, estruturadas de forma simples e sistemática, que mostra para a sociedade aquilo que nós cremos. Trata-se de um documento de extraordinária importância na vida da Igreja, pois serve

como sumário doutrinário da Bíblia para ajudar irmãos e irmãs na compreensão das Escrituras e também para proteger a Igreja contra as falsas doutrinas.
O livro que o leitor tem em mãos é um comentário bíblico, teológico e histórico de cada ponto doutrinário do Cremos, que visa a uma compreensão mais ampla das nossas crenças e práticas.

Compre agora e leia


CPAD
O Sermão do Monte
A Justiça sob a Ótica de Jesus
César Moisés Carvalho

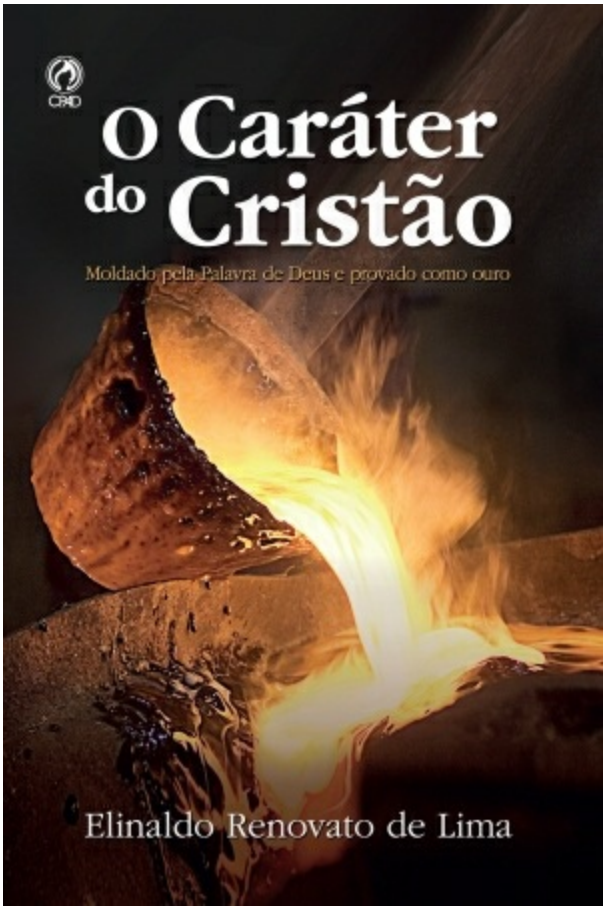
O Sermão do Monte

Carvalho, César Moisés
9788526314436
160 páginas

Compre agora e leia

Estudar o Sermão do Monte é um desafio pois a familiaridade com o material e a aparente facilidade dos seus enunciados esconde o fato de que se trata de um texto de difícil interpretação e, ainda pior, aplicabilidade. Nesta obra, os capítulos foram organizados obedecendo a estrutura da revista Lições Bíblicas Jovens, porém desenvolvidos em forma de comentário bíblico valorizando, sobretudo, o aspecto teológico do mais popular e célebre dos sermões proferidos pelo Mestre.
Um Produto CPAD.

Compre agora e leia


CPAD
O Caráter do Cristão
Moldado pela Palavra de Deus e provado como ouro
Elinaldo Renovato de Lima

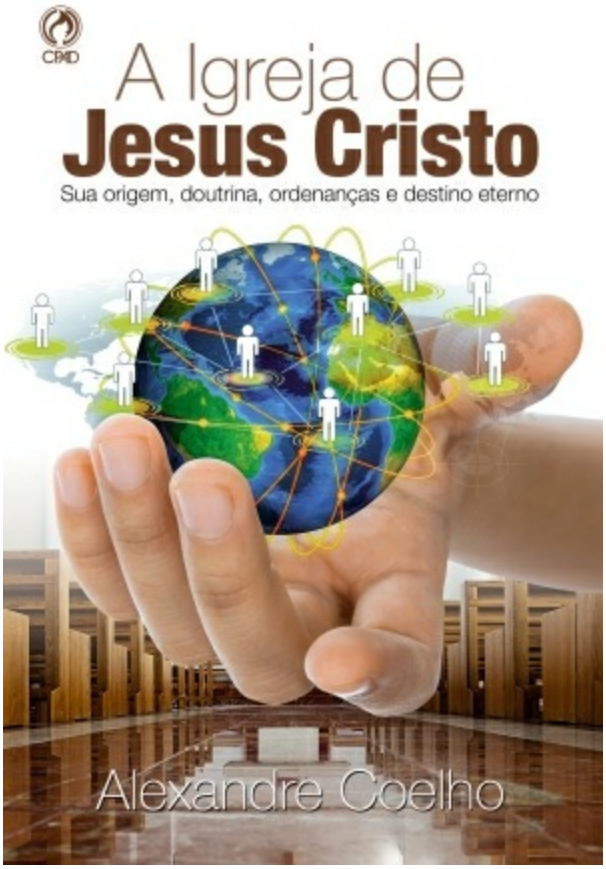
O Caráter do Cristão

de Lima, Elinaldo Renovato
9788526314429
160 páginas

Compre agora e leia

O pastor Elinaldo Renovato prepara um estudo completo de personagens bíblicos que nos ajudarão a entender o verdadeiro caráter Cristão. Começando com Abel, passando por Isaque, Jacó, Rute e Maria, e terminando com nosso maior referencial, Jesus, este livro é um alerta à igreja com relação aos maus exemplos deste mundo e um chamamento a termos a Bíblia como maior parâmetro de caráter.

Compre agora e leia


CPAD
A Igreja de
Jesus Cristo
Sua origem, doutrina, ordenanças e destino eterno
Alexandre Coelho

A Igreja de Jesus Cristo

Coelho, Alexandre
9788526314320
160 páginas

Compre agora e leia

"Temos um chamado radical para os nossos dias: ser da igreja e colabora com ela. Diante de tantas críticas que são feitas contra a igreja, precisamos nos posicionar e agir de forma coerente com a nossa fé. Devemos ter uma postura de fazer algo por nossa igreja."

O que é a Igreja? No que ou em quem ela se fundamenta? Quais são seus objetivos? O que são ordenanças? Neste livro, o pastor Alexandre Coelho discorre sobre diversos temas de grande relevância tanto acerca das doutrinas da igreja quanto sobre a vida e da prática eclesiástica de uma igreja viva e cheia do Espírito Santo.

Um Produto CPAD.

Compre agora e leia